

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**INOVAÇÃO OU IMPORTAÇÃO? A DOCTRINA DO CHOQUE E O CONFLITO**  
**ISRAELO-PALESTINO**

**Marcella Basílio de Souza**  
**Orientado por Prof. Dr. Hugo Rezende Henriques**

**Uberlândia - MG**

**2025**

# **INOVAÇÃO OU IMPORTAÇÃO? A DOUTRINA DO CHOQUE E O CONFLITO ISRAELO-PALESTINO**

Marcella Basílio de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Segurança Internacional

---

Orientador: Prof. Dr. Hugo Rezende Henriques

**Uberlândia - MG**

**2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Marcella Basílio de Souza

**Aprovado em:** 24/09/2025

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. Hugo Rezende Henriques  
(orientador) UFU

---

Prof. Dr. Filipe Almeida do Prado Mendonça  
UFU

---

João Fernando Finazzi  
UFU

*Se quisermos defender os princípios básicos da justiça humana, devemos fazê-lo para todos, não apenas seletivamente para nosso povo, nossa cultura e nossa nação. — Frase atribuída à Edward Said.*

## AGRADECIMENTOS

Se inicia aqui uma falha tentativa de se colocar em palavras o sentimento de gratidão a todos aqueles que me acompanharam durante toda a jornada do curso de Relações Internacionais que, sem exagero algum, se mostrou como uma grande montanha russa. O início dessa trajetória foi turbulento, com o grande desafio da pandemia que nos impedia de nos conectarmos e nos conhecermos de forma real. Em um primeiro momento, todos aqueles que dividiram comigo a maior parte — se não todas — das experiências de ser uma universitária, eram apenas cabeças flutuantes, projetadas através da tela de um computador. Apesar da esperança, mal sabia eu que essas pessoas e essas experiências me marcariam para o resto de minha vida, formando quem sou hoje. Foi na Universidade Federal de Uberlândia que conheci grandes amigos, descobri minha paixão pelo cheer, me desenvolvi, me reinventei e me entendi não só como pessoa, mas também como profissional. Então a isso, a minha eterna gratidão.

Apesar das dificuldades, sou incapaz de contabilizar os momentos em que fui feliz durante essa jornada e isso só foi possível graças às pessoas incríveis que tive o prazer de conhecer no caminho. Primeiramente, minha eterna gratidão à minha família, em especial, aos meus pais, avós e irmão que me possibilitaram chegar até aqui e me mostraram o significado de força e resiliência, me ensinando a jamais desistir. Agradeço também ao João Lucas, que sempre acreditou em mim e me mostrou o que é amar; aos Demokritos, Cinthya, Dudu, Miris, Paloma e Heitor que me mostraram o significado de companheirismo e amizade; à Isa, Mari, Berto, Bianca, Malena, Vini, Nath, Ana Luiza, Lucas e Luiz Othavio, vocês fizeram as turbulências do curso serem menos assustadoras. Ao Macropoder, por todas as oportunidades e trocas; às Magnatas, por me mostrar a beleza do esporte e pela amizade que construímos; aos professores que me inspiraram, me dando a certeza de que eu estava no caminho certo; e ao Hugo, meu orientador que me acompanha desde o meu primeiro período, me trazendo intensas reflexões e sendo também um grande amigo.

Aqui se inicia o fim de um intenso ciclo, pelo qual sou e sempre serei grata! Foi durante o percurso dessa grande montanha russa que aprendi a superar as dificuldades e entender que os sonhos podem sim sair do imaginário e serem realizados. Neste momento, realizo apenas um dos meus inúmeros sonhos, com a certeza de que muitos outros se concretizarão. E a isso, mais uma vez, um grandíssimo obrigada a todos aqueles que estiveram presentes e ainda permanecem na minha jornada, vocês são uma parte importante de mim!

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1:** Esquema de Partilha da Comissão Peel

**Figura 2:** Plano de Partição da Resolução 181

**Figura 3:** Linhas de Armistício

**Figura 4:** Territórios ocupados por Israel após a Guerra dos Seis Dias

**Figura 5:** Construção do Muro da Cisjordânia

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

<b>AGNU</b>	Assembleia Geral das Nações Unidas
<b>CIA</b>	Agcia Central de Inteligcia
<b>CSNU</b>	Conselho de Segurança das Nações Unidas
<b>CTC</b>	Centro de Misso para Contraterrorismo
<b>EUA</b>	Estados Unidos da Amrica
<b>IPC</b>	Classificação Integrada de Segurança Alimentar
<b>OLP</b>	Organização para a Libertação Palestina
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>OPAQ</b>	Organização para a Proibição das Armas Qumicas
<b>TPOs</b>	Territrios Palestinos Ocupados
<b>UNRWA</b>	Agcia das Nações Unidas de Assistncia aos Refugiados da Palestina no Prximo Oriente

## RESUMO

Baseando-se em uma premissa bíblica, o projeto sionista surgiu no final do século XIX, na Europa, com o propósito de criar e consolidar um Estado de maioria judaica na Palestina. Para isso, utilizou-se contra o povo palestino, processos de colonização, mecanismos de expulsão e uso sistemático de violência — fatores que culminaram na eclosão do conflito israelo-palestino, que entre momentos de maior e menor intensidade, segue em curso desde as primeiras rebeliões palestinas, na década de 1920. Com o agravamento das tensões e a intensificação das ofensivas israelenses, especialmente a partir da retórica global de combate ao terrorismo nos anos 2000, observa-se um renovado esforço de Israel por novas estratégias e táticas militares, sociais, econômicas e simbólicas a garantir vantagens no conflito. Nesse sentido, a instrumentalização — e, em muitos casos a amplificação — de crises tornaram-se táticas para intensificar o projeto neocolonial sionista, visando alcançar a solução final de um Estado puramente judeu, demonstrando a aplicação prática da Doutrina do Choque proposta por Naomi Klein. Diante desse cenário, este trabalho investiga: como a Doutrina do Choque foi implementada no conflito israelo-palestino e em que medida essa aplicação pode ser compreendida como um laboratório de choque ou como uma importação do modelo estadunidense? A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, teórico-documental e histórica, argumentando que Israel atua como um verdadeiro laboratório de choque, apropriando-se de estratégias neoliberais e militares para legitimar e consolidar seu projeto colonial, ampliando os mecanismos repressivos sob a justificativa de combate ao terrorismo.

**Palavras-chave:** doutrina do choque; Israel; Palestina; conflito; capitalismo de desastre.



## ABSTRACT

Grounded in a biblical premise, the Zionist project emerged in the late nineteenth century in Europe with the aim of creating and consolidating a Jewish-majority state in Palestine. To this end, it employed processes of colonization, mechanisms of expulsion, and the systematic use of violence against the Palestinian people — factors that culminated in the outbreak of the Israeli-Palestinian conflict, which, through moments of greater and lesser intensity, has persisted since the first Palestinian uprisings in the 1920s. With the escalation of tensions and the intensification of Israeli offensives, particularly following the global counterterrorism rhetoric of the 2000s, Israel has undertaken renewed efforts to develop military, economic, and symbolic strategies and tactics aimed at securing advantages in the conflict. In this context, the instrumentalization — and, in many cases, the amplification — of crises have become tactics to intensify the Zionist neocolonial project, seeking to achieve the final solution of a purely Jewish state, thereby demonstrating the practical application of Naomi Klein's Shock Doctrine. Against this backdrop, this study investigates how the Shock Doctrine has been implemented in the Israeli-Palestinian conflict and to what extent this application can be understood as a "shock laboratory" or as an importation of the U.S. model. The research adopts a qualitative, theoretical-documentary, and historical approach, arguing that Israel functions as a true shock laboratory, appropriating neoliberal and military strategies to legitimize and consolidate its colonial project, expanding repressive mechanisms under the justification of counterterrorism.

**Keywords:** shock doctrine; Israel; Palestine; conflict; disaster capitalism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. A DOCTRINA DO CHOQUE</b>	<b>17</b>
2.1. O 11 de setembro e a criação do complexo do capitalismo de desastre	21
2.2. A aplicação da Doutrina do Choque no Iraque	24
<b>3. O CONFLITO ISRAELO-PALESTINO</b>	<b>29</b>
3.1. O início do conflito e a <i>Nakba</i>	29
3.2. A criação dos TPO, a Primeira Intifada e os Acordos de Oslo	40
3.3. A Segunda Intifada e os conflitos no período de 2000 a 2006	49
3.4. Período de intensificação: as operações israelenses (2006-2023)	56
3.5. A escalada de 07 de outubro de 2023 e as operações contra a Faixa de Gaza	61
<b>4. VIOLÊNCIA LATENTE: O INÍCIO DO CHOQUE</b>	<b>67</b>
<b>5. O USO DAS ESTRATÉGIAS MILITARES DE ISRAEL COMO EXEMPLO DE USO DA DOCTRINA DO CHOQUE</b>	<b>74</b>
<b>6. CONCLUSÃO</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>86</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A formulação e aplicação do projeto sionista, voltado à resolução da chamada “Questão Judaica” e a criação de um Estado judeu na Palestina, se deu através do emprego de uma série de políticas e táticas de caráter neocolonial, além do uso sistemático da violência contra a população nativa, instaurando uma dinâmica de conflitos recorrentes na região. Fundamentado por uma justificativa de cunho bíblico — segundo a qual a Palestina pertenceria aos judeus por direito divino — o sionismo<sup>1</sup> articulou e implementou medidas destinadas não apenas à formalização do Estado de Israel em um território já habitado, mas também à sua expansão contínua sobre terras palestinas<sup>2</sup>. Theodor Herzl, formulador do sionismo político, defendia que esse processo deveria ocorrer de forma progressiva e discreta: a ocupação do território se daria por meio da imigração judaica em massa — atingindo uma superioridade demográfica em relação à população nativa —, enquanto a transferência (ou mais explicitamente, a expulsão) dos palestinos para países vizinhos — como Iraque e Síria — seria incentivada de maneira sutil, a fim de evitar resistência e repercussões negativas<sup>3</sup>. Essa lógica se ancorava na ideia de que, sendo os palestinos parte de uma identidade árabe mais ampla, poderiam migrar para outras nações da região<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> O sionismo é um movimento político que surgiu ao final do século XIX, em 1897, fundado por Theodor Herzl, com objetivo de solucionar a “Questão Judaica” e alcançar a autodeterminação do povo judeu através da criação de um Estado judeu na Palestina. Todavia, é importante destacar que o sionismo político e suas práticas não representam a totalidade do pensamento judaico, como demonstrado por autores como Hannah Arendt e Ilan Pappé, que elaboram críticas ao movimento e suas implicações. Ademais, ao contrário do que muitas vezes é apontado por Israel, visando deslegitimar qualquer tipo de crítica direcionada às suas ações, as críticas ao sionismo não se traduzem necessariamente em antissemitismo, “[...] caracterizado por uma discriminação univocamente negativa e pela passagem da discriminação político-moral para a discriminação naturalista” LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império**: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: BOITEMPO, 2010. ISBN 9788575591628, p. 149. Para mais informações sobre o sionismo e sobre a diferença entre antissemitismo e antissionismo, cf. ARENDT, Hannah. **The Jewish Writings**. 1. ed. New York: Schocken Books, 2007.

<sup>2</sup> HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 48.

<sup>3</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. *Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza*. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em: 25 fev. 2025; HERZL, Theodor. **A Jewish State: an attempt at a modern solution of the jewish question**. 3. ed. New York: New York Federation Of American Zionists, 1917.

<sup>4</sup> MASALHA, Nur. **Expulsão dos Palestinos**: o conceito de “transferência” no pensamento político sionista 1882-1936. São Paulo: Monitor do Oriente, 2021, *apud* SANTOS, Isabela Agostinelli dos. *Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza*. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em: 25 fev. 2025, p. 81–82.

Dessa forma, o expansionismo israelense, a tomada de terras de nativos e a aplicação de um projeto de expulsão massiva dos palestinos, objetivando um Estado judaico, culminou em um cenário favorável à eclosão de embates entre ambos os povos, que se tornaram cada vez mais violentos<sup>5</sup>. O plano de partilha da Palestina entre judeus e árabes-palestinos e, posteriormente, a criação formal do Estado de Israel, seguida da Guerra de 1948, foram catalisadores desse processo, negando aos palestinos o direito de autodeterminação, além de fortalecer o processo de expulsão dos nativos de suas terras, realizado não mais de maneira sutil, mas através de massacres e destruição de vilas inteiras, iniciando um processo claro de limpeza étnica, como demonstra o Plano Dalet<sup>6</sup>.

O aumento e a recorrência dos embates entre palestinos e israelenses levaram a comunidade internacional a se engajar em diversas tentativas frustradas de estabelecer um cessar-fogo efetivo. Muitas dessas iniciativas, como evidenciam os Acordos de Oslo<sup>7</sup>, foram conduzidas majoritariamente sob os termos e interesses de Israel, contribuindo para a legitimação da ocupação israelense e a consolidação do projeto colonial sionista<sup>8</sup>. A partir da Guerra ao Terror, promovida pelo governo de George W. Bush nos anos 2000, Israel passou a se beneficiar de uma reconfiguração discursiva no cenário internacional, apropriando-se da retórica global de combate ao terrorismo<sup>9</sup>. Ao enquadrar a resistência palestina nessa retórica, Israel intensificou suas

---

<sup>5</sup> A aplicação do projeto sionista e a assimetria de força entre as partes, especialmente após a formalização de Israel como um Estado-nação, permitem estabelecer uma analogia a teoria do *Partisan* de Carl Schmitt. Nessa perspectiva, a resistência palestina pode ser interpretada como a figura do partisan — combatente irregular, profundamente ligado ao seu território (caráter telúrico) e a um forte objetivo político de defender a sua terra natal e o seu próprio direito de existência frente a um poder colonial “regular”, desproporcionalmente superior, que se impõe como força ocupante. Esse cenário dá margem ao surgimento da inimidade absoluta schmittiana, em que o inimigo não é apenas combatido, mas criminalizado, desumanizado e visado em sua total aniquilação. Cf. SCHMITT, Carl. **The Theory of the Partisan: A Commentary/Remark on the Concept of the Political**. Tradução de A. C. Goodson. East Lansing: Michigan State University Press, 2004.

<sup>6</sup> Sobre o Plano, cf.: PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: One Land, Two Peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 129.

<sup>7</sup> ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Declaration of Principles on Interim Self-Government Arrangements** [Oslo I Accord]. Washington, D.C., 13 set. 1993. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-180015/>. Acesso em: 15 mar. 2025; ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Israeli-Palestinian Interim Agreement on the West Bank and the Gaza Strip** [Interim Agreement – Oslo II]. Washington, D.C., 28 set. 1995. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185434/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

<sup>8</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais. San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 138.

<sup>9</sup> HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 117.

ofensivas e práticas repressivas sem ocasionar constrangimentos internacionais significativos<sup>10</sup>. Com o aumento da violência e das ações neocoloniais israelenses, o cenário conflituoso foi gradualmente se agravando, e sua mais recente culminação se deu a partir da escalada de 2023, que perdura até os dias atuais.

É nesse contexto que se torna pertinente recorrer à teoria proposta por Naomi Klein em *A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre*, segundo a qual momentos de crise — sejam eles provocados ou aproveitados — passam a ser instrumentalizados pelos doutores do choque, ao usufruírem do estado de pânico da população, para a implementação de políticas radicais e impopulares de caráter neoliberal<sup>11</sup>. Milton Friedman, grande influenciador na construção do processo de aplicação das terapias de choque econômico, ressaltava a importância de se aproveitar das janelas de oportunidade — os períodos de crise em que os países precisariam de ajuda externa — para a aplicação dessas terapias neoliberais<sup>12</sup>. Além disso, ressaltava também a necessidade de aplicá-las de forma rápida e intensiva, resultando em um atordoamento da população que não conseguiria acompanhar todas as mudanças realizadas<sup>13</sup>.

[...] a premissa é a de que as pessoas conseguem dar respostas às mudanças gradativas — um programa de saúde aqui, um acordo comercial ali —, mas se dezenas de mudanças acontecem em todas as direções, ao mesmo tempo, uma sensação de futilidade se instala, e a população se torna frouxa<sup>14</sup>.

Ademais, com a privatização dos setores de guerra<sup>15</sup> e a reconstrução nos Estados Unidos no contexto do pós-11 de setembro, submetendo-os a uma lógica de mercado, tem-se o surgimento

---

<sup>10</sup> HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 117.

<sup>11</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>12</sup> FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and Freedom**. Chicago: University of Chicago Press, 2002, p. XIV.

<sup>13</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>14</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 235.

<sup>15</sup> O surgimento e consolidação do complexo militar-industrial estadunidense se desenvolve antes mesmo dos ataques de 11 de setembro, ainda durante a Segunda Guerra Mundial, quando os esforços de guerra começaram a se entrelaçar com redes de pesquisa e engenharia. Isso se deu através da ideia de que a guerra seria vencida pelo armamento tecnologicamente superior e o resultado foi a criação do que Medeiros denomina de complexo militar-industrial-acadêmico, que seria explicitado por Dwight D. Eisenhower em seu discurso de despedida política em 1961. É também nesse discurso, que Eisenhower denuncia o que futuramente seria implementado nos Estados Unidos por Bush: o aprisionamento da política pública ao setor privado científico-tecnológico. Cf. MEDEIROS, Carlos Aguiar de. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: FIORI, José Luís (Org.). **O poder americano**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 225-252. Disponível em: [https://www.ie.ufrj.br/images/IE/EVENTO%20IE/2024/GRUPO%20ECONOMIA%20POLITICA/\(2004\)%20MED EIROS,%20Carlos\\_O%20Desenvolvimento%20Tecnol%C3%B3gico%20Americano%20no%20P%C3%B3s-](https://www.ie.ufrj.br/images/IE/EVENTO%20IE/2024/GRUPO%20ECONOMIA%20POLITICA/(2004)%20MED EIROS,%20Carlos_O%20Desenvolvimento%20Tecnol%C3%B3gico%20Americano%20no%20P%C3%B3s-)

do complexo do capitalismo de desastre, que torna possível o aproveitamento dos cenários catastróficos não só para a aplicação de projetos econômicos, mas também para a obtenção de lucro, fazendo com que essas situações passem a ser desejáveis<sup>16</sup>. Conforme afirma Klein, a criação de uma economia de guerra — baseada na privatização dos processos de destruição e reconstrução<sup>17</sup> — altera significativamente as dinâmicas dos conflitos e desastres, ao transformá-los em um campo lucrativo para as corporações. Além disso, a militarização da Doutrina do Choque, como representado pela invasão do Iraque e a aplicação da doutrina militar estadunidense de *Shock and Awe*, permite a exploração do pânico de forma muito mais aprimorada, tendo em vista que, ao elevar o contingente populacional exposto à violência e choque, a preocupação última da população passa a ser a sobrevivência, tornando-se alheia às mudanças políticas e econômicas que são implementadas<sup>18</sup>.

Dessa forma, ao considerar as questões que permeiam e compõem a Doutrina do Choque, torna-se importante compreender a forma como Israel se utiliza de tal doutrina para a aplicação de seu projeto sionista de ocupação e tomada dos territórios palestinos, assim como as particularidades dessa aplicação. Assim, o presente trabalho busca investigar uma questão central: se, e como, a Doutrina do Choque foi implementada no conflito israelo-palestino e, demonstrado o primeiro ponto, discute-se então em que medida essa aplicação pode ser vista como um laboratório de choque ou como uma importação do modelo estadunidense?

A hipótese central desse trabalho é que as formas de ocupação territorial previstas pelo projeto sionista, associadas à implementação de medidas cada vez mais violentas para viabilizar a criação e consolidação de um Estado de maioria judaica, criaram as condições ideais para a aplicação sistemática da Doutrina do Choque no conflito israelo-palestino. Inicialmente marcado

---

Guerra%20como%20um%20Empreendimento%20Militar.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025; EISENHOWER, Dwight D. **Farewell Address to the Nation**. Washington, D.C., 17 jan. 1961. Disponível em: <https://www.archives.gov/milestone-documents/president-dwight-d-eisenhowers-farewell-address>. Acesso em: 15 jul. 2025.

<sup>16</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>17</sup> A privatização do processo de reconstrução ocorre de forma ainda mais inovadora do que a privatização da guerra em si, além de ser um fenômeno mais recente, intensificado a partir da ocupação do Iraque. Esse modelo foi institucionalizado com a criação do Escritório de Reconstrução e Estabilização dentro do Departamento de Estado dos Estados Unidos, responsável por contratar agentes privados encarregados de elaborar planos de “reconstrução preventiva” para países considerados potenciais alvos, cf. KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 655.

<sup>18</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

por uma colonização “discreta” e progressiva, a aplicação da Doutrina do Choque parece se dar, inicialmente, de uma forma embrionária no contexto da criação dos Territórios Palestinos Ocupados após a Guerra dos Seis Dias (1967) e da aplicação de políticas de controle e sufocamento a esses territórios. Com o desenrolar do conflito e o aumento da violência, a Doutrina do Choque israelense vai se desenvolvendo até chegar em seu caráter militar, a partir da Segunda Intifada, visando destruir a resistência palestina através da aplicação das táticas militares estadunidenses de *Shock and Awe*. No entanto, diferentemente das demais experiências em que a Doutrina do Choque foi utilizada predominantemente sob uma lógica econômica, Israel adaptou esse modelo a um contexto de colonização e limpeza étnica, implementando choques sucessivos por meio de políticas de controle, expulsão forçada e destruição sistemática da população palestina. Dessa forma, Israel configura um verdadeiro laboratório de choque que, embora influenciado por modelos externos, opera segundo uma lógica própria orientada pela consolidação de um Estado de maioria judaica.

Para isso, a pesquisa será estruturada em quatro seções principais. A primeira seção dedica-se à análise da Doutrina do Choque, formulada por Naomi Klein, com o objetivo de compreender seus fundamentos teóricos, os mecanismos que possibilitam sua aplicação e a consolidação do complexo de capitalismo de desastre e da militarização da doutrina no contexto pós-11 de setembro, com destaque para sua implementação prática na invasão do Iraque. Já a segunda seção tem como foco o levantamento dos antecedentes históricos do conflito israelo-palestino, iniciando-se com o surgimento do movimento sionista em resposta à chamada “Questão Judaica” na Europa. Assim, busca-se compreender como o processo de colonização da Palestina tem se desenvolvido, analisando as dinâmicas que permitiram a proclamação de Israel como Estado e a perpetuação do conflito até os dias atuais. Por fim, as últimas seções, investigam de que maneira a Doutrina do Choque se manifesta no contexto israelo-palestino, examinando suas especificidades e avaliando se Israel opera como um laboratório de choque com lógica própria ou se importa e reproduz o modelo estadunidense utilizado na invasão do Iraque.

Dessa forma, é adotada uma abordagem qualitativa, desenvolvida através de um estudo de caso ilustrativo sobre a aplicação da Doutrina do Choque no contexto do conflito israelo-palestino, traçando comparações do modelo estadunidense aplicado no Iraque — com o objetivo de sustentar a hipótese inicialmente posta de que Israel opera através de um laboratório de choque com dinâmicas próprias. A metodologia utilizada é teórico-documental e histórica, fundamentada na

articulação entre os conceitos elaborados por Naomi Klein e sua aplicação à realidade do conflito em questão. Assim, a primeira etapa da pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica voltada à conceituação da Doutrina de Choque, com foco em sua formulação teórica, nas formas de implementação, na sua militarização e no surgimento do complexo do capitalismo de desastre, utilizando a obra "*A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre*", de Naomi Klein<sup>19</sup>.

Em um segundo momento, o foco será voltado para o conflito israelo-palestino, traçando os seus antecedentes históricos até o presente momento, sendo um caso ilustrativo para a argumentação e entendimento das aplicações de choque. Dessa forma, será contextualizado, de maneira geral, o seu surgimento e desdobramentos, assim como os objetivos que o permeiam e o sustentam. Por fim, após o detalhamento de todas as informações e contextos citados anteriormente, será realizada uma análise crítica e interpretativa relacionando os acontecimentos do conflito com os conceitos que permeiam a Doutrina do Choque, destacando suas particularidades a fim de compreender se o caso de fato exemplifica um laboratório de choque com novos desenvolvimentos ou uma simples importação da doutrina estadunidense previamente aplicada no Iraque.

---

<sup>19</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



## 2. A DOUTRINA DO CHOQUE

Em sua obra, *A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre*, Naomi Klein busca compreender como os momentos de choque<sup>20</sup> — gerados por crises, guerras, recessões econômicas, entre outros — podem ser utilizados para a implementação de programas de neoliberalização econômica, instaurando políticas que, em outros cenários, não seriam aceitas, dando início às terapias de choque. Para construir seu argumento, Klein retoma as experiências de eletrochoques utilizados por Ewen Cameron em tratamentos psicológicos nos anos 1950, financiadas pela Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos. Essas experiências se baseavam em alguns testes, como por exemplo manter os pacientes “[...] acordados e isolados durante semanas, e depois administrar doses elevadas de eletrochoques e de coquetéis medicamentosos”<sup>21</sup>, resultando em quadros de confusão mental e amnésia, reduzindo-os a estágios pré-verbais e infantis.

Guiado pela ideia de criação através da destruição, um dos grandes objetivos de Cameron nesses tratamentos era, após apagar as “mentes defeituosas” de seus pacientes, remoldá-las de forma aprimorada, excluindo todos os distúrbios e desvios. Seguindo essa mesma lógica, surgem os doutores do choque — intelectuais, economistas, políticos e tecnocratas — capazes de explorar o estado de confusão, medo, desorientação e ansiedade popular que, durante crises graves se apoderam de vastos contingentes populacionais (deixando-as em uma situação semelhante aos sujeitos submetidos às “terapias” de Cameron) para a implementação de políticas e normas impopulares de neoliberalização econômica, dando início à chamada terapia de choque<sup>22</sup>.

Cameron não só desempenhou um papel crucial no desenvolvimento contemporâneo de técnicas de tortura nos Estados Unidos, como também ofereceu, com suas experiências, uma rara percepção da **lógica subjacente ao capitalismo de desastre**. Do mesmo modo que os economistas estão convencidos de que só um desastre em grande escala — uma enorme destruição — é capaz de preparar o terreno para suas “reformas”, Cameron acreditava que ao infligir uma sucessão de choques no cérebro humano, poderia desfazer e apagar as mentes defeituosas e depois reconstruir novas personalidades naquele espaço vazio<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> Nesse contexto, Klein se refere ao estado mental de choque e perturbação, se referindo a situações desagradáveis, impactantes e pavorosas. Cf. KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>21</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 23.

<sup>22</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>23</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 24. Grifo nosso.

Um dos grandes influenciadores na construção do processo de aplicação de terapias de choque em Estados foi Milton Friedman — e a Escola de Chicago<sup>24</sup> — que, assim como Cameron, acreditavam nos pressupostos de criação através da destruição, objetivando o desmantelamento das sociedades até que conseguissem retornar ao estado do que supunham ser um “capitalismo puro”, livre de qualquer intervenção ou deturpação por estruturas sociais e políticas, especialmente governos<sup>25</sup>. Friedman, forte defensor do *laissez-faire* radical, acreditava que, para recuperar essas economias corrompidas, seria necessária a aplicação de choques dolorosos, os “remédios amargos”<sup>26</sup>. Esses remédios, deveriam ser aplicados rápido e radicalmente, atordoando a população e afetando seu entendimento sobre a série de reformas e mudanças econômicas e sociais simultâneas.

Assim, em outras palavras, as terapias de choque (ou os “remédios amargos” de Friedman) baseavam-se na implementação, de forma rápida e intensa, dos princípios do livre mercado como privatização, corte de gastos públicos, diminuição da intervenção estatal, liberalização econômica entre outros<sup>27</sup>. E isso só seria possível através do aproveitamento das janelas de oportunidade, ou seja, momentos de crise, em que os países estivessem passando por alguma vulnerabilidade e estivessem dispostos a aceitar ajuda externa e acatar qualquer solução para contorná-las<sup>28</sup>. A ver:

Somente uma crise — real ou presumida — produz mudança concreta. Quando essa crise acontece, as iniciativas tomadas dependem das ideias que estão à disposição. Essa, eu acredito, é a nossa função: desenvolver alternativas às políticas existentes, mantendo-as vivas e disponíveis até que o politicamente impossível se transforme no politicamente inevitável<sup>29</sup>.

Protegidos pela presunção de uma “imparcialidade científica”, Friedman e a Escola de Chicago, através das promessas de liberdade, permitiram que os interesses das grandes

---

<sup>24</sup> A Escola de Chicago, centrada no Departamento de Economia da Universidade de Chicago e liderada por Milton Friedman a partir da década de 1950, foi uma das principais correntes do pensamento econômico neoliberal, defendendo a supremacia do mercado como regulador natural da economia. Para mais informações sobre a Escola de Chicago, ver: HARVEY, David. **A Brief history of neoliberalism**. Oxford: Oxford University Press, 2005, em especial o capítulo 1.

<sup>25</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>26</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 64.

<sup>27</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 234-235.

<sup>28</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 63-64.

<sup>29</sup> “Only a crisis-actual or perceived-produces real change. When that crisis occurs, the actions that are taken depend on the ideas that are lying around. That, I believe, is our basic function: to develop alternatives to existing policies, to keep them alive and available until the politically impossible becomes politically inevitable”. FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and Freedom**. Chicago: University of Chicago Press, 2002, p. XIV.

corporações e das elites econômicas fossem difundidos em uma escala global<sup>30</sup>, através da defesa de princípios compreendidos como “do livre-mercado” e da eliminação de qualquer intervenção estatal no campo econômico<sup>31</sup>, desde o estabelecimento de um salário mínimo, e o controle de preços, ao protecionismo, e toda sorte de regulamentações ou mesmo de defesa das indústrias e riquezas nacionais. Como demonstra em sua obra *Capitalismo e Liberdade*<sup>32</sup>, o grande objetivo era eliminar todos os empecilhos à acumulação irrestrita de lucros, assim como os limites impostos às grandes corporações: “[...] A contrarrevolução da Escola de Chicago pretendia eliminar todas as formas de proteção que os trabalhadores haviam conquistado e todos os serviços públicos que o Estado oferecia com o objetivo de aparar as arestas do mercado”<sup>33</sup>.

A ascensão do keynesianismo nos EUA e das ideias desenvolvimentistas ao redor do mundo eram um incômodo para os defensores do livre mercado e para as grandes corporações, que se viram prejudicadas pelas políticas de proteção nacional e trabalhista<sup>34</sup>. Empenhados em dismantlar os ideais desenvolvimentistas e abrir espaços para as corporações, os Estados Unidos promoveram um programa de aprendizado para estudantes latino-americanos na Escola de Chicago, doutrinando-os com os princípios de um capitalismo desregulamentado<sup>35</sup>. De acordo com Klein, esse programa também se empenhava em destacar, como foi feito no “seminário Chile”, todos os problemas das economias intervencionistas, assim como as prescrições para solucioná-los, como a promoção de cortes nos gastos públicos, princípios de não-intervenção, abertura de mercado, vendas de ativos nacionais e desregulamentação econômica. Posteriormente, isso resultaria na criação do primeiro laboratório de choque, o Chile<sup>36</sup>, cujas técnicas se estenderiam

---

<sup>30</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 74.

<sup>31</sup> A redução/eliminação da intervenção estatal na esfera econômica se contrapõe frontalmente ao projeto de Estado de Direito, especialmente a partir de sua fase social, onde surge a Segunda Geração de Direitos Fundamentais, dentre eles, a intervenção do Estado no campo socioeconômico para a garantia da efetividade dos projetos de cidadania material que emergiam naquele contexto. Cf. HORTA, José Luiz Borges. **História do Estado de Direito**. São Paulo: Alameda, 2010.

<sup>32</sup> FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and Freedom**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

<sup>33</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 75.

<sup>34</sup> HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914–1991). Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: <https://joaofabiobertonha.com/wp-content/uploads/2018/07/eraextremos.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2025.

<sup>35</sup> DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant G. **The Internationalization of Palace Wars**: Lawyers, Economists, and the Contest to Transform Latin American States. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

<sup>36</sup> As terapias de choque econômico no Chile foram aplicadas após o golpe militar que depôs Salvador Allende, em 1973. Para saber mais, v.: BANDEIRA, Moniz. **Fórmula para o caos**: a derrubada de Salvador Allende (1970–1973). 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Civilização Brasileira, 2023.

por diversos lugares do mundo, com recomendações para a aplicação das terapias de choque, supostamente para alcançar uma recuperação econômica<sup>37</sup>.

O golpe no Chile, quando finalmente aconteceu, implementou três tipos diferentes de choque, criando uma fórmula que seria reproduzida nos países vizinhos e ressurgiria, três décadas depois, no Iraque. O choque do golpe, em si mesmo, seria seguido imediatamente de dois outros choques adicionais. Um era o “tratamento de choque” capitalista proposto por Milton Friedman, uma técnica na qual centenas de economistas latino americanos tinham sido treinados, na Universidade de Chicago e nas suas várias franquias. O outro era baseado nas pesquisas de Ewen Cameron com choques, drogas e privação de sentidos, agora codificadas como técnicas de tortura no manual Kubark e disseminadas por meio de intensivos programas de treinamento para a polícia e os militares latino-americanos. [...] O choque do golpe preparou o terreno para a terapia de choque econômico; o choque das câmaras de tortura horrorizou qualquer um que pensasse em reagir contra os choques econômicos. De dentro desse laboratório vivo, surgiu o primeiro Estado da Escola de Chicago, e a primeira vitória de sua contra revolução global<sup>38</sup>.

Apesar desse esforço, as ideias desenvolvimentistas continuavam se expandindo, com a eleição de líderes comprometidos com projetos de reforma agrária, proteção nacional, nacionalização de indústrias, entre outros<sup>39</sup>. Entretanto, a promoção de ditaduras pelos EUA na América Latina mudou esse cenário, tornando possível a implementação dos ideais neoliberais, através da exploração do estado de choque — primeiro causado pela crise e depois acentuado pelas prisões, torturas e violência generalizada contra a população, combinada com a implementação dos programas econômicos elaborados pelos Garotos de Chicago<sup>40</sup>.

Como Klein analisa, a experiência das terapias de choque não se limitou ao Chile, mas também foram aplicadas, com adaptações e aprimoramentos, na China, África do Sul, Rússia e mesmo nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, com ênfase para os governos de Reagan e Thatcher. Apesar de suas particularidades, havia um pilar em todas elas: o uso da violência e o aproveitamento do estado de pavor e desnorreamento para a aplicação rápida e atordoante de medidas econômicas neoliberais que, em outros cenários, dificilmente seriam aceitas, aliadas à repressão ostensiva à dissidência organizada. Além disso, em todas as suas aplicações, o resultado foi quase o mesmo:

---

<sup>37</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 79.

<sup>38</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 98.

<sup>39</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 84-85.

<sup>40</sup> Muitos dos estudantes chilenos que participaram do programa promovido na Escola de Chicago, se tornaram professores de economia na Universidade Católica do Chile, defendendo e promovendo as ideias de Friedman no país. Assim, “os alunos que se submeteram ao programa, em Chicago ou na franquia que funcionava em Santiago, ficaram conhecidos em toda a região como os “Garotos de Chicago”. Cf.: KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 83.

[...] uma bolha urbana de especulação frenética alimentando superlucros e consumismo exagerado, circundada pelas fábricas abandonadas e infraestruturas sucateadas de um passado de desenvolvimento; aproximadamente metade da população excluída por completo da economia; corrupção e nepotismo sem controle; dizimação das pequenas e médias empresas nacionais; transferência maciça de riqueza do setor público para o setor privado, seguida da transferência de dívidas particulares para as mãos do governo<sup>41</sup>.

## 2.1. O 11 de setembro e a criação do complexo do capitalismo de desastre

Como explicitado anteriormente, desde sua concepção, a implementação das terapias de choque demandava a presença de crises que possibilitariam a aplicação dos intensos e rápidos choques, na forma de programas econômicos de neoliberalização. A Escola de Chicago, ao promover sua ideologia e suas terapias de choque, criou um cenário em que as crises passaram a ser desejáveis, ansiosamente aguardadas ou, em seguida, propositalmente estimuladas ou forçadas, contribuindo para o surgimento do complexo do capitalismo de desastre. Esse complexo, como apresenta Klein, seria uma nova fase da Doutrina do Choque, em que se tem uma possibilidade real de auferição direta de lucros direcionados preferencialmente a megacorporações transnacionais em contextos de cenários catastróficos, como em epidemias, guerras e desastres naturais<sup>42</sup>.

Um ponto importante para a compreensão de como surge o capitalismo de desastre é o processo de privatização dos setores de segurança nos Estados Unidos, como demonstra a contratação da Halliburton, ao final do governo de George H. W. Bush — popularmente conhecido como Bush pai — em 1992, para prover “[...] ‘suporte logístico’ ilimitado para as missões das forças armadas dos Estados Unidos, uma descrição do trabalho extremamente vaga”<sup>43</sup>. Assim, as atividades que ainda estavam sob poder estatal, especialmente aquelas relacionadas ao setor de segurança e de reconstrução, seriam gradualmente transferidas para a iniciativa privada, junto aos seus lucros, enquanto os riscos e prejuízos seguiam sendo arcados pelos cofres públicos. Os

---

<sup>41</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 124.

<sup>42</sup> Uma das características do receituário neoliberal é a rejeição de qualquer forma de estímulo, preferência ou proteção a empresas nacionais — sejam elas públicas ou privadas. Isso, somado ao desmonte e enfraquecimento das estruturas estatais, abertura de mercado e mundialização transforma a população, anteriormente possuidora dos direitos fundamentais, dentre eles, o direito a seguridade social, em meros consumidores de um mercado global desigual, dominado por megacorporações transnacionais. Cf. CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. Tradução de Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Xamã, 1996; VIANA, Ana Luíza d’Ávila; SILVA, Hudson Pacifico da. **Meritocracia neoliberal e capitalismo financeiro**: implicações para a proteção social e a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 2107–2117, jul. 2018. DOI: 10.1590/1413-81232018237.07582018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n7/2107-2118/pt/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

<sup>43</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 491.

atentados de 11 de setembro de 2001, ao gerar um terror em massa na sociedade estadunidense, serviram como catalisador para o aprofundamento desse processo, uma vez que George W. Bush – Bush filho –, após aumentar exponencialmente os gastos com guerra, policiamento e segurança, privatizou as tarefas relacionadas a esses setores para serem desenvolvidas sob a lógica de mercado, como seria demonstrado na invasão do Iraque em 2003<sup>44</sup> — a ser explicitado no tópico seguinte.

Assim, as novas funções de segurança, invasão, ocupação e reconstrução, agora realçadas e fartamente financiadas, foram imediatamente terceirizadas e entregues ao setor privado, para serem desenvolvidas em moldes lucrativos. [...] De acordo com a visão de Bush, o papel do governo é apenas o de levantar o dinheiro necessário para deslanchar o novo mercado da guerra e, em seguida, comprar os melhores produtos que surgem desse caldeirão criativo, encorajando a indústria a realizar inovações ainda maiores. Em outras palavras, os políticos criam a demanda e o setor privado oferece todos os tipos de solução — um surto de crescimento econômico baseado na segurança doméstica e na guerra do século XXI, inteiramente financiado por aqueles que pagam seus impostos em dólares<sup>45</sup>.

Estabeleceu-se assim um regime de contratantes que, ao firmarem contratos milionários com o Estado — que na maioria das vezes eram feitos secretamente e sem nenhuma competição —, passariam a ser responsáveis pelo oferecimento de serviços de reconstrução, segurança, infraestrutura durante operações militares e planos de prevenção à desastres, dando surgimento a um mercado de guerra e uma economia de desastre<sup>46</sup>.

O que aconteceu no período de grande desorientação após os ataques foi, olhando em retrospectiva, uma forma doméstica de terapia de choque econômico. A equipe de Bush, inteiramente friedmaniaca, se mexeu, com velocidade, para explorar o choque que abateu a nação, a fim de avançar seu projeto de um governo oco, no qual tudo, da reação ao desastre até a guerra, fosse uma aventura lucrativa<sup>47</sup>.

Ao serem inseridas na lógica de mercado, as funções relacionadas à guerra e a reconstrução de desastres passam a ser tratadas como oportunidades de negócio altamente rentáveis<sup>48</sup>. A privatização e a terceirização de atividades vinculadas tanto à destruição quanto à reconstrução consolidam uma dinâmica em que conflitos e catástrofes deixam de ser meros episódios

---

<sup>44</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 503.

<sup>45</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 502-505.

<sup>46</sup> Um ponto que merece destaque é a migração de funcionários do governo e militares de carreira para empresas privadas de guerra, atraídos principalmente pelos altos salários. Exemplos emblemáticos dessa tendência são J. Cofer Black, ex-chefe do Centro de Contraterrorismo da CIA, e Joseph E. Schmitz, ex-Inspetor Geral do Pentágono, que passaram a ocupar cargos de liderança na Blackwater. Para saber mais, v.: SCAHILL, Jeremy. **Blackwater**: The Rise of the World's Most Powerful Mercenary Army. New York: Nation Books, 2007.

<sup>47</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 502.

<sup>48</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

excepcionais, indesejáveis e inconvenientes, e se tornam partes funcionais de um sistema econômico de lucro a serem estimulados<sup>49</sup>. Como observa Naomi Klein: “[...] um surto de crescimento econômico ocorre quando as bombas começam a cair, quando elas param e quando elas começam — um círculo fechado de lucros, de destruição e reconstrução”<sup>50</sup>. Devido a essas questões, o governo Bush institucionalizou o modelo de guerra privatizada para que pudesse ser mobilizado sempre que fosse de interesse estadunidense. Essa institucionalização ocorreu através da criação de uma força militar reserva composta por profissionais contratados e pela contratação de empresas privadas para elaboração de planos de reconstrução previamente desenhados para serem acionados em situações de crise<sup>51</sup>. Formaliza-se assim, de forma privada, a destruição e a reconstrução preventivas — esta última, inclusive, voltada para reerguer “[...] lugares que ainda não haviam sido destruídos”<sup>52</sup>, representando assim, uma militarização da Doutrina do Choque<sup>53</sup>.

As implicações da decisão tomada pela atual patota de políticos, de sistematicamente terceirizar as responsabilidades para as quais foram eleitos, vai se estender além de uma única administração. Uma vez que se criou um mercado, é preciso protegê-lo. As companhias no interior do complexo do capitalismo de desastre enxergam, de modo crescente, o Estado e os não lucrativos como competidores — na perspectiva das corporações, sempre que os governos e as instituições de caridade cumprem seus papéis

---

<sup>49</sup> Além do lucro, uma das principais "vantagens" da privatização dos esforços de guerra é a facilitação do início dos conflitos, já que a resistência popular normalmente gerada pela convocação de soldados nacionais é contornada pela contratação de militares privados, além de muitas vezes, isentar o Estado das responsabilidades das baixas militares, externalizando-a. Além disso, a imunidade concedida às ações dos mercenários privados contratados pelos Estados Unidos — como no caso da Blackwater, amparada pela Ordem 17 emitida por Paul Bremer — favorece a violação de direitos humanos e permite a execução de ações indiscriminadas sem que haja responsabilização ou consequências significativas aos atores. Cf. SCAHILL, Jeremy. **Blackwater: The Rise of the World's Most Powerful Mercenary Army**. New York: Nation Books, 2007.

<sup>50</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 654.

<sup>51</sup> Tal "inovação" gerou — e ainda gera — problemas internacionais significativos, como a dificuldade de responsabilizar os combatentes privados por seus crimes de guerra. Para saber mais, v.: SCAHILL, Jeremy. **Blackwater: The Rise of the World's Most Powerful Mercenary Army**. New York: Nation Books, 2007; OLIVEIRA NETO, Júdice Gonçalves de. A empresa militar privada Blackwater perante o Direito Internacional Humanitário na Guerra do Iraque: análise do caso da Praça Nisour. **Revista do Ministério Público Militar**, [S.l.], v. 51, n. 45, p. 207–254, 22 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14203775>. Disponível em: <https://revista.mpm.mp.br/rmpm/article/view/413>. Acesso em: 31 jul. 2025; NASSER, Reginaldo Mattar; PAOLIELLO, Tomaz Oliveira. Uma nova forma de se fazer a Guerra? Atuação das Empresas Militares de Segurança Privada contra o terrorismo no Iraque. **Revista de Sociologia e Política**, [S.L.], v. 23, n. 53, p. 27-46, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1678-987315235303>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/d8VDvkrSr3PvzPd8pkjkskw/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

<sup>52</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 655.

<sup>53</sup> A militarização da Doutrina do Choque é justamente a nova configuração que as aplicações de terapias de choques passam a assumir após a privatização dos setores de guerra e reconstrução nos Estados Unidos. Ou seja, para além do objetivo de neoliberalização econômica, a Doutrina do Choque passa a ser empregada como estratégia de geração e obtenção de lucro a partir dos próprios esforços de guerra, consolidando um ciclo autossustentável de destruição e reconstrução que alimenta continuamente o capitalismo de desastre.

tradicionais, estão negando aos contratantes o trabalho que poderia ser feito visando ao lucro<sup>54</sup>.

## 2.2. A aplicação da Doutrina do Choque no Iraque

Em março de 2003, os Estados Unidos invadiram o Iraque, justificando a ação com base nos discursos da chamada Guerra ao Terror — alegando que o regime iraquiano mantinha vínculos com grupos terroristas e possuía armas de destruição em massa<sup>55</sup> que precisavam ser localizadas e eliminadas<sup>56</sup>. Entretanto, os objetivos reais do conflito iam muito além disso, uma vez que o Iraque, além de possuir reservas de petróleo, era um local estratégico para a instalação de bases militares<sup>57</sup>, somado ao interesse de neoliberalizar o país e criar uma zona de livre-comércio através da aplicação de choques sucessivos:

Os arquitetos da guerra examinaram o arsenal global de táticas de choque e decidiram quais iriam utilizar — bombardeios militares relâmpagos acrescidos de operações psicológicas elaboradas, seguidos de um programa de terapia de choque econômico e político mais rápido e mais radical do que os que foram tentados em qualquer outro lugar. No caso de alguma resistência, os rebeldes seriam recolhidos e submetidos a abusos “sem contemplações”<sup>58</sup>.

No contexto da invasão e, posteriormente, da ocupação do Iraque, é possível visualizar de maneira prática a privatização dos esforços de guerra e reconstrução dos EUA, tendo em vista que o conflito, desde o seu início, foi tratado como uma grande oportunidade de lucros rápidos e desregulamentados<sup>59</sup>. Além da privatização das empresas nacionais de diversos setores —

---

<sup>54</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 722.

<sup>55</sup> Antes da invasão, a Organização para a Proibição de Armas Químicas (OPAQ), sob a liderança de José Maurício Bustani, empenhava-se em encontrar uma solução pacífica e viabilizar a adesão do Iraque à entidade. Isso permitiria a realização de visitas e inspeções por profissionais independentes às instalações nucleares iraquianas, o que contrariava o discurso norte-americano de que o país possuía armas de destruição em massa e se recusava a cooperar com organismos internacionais. Diante disso, o governo Bush articulou a destituição de Bustani do cargo de diretor-geral da OPAQ no ano de 2002, eliminando os empecilhos para a invasão no ano seguinte. Para saber mais, v.: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **As relações perigosas: Brasil-Estados Unidos**: de Collor de Melo a Lula 1990-2004. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, em especial o capítulo VIII.

<sup>56</sup> PEW RESEARCH CENTER. **A Look Back at How Fear and False Beliefs Bolstered U.S. Public Support for War in Iraq, 2023**. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2023/03/14/a-look-back-at-how-fear-and-false-beliefs-bolstered-u-s-public-support-for-war-in-iraq/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

<sup>57</sup> Em 2001, a doutrina do Base Nation — isto é, a manutenção de uma extensa rede de bases militares dos Estados Unidos ao redor do mundo — estava plenamente em vigor, tendo sido enfraquecida apenas durante os governos de Donald Trump, v.: VINE, D. **Base Nation**: How US Military Bases Abroad Harm America and the World. Metropolitan Books, 2015.

<sup>58</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 565. Paralelamente, foram empregadas técnicas de destruição da infraestrutura energética, comunicação e outros setores de serviços essenciais, com o objetivo de amplificar o caos e provocar uma intensa sensação de pavor, marcada pelo abandono e pela angústia.

<sup>59</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 589.



alimentício, petroleiro, entre outros —, foram firmados múltiplos contratos com grandes corporações para que atuassem em diversas esferas da reconstrução do país, como por exemplo, na elaboração de um plano econômico, no treinamento de forças militares iraquianas, na criação de um novo currículo educacional, na construção e administração de bases militares, entre vários outros, deixando a população e as empresas iraquianas, completamente fora desses processos<sup>60</sup>. É assim que não só o conflito, mas todo o cenário pós-conflito foi pensado: sob uma lógica de lucros.

Assim, é possível visualizar um grande aproveitamento da militarização da Doutrina do Choque e, conseqüentemente, do contexto de guerra — conforme previsto pelo complexo do capitalismo de desastre — não só para a aplicação de um projeto econômico neoliberal, mas também para a obtenção de lucros em setores que antes não eram possíveis. Ademais, para que isso fosse possível, utilizou-se dos preceitos da doutrina militar do *Shock and Awe* (do inglês, “Choque e Pavor”), elaborada por Harlan K. Ullman e James P. Wade,<sup>61</sup> em que se buscava atingir os objetivos de guerra implementando táticas relacionadas ao aumento do horror para afetar a vontade do oponente, assim como a sua capacidade de compreensão dos acontecimentos.

[...] O principal objetivo da Dominância Rápida é impor esse nível avassalador de Choque e Pavor contra um adversário de forma imediata ou suficientemente oportuna para paralisar sua vontade de continuar. Em termos grosseiros, a Dominância Rápida apoderaria do controle do ambiente e paralisaria ou sobrecarregaria as percepções e a compreensão dos eventos de um adversário, de modo que o inimigo seria incapaz de resistir nos níveis tático e estratégico. Um adversário se tornaria totalmente impotente e vulnerável às nossas ações<sup>62</sup>.

Nota-se, portanto, que a doutrina militar do *Shock and Awe* não só almejava as forças militares inimigas, mas a sociedade como um todo, afetando suas capacidades compreensivas após gerar um estado de pânico em massa. Tal perspectiva se alinhava perfeitamente para possibilitar a aplicação das terapias de choque e viabilizar a privatização do país sem grandes resistências. Como

---

<sup>60</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 596.

<sup>61</sup> ULLMAN, Harlan K.; WADE, James P. **Shock and Awe**: achieving rapid dominance. Washington, D.C.: National Defense University, 1996, p. 19.

<sup>62</sup> “The key objective of Rapid Dominance is to impose this over whelming level of Shock and Awe against na adversary on an immediate or sufficiently timely basis to paralyze its will to carry on. In crude terms, Rapid Dominance would seize control of the environment and paralyze or so overload an adversary’s perceptions and understanding of events so that the enemy would be incapable of resistance at tactical and strategic levels. An adversary would be rendered totally impotent and vulnerable to our actions”. ULLMAN, Harlan K.; WADE, James P. **Shock and Awe**: achieving rapid dominance. Washington, D.C.: National Defense University, 1996, p. XXV.

afirma Michael Birmingham, “ninguém aqui está preocupado com a privatização. [...] A sobrevivência é a principal preocupação”<sup>63</sup>.

Outro ponto em que a invasão do Iraque é exemplar na materialização da Doutrina do Choque e do capitalismo de desastre é a Zona Verde de Bagdá, um enclave isolado do restante do país que estava imerso em conflito e instabilidades<sup>64</sup>. Essa zona, fortemente protegida por grandes e altos muros de concreto e postos de controle, possuía sua própria infraestrutura — sistema de telefonia, saneamento básico, hospital e suprimento de petróleo — e se diferenciava do restante do país, funcionando como um espaço protegido em que os doutores do choque aplicavam suas reformas neoliberais, sem qualquer participação da população local, que se encontrava imersa no caos e em tentativas de sobrevivência<sup>65</sup>. Nesse contexto, a responsabilidade pela manutenção da Zona Verde e de sua infraestrutura — desde o início do conflito — foi entregue à Halliburton, que também assumiu a construção e administração de bases militares, em paralelo aos contratos firmados com outras empresas privadas para atuarem na reconstrução do país.<sup>66</sup>

Vale ressaltar também como a aplicação da Doutrina do Choque no Iraque desdobrou esforços para o apagamento da identidade iraquiana, através de um processo de pilhagem, saqueamento e depredação de museus, bibliotecas, universidades, aeroportos e todas aquelas instituições, construções e elementos que constituíam um senso de identidade coletiva no país<sup>67</sup>. Essa tentativa de destruição da identidade cultural não só exemplificava a crença de construção através da destruição, seguida por Cameron e Friedman, mas um desejo de uma reestruturação política, econômica e cultural pelos moldes supostamente “corretos”.

Ademais, ao se apropriar das estratégias militares de *Shock and Awe*, a Doutrina do Choque expandiria o terror causado em um local específico a todo o globo, através da aplicação de táticas

---

<sup>63</sup> BIRMINGHAM, Michael. Entrevista concedida a Naomi Klein. *apud* KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 557. Birmingham é um ativista irlandês entrevistado por Naomi Klein durante sua estada em Bagdá.

<sup>64</sup> A Zona Verde, criada às margens do Rio Tigre, é uma faixa de 10 quilômetros quadrados, fortemente vigiada, que abriga a embaixada dos EUA no Iraque, além de abrigar prédios e construções governamentais. Para mais informações, v.: JAMAIL, Dahr. **Beyond the Green Zone: dispatches from an unembedded journalist in occupied iraq**. Chicago: Haymarket Books, 2007.

<sup>65</sup> JAMAIL, Dahr. **Beyond the Green Zone: dispatches from an unembedded journalist in occupied iraq**. Chicago: Haymarket Books, 2007; KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>66</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 596.

<sup>67</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 573-575.

de televisionamento dos acontecimentos do conflito em tempo real que evadiam das questões enfrentadas pelo televisionamento em outros conflitos precedentes<sup>68</sup>, mas demonstravam a capacidade e a eficiência militar estadunidense<sup>69</sup>. O objetivo era gerar um “[...] Choque e Pavor estratégico nas forças opostas, sua liderança e população”<sup>70</sup>. Essa tática se assemelha às ações terroristas que buscam “[...] quebrar o moral público com exibições televisuais espetaculares que expõem, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade de seus inimigos e a sua própria capacidade de agir com crueldade”<sup>71</sup>. Somado a isso, para ampliar a sensação de pavor, uma outra estratégia aplicada, foi a privação de sentidos, através do bombardeamento de setores essenciais ao país, como por exemplo, as estações de telefone e os transmissores de rádios e televisões, impossibilitando a comunicação, resultando em uma sensação de extrema angústia e isolamento<sup>72</sup>.

A invasão do Iraque marcou o retorno selvagem às velhas técnicas da cruzada do livre mercado — o emprego do choque máximo para erradicar e apagar, forçosamente, todos os obstáculos que se antepunham à construção do modelo de Estados corporatistas livres de qualquer interferência<sup>73</sup>.

Isto posto, o Iraque representa um caso prático da aplicação da Doutrina do Choque a partir de um aspecto militar (de guerra), exemplificando de forma clara como a privatização dos setores relacionados ao conflito e a reconstrução possibilitaram um fortalecimento do complexo do capitalismo de desastre, ao inserir as atividades anteriormente governamentais em uma lógica lucrativa de mercado<sup>74</sup>. Dessa forma, a imposição de reformas neoliberais radicais — as terapias

---

<sup>68</sup> Para saber mais sobre o televisionamento de conflitos e suas implicações, v.: CHOMSKY, Noam. **A mídia: propaganda política e manipulação**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

<sup>69</sup> Para saber mais sobre o televisionamento da Guerra no Iraque, v.: GONÇALVES, Telmo. Os temas da guerra: estudo exploratório sobre o enquadramento temático da guerra do iraque na televisão. **Comunicação Pública**, [S.L.], n. 11, p. 9-26, 30 jun. 2005. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/cp.9792>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/9792#ftn1>. Acesso em: 01 ago. 2025; PINA, Sara. Da realidade à ficção: a cobertura noticiosa da guerra no Iraque. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2005.

<sup>70</sup> “[...] creates a strategic Shock and Awe on the opposing forces, their leadership, and Populace”. ULLMAN, Harlan K.; WADE, James P. **Shock and Awe: achieving rapid dominance**. Washington, D.C.: National Defense University, 1996, p. 55.

<sup>71</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 568.

<sup>72</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 571.

<sup>73</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 565.

<sup>74</sup> Para uma maior reflexão sobre as problemáticas que a doutrina neoliberal implica ao Estado em si, especialmente, ao Estado de Direito, v.: HENRIQUES, Hugo Rezende; CARVALHO, João Pedro Braga de. Hegel e o destino do Estado de Direito: um combate à desertificação neoliberal. In: ANDRADE, Durval Ângelo; MAYOS SOLSONA, Gonçal; HORTA, José Luiz Borges; MIRANDA, Rodrigo Marzano Antunes. [Orgs.]. **Sociedade do Controle? Macrofilosofia do Poder no Neoliberalismo**. 1ed. Belo Horizonte: Fórum, 2022

de choque — no Iraque ocorreu mediante a ocupação estadunidense e de forma acelerada e intensa, como recomendava Friedman, favorecendo interesses das corporações estrangeiras em detrimento da própria população iraquiana. Ademais, a utilização dos mecanismos de guerra para gerar choques psicológicos e o aproveitamento do estado de crise no país, contribuíram para possibilitar a atuação das empresas privadas nos serviços de reconstrução e administração de serviços essenciais, substituindo as estruturas e responsabilidades públicas.

### 3. O CONFLITO ISRAELO-PALESTINO

Este capítulo pretende desenvolver o contexto do conflito entre Israel e Palestina, destacando os principais acontecimentos que possibilitaram tanto o início do conflito, quanto os motivos que resultaram na sua escalada e não resolução até os dias atuais. A análise se inicia partindo da “Questão Judaica” e o movimento sionista para que seja possível compreender os movimentos migratórios para a Palestina, além de construir uma linha histórica retratando o início das manifestações árabes, até chegar à mais recente escalada, de 07 de outubro de 2023, finalizando a exposição dos acontecimentos até o período do início de setembro de 2025. É importante destacar que o objetivo desta seção é mapear um contexto histórico do conflito, destacando os principais acontecimentos relevantes para a análise do tema proposta neste trabalho. Considerando a atualidade do conflito, sua persistente não resolução e a complexidade das diversas questões envolvidas — como, por exemplo, debates sobre crimes de guerra cometidos por Israel, impactos humanitários, entre outros —, alguns detalhes serão tratados de maneira sucinta, concentrando-se nos eventos mais significativos para o objetivo central da pesquisa. Assim, o presente capítulo se divide em 5 subseções organizadas cronologicamente, sendo elas: O conflito até 1948; Criação dos TPO, Primeira Intifada e os Acordos de Oslo; Período de intensificação (2006-2023); e A escalada de 07 de outubro de 2023.

#### 3.1. O início do conflito e a *Nakba*

Ao final do século XIX, a grande maioria da população judia se encontrava na Europa, muitos vivendo em situações de subalternização e expostos ao racismo e à xenofobia, além das perseguições religiosas intensificadas com o fortalecimento do antissemitismo<sup>75</sup>. Nesse contexto, surge o que é chamado de “Questão Judaica”, que dá origem ao movimento sionista, cujo objetivo era promover “[...] a autodeterminação para os judeus em um Estado próprio no qual iriam construir uma maioria absoluta e, finalmente, seriam independentes e soberanos politicamente”<sup>76</sup>. Uma parcela significativa dessas visões convergia na ideia da criação de um Estado judeu em um

---

<sup>75</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. *Tese* (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 76.

<sup>76</sup> HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. *Dissertação* (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 48.

território previamente habitado, a Palestina<sup>77</sup>. Para isso, utilizava-se de uma justificativa bíblica de que a Palestina pertencia aos judeus por direitos divinos<sup>78</sup>.

Dessa forma, compreende-se que desde o início, o movimento sionista e, posteriormente, a criação do Estado de Israel, visando alcançar uma maioria judaica, demandava, para a sua efetivação, um projeto neocolonial que possibilitasse a ocupação de um território já habitado por outros povos. Esse projeto, por sua vez, foi amparado por uma “variedade de pensamentos ocidentais (em oposição ao oriental), sobretudo à ideia de que o Oriente se degradou”<sup>79</sup> e que precisa de salvação, estabelecendo um status sub-humano aos habitantes nativos da região para a defesa de um discurso onde:

o sionismo recuperaria ‘uma pátria perdida’ e, com isso, faria a mediação entre as diversas nações civilizadas; que a Palestina necessitava de desenvolvimento, civilização, reconstrução; que o sionismo traria, finalmente, conhecimento e progresso onde eles não existiam<sup>80</sup>.

Assim, antes mesmo da criação do Estado de Israel, o movimento sionista encontrou grande aporte e compatibilidade com o público europeu “para quem a classificação de territórios e de estrangeiros em classes desiguais era canônica e ‘natural’”<sup>81</sup>, de forma que

ao se juntar ao entusiasmo generalizado no Ocidente por aquisição de terras no estrangeiro, o sionismo nunca se afirmou explicitamente como um movimento de libertação judaica, mas sim como um movimento colonial de assentamento no Oriente<sup>82</sup>.

Ao entender a predisposição de um projeto neocolonial para a alcançar o objetivo sionista da criação de um Estado judeu, pode-se traçar que essa colonização se iniciou nos anos 1890, quando se observam as primeiras ondas migratórias de judeus para a região da Palestina — a

---

<sup>77</sup> Antes da consolidação de Israel na Palestina, houve diversas propostas alternativas para a criação de um Estado judeu. Entre elas, é possível destacar o projeto de asilo judaico chamado Ararat, nos Estados Unidos – região que hoje corresponde à Grand Island –, Argentina, Uganda, etc. Para saber mais, v.: ADLER, Selig; CONNOLLY, Thomas E.. **From Ararat to Suburbia: the history of the jewish community of buffalo**. Philadelphia: The Jewish Publication Society Of America, 1960; HERZL, Theodor. **A Jewish State: an attempt at a modern solution of the jewish question**. 3. ed. New York: New York Federation Of American Zionists, 1917; LAQUEUR, Walter. **A History of Zionism: from the french revolution to the establishment of the state of israel**. New York: M Jf Books, 1996.

<sup>78</sup> HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014.

<sup>79</sup> SAID, Edward W. **A Questão da Palestina**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 110.

<sup>80</sup> SAID, Edward W. **A Questão da Palestina**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 113.

<sup>81</sup> SAID, Edward W. **A Questão da Palestina**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 113.

<sup>82</sup> SAID, Edward W. **A Questão da Palestina**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 113-114.

primeira *aliyah*<sup>83</sup> — tendo em vista um dos pilares do projeto sionista na Palestina, de alcançar um índice demográfico judeu superior ao número de nativos na região<sup>84</sup>. Essas ondas migratórias, combinadas com a subalternização dos palestinos e, futuramente, a sua exclusão do mercado de trabalho, compras de terras<sup>85</sup> e a transferência discreta dos nativos<sup>86</sup> — que, gradativamente se tornaria cada vez mais explícita<sup>87</sup> —, contribuíram para a tentativa de alcançar uma maioria demográfica sionista, dando forma ao colonialismo por povoamento na região<sup>88</sup>, antes mesmo da proclamação de Israel como um Estado.

---

<sup>83</sup> Em hebraico, o termo *aliyah* significa “ascensão” e, nesse caso, se refere às primeiras ondas imigratórias de judeus para a Palestina. Cf. SCHREIBER, Mordecai (ed.). **The Shengold Jewish Encyclopedia**. 50th Anniversary Edition. New York: Schreiber Publishing, 2007, p. 15.

<sup>84</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 80.

<sup>85</sup> Com a Crise de 1929, houve um grande aproveitamento por parte dos sionistas para a compra das propriedades palestinas, tendo em vista o grande aumento da dívida, resultando em perdas de terrenos devido às hipotecas. Cf. SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 81.

<sup>86</sup> A concepção de transferência discreta de nativos era resultante da crença de que os palestinos, na verdade, pertenciam a uma grande nação árabe, podendo se mudar para outros países árabes como o Iraque e a Síria praticamente sem inconveniências. Inicialmente proposta por Theodor Herzl, tal transferência se daria através da expropriação de terras da população local de maneira cautelosa, além de impossibilitar que os palestinos tivessem acesso ao mercado de trabalho – sendo forçados a buscar empregos em outros países. Cf. SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 82. Por outro lado, havia ainda a suposição de Leo Mozkin – intelectual sionista – amplamente aceita no movimento de que a expulsão dos nativos só seria necessária caso recusassem viver sob soberania judaica e se opusessem ao projeto sionista. Cf. PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 69.

<sup>87</sup> Uma das formas de forçar o êxodo palestino foi a construção dos “*village files*”, sugerido pelo historiador Ben-Zion Luria e implementados pelo Fundo Nacional Judaico (FNJ), que visava levantar dados e mapear todos os vilarejos palestinos, o que facilitaria a conquista de tais terras. Esse mapeamento possui dados topográficos, com fotos aéreas, além de outras informações como as “origens hebraicas” de cada vilarejo, seu nível de hostilidade, recursos disponíveis, etc. Tais informações, por sua vez, foram utilizadas para o ataque de vilarejos palestinos e auxiliou na aplicação do Plano Dalet, além de também serem utilizados para criar listas de “procurados”. Consequentemente, o aumento do conflito, violência e perseguição, forçava cada vez mais o êxodo da população nativa. Cf. PAPPÉ, Ilan. **The Ethnic Cleansing of Palestine**. Oxford: Oneworld Publications, 2011, em especial o capítulo 2.

<sup>88</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 80-82.

Tal colonização ganhou ainda mais força ao final da Primeira Guerra Mundial em 1918, quando, após a dissolução do Império Otomano, a administração da região foi atribuída à Grã-Bretanha por meio dos Mandatos da Liga das Nações<sup>89</sup>.

O Mandato mencionava explicitamente os direitos nacionais judeus e um lar nacional seis vezes. Afirmava que os judeus tinham uma “conexão histórica” com a Palestina e comprometia-se a estabelecer um lar nacional judeu como uma obrigação legal. Não havia qualquer menção aos direitos nacionais palestinos ou ao direito de autodeterminação dos árabes palestinos nativos. Estes aparecem apenas por associação — como “não judeus” e “seções da população” — mesmo constituindo a esmagadora maioria, cerca de 90% do total. O Mandato jamais descreve os palestinos como uma comunidade, nem afirma sua presença ou conexão com a Palestina como um direito. Eles sequer aparecem como nativos da terra. A Organização Sionista Mundial conseguiu pressionar a Liga a evitar qualquer referência aos palestinos como nativos, insistindo que os judeus sionistas — ainda não estabelecidos na Palestina — fossem também considerados nativos. Com um simples ato burocrático, uma nascente comunidade internacional institucionalizou o quadro de exceção que justificava a eliminação do status jurídico dos palestinos como povo. Na sua função de Potência Mandatária, a Grã-Bretanha suprimiu o direito dos palestinos à autogovernança e à autodeterminação para cumprir a autodeterminação de uma população colonizadora em seu lugar.<sup>90</sup>

Nesse contexto, consolidou-se a Declaração Balfour de 1917<sup>91</sup>, na qual o então Secretário de Relações Exteriores britânico, Arthur James Balfour, prometeu aos sionistas o estabelecimento de um lar nacional judaico na Palestina, permitindo que assentamentos fossem construídos na região<sup>92</sup>. Consequentemente, com os avanços neocoloniais dos sionistas, a população árabe palestina começou a se manifestar, resultando em rebeliões em Jerusalém (1920 e 1929) e em Jaffa

---

<sup>89</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

<sup>90</sup> “*The Mandate explicitly mentioned Jewish national rights and a national home six times. It affirmed that Jews had a “historical connection” with Palestine, and it committed to establishing a Jewish national home as a matter of legal obligation. It made no mention whatsoever of Palestinian national rights or the right to self-determination of the native Arab Palestinians. Arab Palestinians appear by association only—as “non Jewish” and “sections of the population”—even though they constituted the overwhelming majority, some 90 percent of the total. The Mandate never describes Palestinians as a community nor affirms their presence in, or connection to, Palestine as a matter of right. They do not even appear as natives of the land. The World Zionist Organization successfully lobbied the League to refrain from referring to Palestinians as natives by insisting that Zionist Jews—not yet settled in Palestine—be regarded as natives as well. With the stroke of a pen, a nascent international community institutionalized the framework of exception justifying the elision of Palestinians’ juridical status as a people. In its capacity as the Mandatory Power, Britain thereby suppressed the Palestinians’ right to self-governance and self-determination in order to fulfill the self-determination of a settler population in their place.*” ERAKAT, Noura. **Justice for some: law and the question of palestine**. California: Stanford University Press, 2019, p. 46.

<sup>91</sup> Para saber mais sobre a Declaração de Balfour, v.: PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, em especial o capítulo 3; ERAKAT, Noura. **Justice for some: law and the question of palestine**. California: Stanford University Press, 2019, em especial o capítulo 1.

<sup>92</sup> O Mandato Britânico sobre a Palestina estendeu-se até 1948, quando a questão passou à responsabilidade da ONU. Para saber mais, v.: PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, em especial o capítulo 3; ERAKAT, Noura. **Justice for some: law and the question of palestine**. California: Stanford University Press, 2019, em especial o capítulo 1; CLEMESHA, Arlene. *Palestina, 1948-2008: 60 anos de desenraizamento e desapropriação*. Tiraz, v. 5, p. 167-187, 2008.



(1921)<sup>93</sup>, além da Revolta Árabe (1936)<sup>94</sup> que começou como uma greve geral e se transformou em uma insurreição armada, reprimida pelas forças britânicas<sup>95</sup> com o apoio de milícias sionistas. Essa Revolta, resultou no *Royal Peel Commission*<sup>96</sup>, uma comissão britânica que gerou a primeira proposta formal da partilha da Palestina, atestando os problemas que resultaram na eclosão do conflito<sup>97</sup>.

Argumentando que os objetivos dos palestinos e judeus eram incompatíveis, a comissão apresentou um plano de partilha da Palestina, que seria dividida em três áreas: um Estado árabe, com cerca de 74% do território da Palestina, um Estado judeu, com 17% do território e uma zona sob mandato britânico, que incluía os lugares sagrados, abrangendo cerca de 8%. Enquanto os sionistas inicialmente trataram a proposta com cautela, a reação do Alto Comitê Árabe foi de imediata rejeição, de forma que a comissão reacendeu a chama da revolta árabe<sup>98</sup>.

---

<sup>93</sup> ERAKAT, Noura. **Justice for some: law and the question of palestine**. California: Stanford University Press, 2019.

<sup>94</sup> Para saber mais sobre a Revolta Árabe, v.: KERKKANEN, Ari. A disputa entre duas respostas diferentes à Revolta Árabe de 1936. **Revista de Ciências Militares**, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 89-110, maio 2016. Disponível em: [https://www.ium.pt/files/publicacoes/RCM/7/RCM\\_Vol\\_IV\\_1\\_MAI\\_2016.pdf#page=89](https://www.ium.pt/files/publicacoes/RCM/7/RCM_Vol_IV_1_MAI_2016.pdf#page=89). Acesso em: 08 jan. 2025.

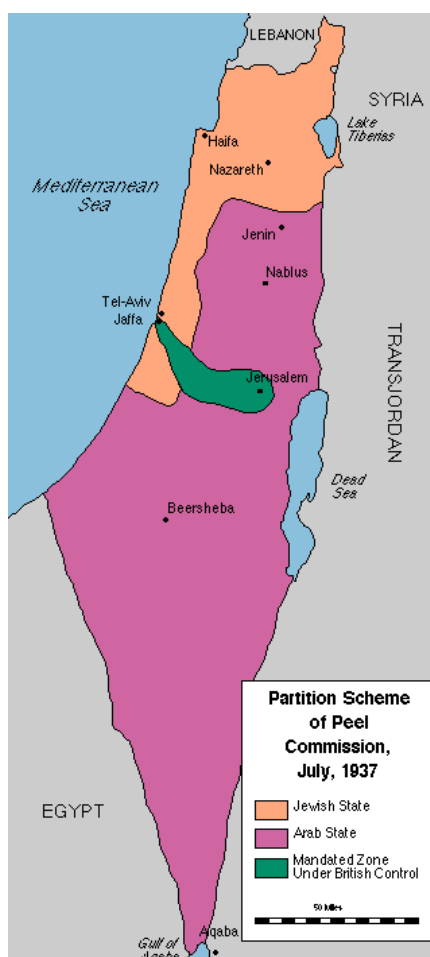
<sup>95</sup> A repressão britânica para conter a Revolta contou com o envio de 20 mil soldados à Palestina ao final de 1938, além de táticas de punição coletiva, assassinatos, prisões, entre outras medidas. Cf.: GELVIN, James L.. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, em especial o capítulo 5.

<sup>96</sup> PALESTINE ROYAL COMMISSION. **Report of the Palestine Royal Commission**. London: His Majesty's Stationery Office, 1937. Disponível em: [https://ecf.org.il/media\\_items/290](https://ecf.org.il/media_items/290). Acesso em: 2 set. 2025.

<sup>97</sup> Para saber mais sobre o Royal Peel Commission, v.: GELVIN, James L. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, em especial o capítulo 6; PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, em especial o capítulo 3.

<sup>98</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 86-87.

Figura 1 - Esquema de Partilha da Comissão Peel<sup>99</sup>



Após a ascensão do nazismo, houve um aumento nas imigrações judaicas para a Palestina nas décadas de 1930 e 1940<sup>100</sup> e, após os horrores do Holocausto na Segunda Guerra Mundial, a opinião pública se alinhou aos interesses sionistas de consolidação de um Estado judaico<sup>101</sup>. Com o final da Guerra e a pressão da liderança sionista na Palestina para expulsar os britânicos da

<sup>99</sup> JEWISH VIRTUAL LIBRARY. **Map of the Peel Partition Plan.** s.d. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/map-of-the-peel-partition-plan>. Acesso em: 2 set. 2025.

<sup>100</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025.

<sup>101</sup> HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 61.

região<sup>102</sup>, a Grã-Bretanha, prejudicada pela guerra, transferiu a responsabilidade de solucionar a questão árabe-judaica para a ONU<sup>103</sup> que, em 1947, aprovaria o plano de partilha da Palestina através da Resolução 181<sup>104</sup>. Tal plano seria elaborado pelo Comitê Especial das Nações Unidas para a Palestina (UNSCOP) que havia “recebido um programa de partição pronto dos competentes e bem-preparados representantes sionistas, enquanto o lado palestino e árabe não conseguiu propor nenhuma alternativa coerente”<sup>105 106</sup>.

Em 31 de agosto de 1947, o UNSCOP apresentou suas recomendações à Assembleia Geral da ONU. Três de seus membros tiveram permissão para apresentar uma recomendação alternativa. O relatório da maioria defendia a partição da Palestina em dois estados, com uma união econômica. O estado judeu designado teria a maior parte da área costeira, Galileia Ocidental e o Negev, e o restante se tornaria o estado palestino. O relatório da minoria propunha um estado unitário na Palestina, baseado no princípio da democracia. Foi necessário um considerável lobby dos judeus americanos e pressão diplomática americana, além de um poderoso discurso do embaixador russo na ONU, para obter a maioria de dois terços necessária na Assembleia para aprovar a partição. Embora quase nenhum diplomata palestino ou árabe tenha feito um esforço para promover o esquema alternativo, ele ganhou um número igual de apoiadores e detratores, mostrando que um número considerável de estados-membros percebeu que impor a partição equivalia a apoiar um lado e se opor ao outro<sup>107</sup>.

---

<sup>102</sup> HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 61.

<sup>103</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 88-89.

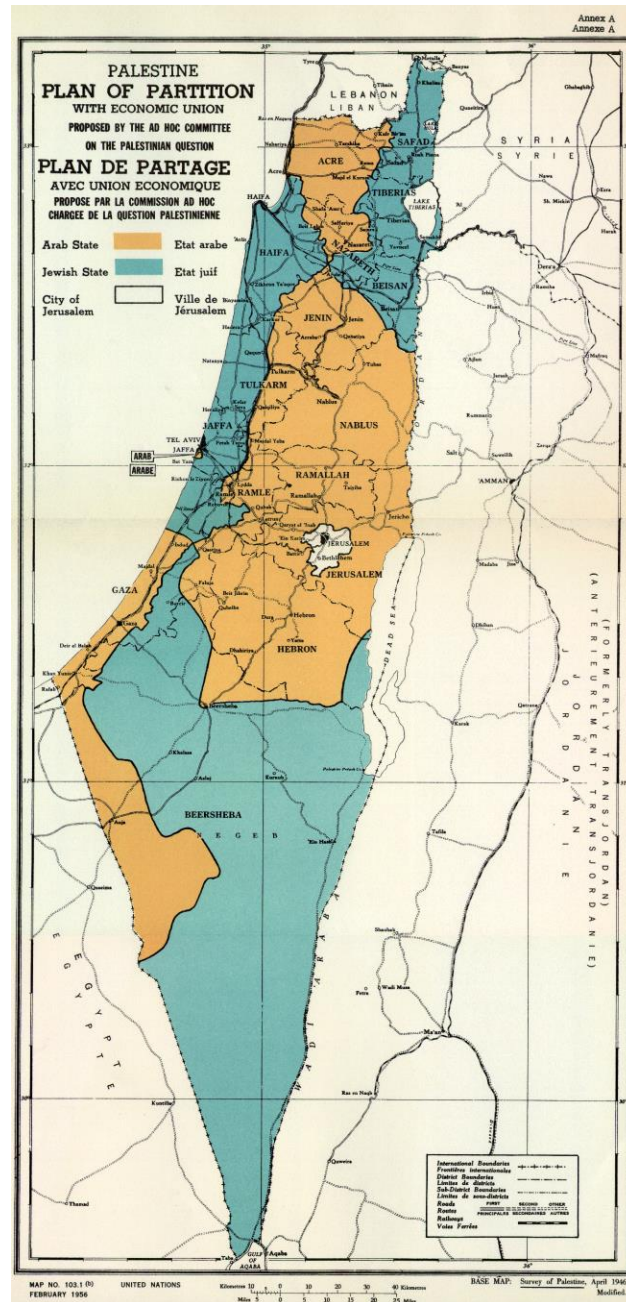
<sup>104</sup> UNITED NATIONS. General Assembly. **Resolution 181 (II). Future Government of Palestine**. 29 Nov. 1947. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185393/>. Acesso: 26 de jul. de 2025.

<sup>105</sup> “They had been given a ready-made partition programme by the able and well-prepared Zionist representatives, while the Palestinian and Arab side failed to propose any coherent alternative”. PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 123. Um ponto que vale ser destacado é que, para os árabes-palestinos, a única proposta verdadeiramente coerente seria a estruturação plena da soberania palestina sobre o seu território indiviso.

<sup>106</sup> “Até 1947, os colonos judeus eram proprietários de 6% das terras da região e formavam 30% da população local, com cerca de 600 mil habitantes. A eles foi atribuído 55% do território da Palestina. Já para os palestinos, que à época representavam mais de 1,3 milhão (70%) da população total, foram alocados os 45% restantes.” SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 89.

<sup>107</sup> “On 31 August 1947, UNSCOP presented its recommendations to the UN General Assembly. Three of its members were allowed to put forward an alternative recommendation. The majority report advocated the partition of Palestine into two states, with an economic union. The designated Jewish state was to have most of the coastal area, western Galilee, and the Negev, and the rest was to become the Palestinian state. The minority report proposed a unitary state in Palestine based on the principle of democracy. It took considerable American Jewish lobbying and American diplomatic pressure, as well as a powerful speech by the Russian ambassador to the UN, to gain the necessary two-thirds majority in the Assembly for partition. Even though hardly any Palestinian or Arab diplomat made an effort to promote the alternative scheme, it won an equal number of supporters and detractors, showing that a considerable

Figura 2 - Plano de Partição da Resolução 181<sup>108</sup>



number of member states realized that imposing partition amounted to supporting one side and opposing the other.”. PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 125.

<sup>108</sup> UNITED NATIONS. **Palestine – Plan of Partition with Economic Union under A/RES/181 (Annex A to resolution 181 (II) of the General Assembly, dated 29 November 1947)**. 1947. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-204145/>. Acesso em: 2 set. 2025.

Os árabes-palestinos, representados pelo Comitê Superior Árabe e pela Liga Árabe, recusaram o plano de partilha alegando a sua ilegalidade, já que feria o princípio de autodeterminação dos povos nativos de se autogovernar<sup>109</sup>. Já os sionistas, representados pela Agência Judaica, apesar de aceitarem o plano de partilha, não aprovaram de fato a possibilidade da existência de um Estado Palestino<sup>110</sup>. Além disso, o plano ofereceu aporte institucional e internacional para fortalecer o processo de expulsão dos palestinos, principalmente aqueles que viviam nas regiões designadas aos judeus, de forma que, um mês após a sua elaboração, houve a dizimação da primeira aldeia palestina, transformando-se em uma operação de limpeza étnica em março de 1947, deteriorando ainda mais a relação entre as partes<sup>111</sup>. Essa operação pode ser visualizada no Plano Dalet<sup>112</sup> (Plano D), que seria aplicado de forma oficial a partir de abril de 1948 e tinha como objetivos claros “tomar rápida e sistematicamente qualquer instalação, militar ou civil, evacuada pelos britânicos [...] e limpar o futuro Estado judeu do maior número possível de palestinos”<sup>113</sup>.

A criação formal do Estado de Israel<sup>114</sup> — evento denominado *Nakba* (catástrofe) pelos palestinos —, em 14 de maio de 1948, também foi um agravante no cenário de hostilidade<sup>115</sup>. Nos dias seguintes a essa formalização, tropas egípcias atacaram assentamentos judeus em diversos lugares, capturando alguns bairros, o que resultou em uma resposta militar por parte das forças

---

<sup>109</sup> ERAKAT, Noura. **Justice for some: law and the question of palestine**. California: Stanford University Press, 2019.

<sup>110</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 90.

<sup>111</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 127.

<sup>112</sup> Para mais detalhes sobre o Plano Dalet, v.: PAPPÉ, Ilan. **The ethnic cleansing of Palestine**. London: Oneworld Publications, 2011, em especial o capítulo 5; PAPPÉ, Ilan. **A history of modern Palestine: one land, two peoples**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, em especial o capítulo 4.

<sup>113</sup> “to take swiftly and systematically any instalation, military or civilian, evacuated by the British [...] and to cleanse the future Jewish state of as many Palestinians as possible.” PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 129.

<sup>114</sup> A proclamação de Israel como Estado não foi acompanhada da (re)criação do Estado palestino, resultando, desde o princípio, uma desigualdade formal e jurídica entre as partes e as populações, tanto no âmbito interno, quanto no âmbito internacional.

<sup>115</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 130; SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 90.

israelenses, que passaram a realizar operações em áreas de maioria árabe<sup>116</sup>. O avanço dos combates levou o Conselho de Segurança da ONU a solicitar um cessar-fogo, que só foi respondido duas semanas depois<sup>117</sup>. Durante o cessar-fogo os exércitos árabes não conseguiram se reabastecer, enquanto as forças sionistas importavam cada vez mais armamentos e preparava-se para conquistar a maior parte da Palestina, retomando o conflito em julho do mesmo ano<sup>118</sup>. Após dez dias da retomada das hostilidades, foi negociada uma segunda trégua, devido à preocupação judaica da imposição de uma solução internacional desfavorável, tendo em vista a sua superioridade militar<sup>119</sup>.

Ambos os lados perderam muitas tropas nas batalhas, mas os exércitos árabes em particular sofreram grandes baixas. O governo israelense não perdeu tempo em capitalizar seus sucessos militares para transformar radicalmente a situação política na Palestina. Em agosto, a moeda israelense, a lira, substituiu a moeda existente. No mesmo mês, o governo israelense começou a reivindicar os despojos deixados pelos britânicos. Eles assumiram muitas contas bancárias, públicas e privadas. Algumas das contas governamentais foram, é claro, mantidas em Londres, e foi o governo britânico que completou a desapropriação total dos palestinos de qualquer participação na riqueza do ex-Mandato, entregando essas contas restantes ao estado judeu no início dos anos 1950.<sup>120</sup>

Havia pouco que os Estados árabes envolvidos na guerra podiam fazer diante de tal conquista militar. Eles consentiram em participar, sob supervisão da ONU, de uma série de diálogos entre Israel e os países árabes envolvidos (com exceção do Iraque, que não tinha fronteira com Israel). As negociações resultaram em linhas de armistício que se mantiveram no caso da Síria, Jordânia e Egito até 1967, e no caso do Líbano até 1978. No entanto, esses acordos não impediram permanentemente outra guerra e foram uma fonte frequente de escaramuças fronteiriças.<sup>121</sup>

---

<sup>116</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

<sup>117</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 132.

<sup>118</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

<sup>119</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

<sup>120</sup> “Both sides lost many troops in the battles, but the Arab armies in particular suffered high casualties. The Israeli government lost no time in capitalizing on its military successes in order to radically transform the political situation in Palestine. In August, the Israeli coin, the lira, replaced the existing currency. In the same month, the Israeli government began to lay claim to the spoils left behind by the British. They took over many bank accounts, both public and private. Some of the governmental accounts were of course kept in London, and it was the British government that completed the total dispossession of the Palestinians from any share in the ex-Mandate’s wealth by handing over those remaining accounts to the Jewish state in the early 1950s.”. PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 134.

<sup>121</sup> “There was little the Arab states involved in the war could do in the face of such a military conquest. They consented to enter, under UN supervision, a series of dialogues between Israel and the Arab countries involved (apart from Iraq, which did not have a border with Israel). The negotiations produced armistice lines that held in the case of Syria, Jordan and Egypt until 1967, and in the case of Lebanon until 1978. However, these arrangements did not permanently prevent another war, and were a source of frequent border skirmishes.”. PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 135.

Figura 3 – Linhas de Armistício<sup>122</sup>



Ao final do conflito, em 1949, com os Acordos de Armistício, Israel ocupava 78% do território palestino, elevando substancialmente a porcentagem definida pelo relatório de partilha da ONU, e intensificando cada vez mais o processo de expulsão da população local da região<sup>123</sup>.

<sup>122</sup> ERAKAT, Noura. **Justice for some: law and the question of palestine**. California: Stanford University Press, 2019, p. 61. Título no original: Armistice Lines, 1949.

<sup>123</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 94.

Além disso, para evitar o retorno da população local, o governo israelense iniciou um processo de “anti-repatriação”, destruindo ou confiscando casas e aldeias palestinas, promovendo um processo de despovoamento contínuo das regiões palestinas e um aumento dos assentamentos israelenses<sup>124</sup>, fazendo com que vários palestinos se tornassem refugiados nos países vizinhos e na própria Faixa de Gaza<sup>125</sup>. Já os palestinos que continuaram vivendo naquela região foram colocados sob um regime militar, uma vez que eram considerados um “problema de segurança interna”, sendo assegurada por Israel a continuidade da expropriação de terras<sup>126</sup>, somada à destruição de casas e do setor agrícola palestino<sup>127</sup>.

### 3.2. A criação dos TPO, a Primeira Intifada e os Acordos de Oslo

Em 1966, após uma crise econômica no ano anterior, tem-se oficialmente o fim do regime militar imposto sobre os palestinos, integrando-os economicamente<sup>128</sup>, mas mantendo-os politicamente excluídos, limitando seus direitos civis<sup>129</sup>. Dois anos depois, em 1967, após a Guerra

---

<sup>124</sup> A política de assentamentos israelenses é um tema que gera diversos debates. Para saber mais, v.: CHEREM, Youssef Alvarenga. Os assentamentos israelenses nos territórios ocupados: raízes históricas e sua influência no processo de paz. **Fronteira**: revista de iniciação científica em Relações Internacionais, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-127, maio 2002. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/fronteira/article/view/5027>. Acesso em: 02 set. 2025; CONSERVA, Sarah Gabrielle Lopes. Sem terra e sem água: assentamentos israelenses e o controle sobre a água como ameaças à existência do povo palestino. 2023. 87 f. **TCC** (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27188>. Acesso em: 02 set. 2025.

<sup>125</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 145; SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 94-95.

<sup>126</sup> HUBERMAN, Bruno. A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel. 2020. 368 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020, p. 93.

<sup>127</sup> SHIHADÉ, M. **Settler Colonialism and Conflict: The Israeli State and its Palestinian Subjects**. **Settler Colonial Studies**, v. 2, n. 1, p. 108–123, jan. 2012.

<sup>128</sup> Os palestinos, diferenciados dos demais trabalhadores judeus, eram vistos como mão de obra barata para atender as necessidades dos setores e indústrias israelenses, ocupando os cargos mais baixos e de menor remuneração. Para saber mais sobre a mão de obra palestina em Israel, v.: FARSAKH, Leila. **Palestinian Labour Migration to Israel: labour, land and occupation**. London: Routledge, 2005.

<sup>129</sup> HUBERMAN, Bruno. A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel. 2020. 368 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020, p. 94.



dos Seis Dias<sup>130</sup>, Israel invade e ocupa militarmente os territórios da Cisjordânia, Israel Oriental e da Faixa de Gaza<sup>131</sup>, surgindo assim, os Territórios Palestinos Ocupados (TPOs)<sup>132</sup>.

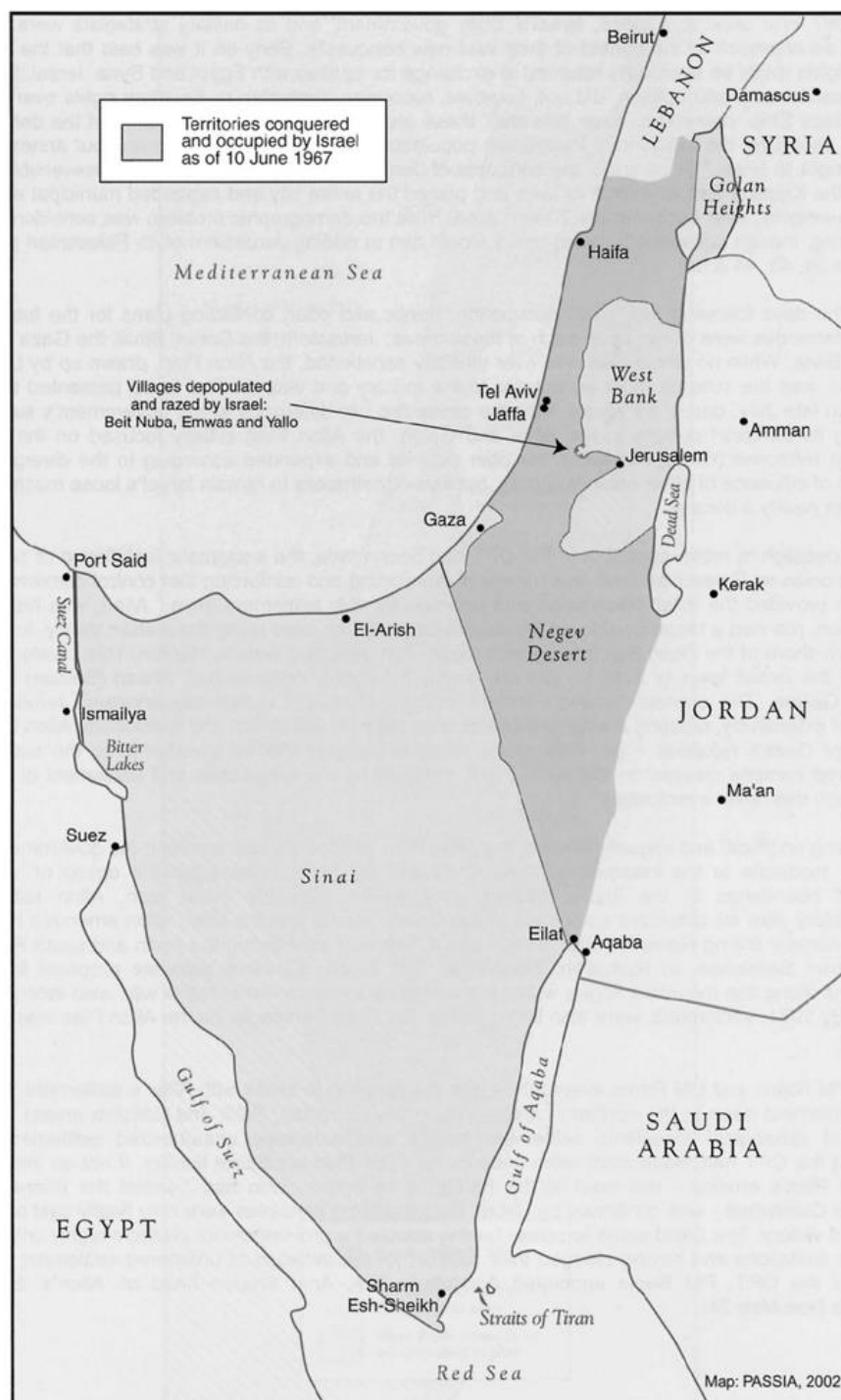
---

<sup>130</sup> A Guerra dos Seis Dias se iniciou em 05 de junho de 1967 e finalizou no dia 10 de junho do mesmo ano, com a vitória de Israel, que conquistou a Cisjordânia, Jerusalém Oriental, a Faixa de Gaza, a Península do Sinai e as Colinas de Golã. Para saber mais, v.: LOUIS, Wm. Roger; SHLAIM, Avi. **The 1967 Arab-Israeli War: origins and consequences**. New York: Cambridge University Press, 2012; SHLAIM, Avi. **The iron wall: israeli and the arabi world**. New York: W.W. Norton & Company, 2014, em especial o capítulo 6.

<sup>131</sup> Após o conflito, tem-se também a elaboração do Plano Allon, que tinha como objetivo redesenhar as fronteiras israelenses, anexando cerca de um terço da Cisjordânia e grande parte da Faixa de Gaza, excluindo regiões de grande contingente árabe para evitar a absorção de não-judeus à Israel, preservando a natureza judaica do Estado. Cf.: CHOMSKY, Noam. **The fateful triangle: the United States, Israel & the palestinians**. Montreal: Black Rose Books, 1984, em especial, o capítulo 2; MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. O Lobby de Israel. **Novos Estudos**, [S.L.], p. 43-73, 23 mar. 2006; PACHECO, Arturo Benito Hartmann. A reformulação globalizada do espaço e da violência na Palestina: o mecanismo político global-local dos acordos de Oslo. 2020. 314 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

<sup>132</sup> Para saber mais sobre os Territórios Palestinos Ocupados, v.: DANA, Tariq. Dominate and Pacify: contextualizing the political economy of the occupied palestinian territories since 1967. In: TARTIR, Alaa; DANA, Tariq; SEIDEL, Timothy (ed.). **Political Economy of Palestine: critical, interdisciplinary, and decolonial perspectives**. Cham: Palgrave Macmillan Cham, 2021. Cap. 2. p. 25-47;

Figura 4 – Territórios ocupados por Israel após a Guerra dos Seis Dias<sup>133</sup>



<sup>133</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 139. Título no original: The Near East after the 1967 June War.

Essa ocupação militar foi acompanhada de políticas de controle, restrições políticas e vigilância militar, como por exemplo, toques de recolher, controle de vendas, implementação de licenças para construção de casas, além da repressão de qualquer tipo de manifestação contra a ocupação<sup>134</sup>.

A Palestina agora se tornou uma nova entidade geopolítica, ou melhor, três entidades. Duas, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, foram mal definidas, a primeira totalmente anexada à Jordânia, mas sem o consentimento ou entusiasmo da população; a segunda no limbo sob o regime militar, seus habitantes impedidos de entrar no Egito propriamente dito. A terceira entidade era Israel, empenhada em judaizar todas as partes da Palestina e construir um novo organismo vivo, a comunidade judaica de Israel<sup>135</sup>.

Além disso, tem-se também um avanço dos assentamentos israelenses nos Territórios Palestinos Ocupados de forma que, já em 1983, mais de 30% das terras de Gaza tinham sido confiscadas, e a política se mantinha ativa na construção de novos assentamentos a partir de 1977, durante o período em que o Likud<sup>136</sup> — partido israelense — estava no poder<sup>137</sup>. Esses assentamentos eram majoritariamente estabelecidos na Cisjordânia, devido à escassez de recursos em Gaza, de forma que, até 2005, Gaza possuía cerca de 8 mil colonos e a Cisjordânia mais de 230 mil<sup>138</sup>.

---

<sup>134</sup> HUBERMAN, Bruno. A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel. 2020. 368 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020, p. 94; SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 112.

<sup>135</sup> “*Palestine now became a new geo-political entity, or rather three entities. Two, the West Bank and the Gaza Strip, were ill-defined, the first fully annexed to Jordan, but without the population’s consent or enthusiasm; the second in limbo under military rule, its inhabitants prevented from entering Egypt proper. The third entity was Israel, bent on Judaizing every part of Palestine, and building a new living organism, the Jewish community of Israel.*”. PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 140.

<sup>136</sup> O Likud é um partido conservador de direita, alinhado com o sionismo revisionista e grande apoiador da agenda neoliberal. O partido foi estabelecido em 1973 e venceu a sua primeira eleição em 1977, derrotando o Partido Trabalhista. Atualmente Israel é governado por esse partido sob a presidência de Benjamin Netanyahu, que se tornou líder do partido pela primeira vez em 1993, sendo eleito como primeiro-ministro (também pela primeira vez) em 1996. Para saber mais, v.: KENIG, Ofer; RAHAT, Gideon. The personalization of the Likud in the era of Netanyahu. **Social Science Quarterly**, [S.L.], v. 105, n. 3, p. 444-460, 11 dez. 2023.

<sup>137</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 121.

<sup>138</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 121.

As primeiras décadas da ocupação israelense da Cisjordânia e da Faixa de Gaza foram marcadas por esforços de desenvolvimento e integração econômica da população ocupada ao poder ocupante, com vistas à sua pacificação [e normalização da ocupação]. A integração do mercado de trabalho israelense contribuiu para uma tímida melhora na qualidade de vida da população de Gaza, por conta da oferta de trabalhos formais e informais em Israel. Ao mesmo tempo, os primeiros sinais de descontentamento com a ocupação já começavam a surgir, sobretudo com o avanço dos assentamentos israelenses na Cisjordânia, resultado da política orquestrada, nos anos 1970, pelo então ministro da agricultura Ariel Sharon, que a partir de então ficou conhecido como o “pai dos assentamentos”.<sup>139</sup>

As políticas israelenses aplicadas nos Territórios Palestinos Ocupados fortaleceram o sentimento nacionalista entre os palestinos da região, resultando na Primeira Intifada (1987-1993) que buscava à autodeterminação palestina — e cujo estopim foi a morte de quatro trabalhadores palestinos por um tanque de transporte israelense<sup>140</sup>. Esse conflito foi marcado pela utilização de paus e pedras pela população palestina contra as forças israelenses, mas também do aproveitamento da “[...] dependência econômica para praticar atos de desobediência civil, como greves, boicotes a produtos israelenses e recusa em pagar as taxas cobradas pelo poder ocupante”<sup>141</sup>, com a esperança de tornar a ocupação um projeto custoso<sup>142</sup>. A resposta israelense foi dura, resultando na morte de aproximadamente 1100 palestinos e 27 israelenses<sup>143</sup>, além de várias prisões e milhares de feridos.

Ademais, foram implementadas novas políticas de restrição à liberdade de movimento da população palestina, tais como a criação de postos de controle nas fronteiras; a introdução do sistema de carteiras de identidade magnéticas para monitorar a entrada e saída em Israel; a

---

<sup>139</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 125-126.

<sup>140</sup> HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 102.

<sup>141</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 126.

<sup>142</sup> Mais uma vez, nota-se a aplicabilidade da teoria do *Partisan*, explicitada na nota número 5 do presente trabalho.

<sup>143</sup> JEWISH VIRTUAL LIBRARY. **First Intifada**. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/first-intifada>. Acesso em: 4 set. 2025. Devido à dificuldade em encontrar fontes menos enviesadas sobre o número de mortos no conflito, recorre-se aos dados disponibilizados pela Jewish Virtual Library, reconhecendo-se, entretanto, seu caráter parcial e a possibilidade de divergência em relação à realidade. Como meio de comparação, o relatório da Middle East Watch de 1990 aponta que, nos primeiros 31 meses da Primeira Intifada, 670 palestinos foram mortos e milhares ficaram feridos. Contudo, esse dado não reflete a totalidade do período do conflito que foi finalizado em 1993. MIDDLE EAST WATCH. **The Israeli Army and the Intifada: policies that contribute to the killings**. Nova York: Human Rights Watch, 1990. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/1990/08/01/israeli-army-and-intifada/policies-contribute-killings-middle-east-watch-report>. Acesso em: 4 set. 2025.

limitação do trabalho palestino dentro da Linha Verde<sup>144</sup> e em território israelense; bem como o isolamento da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, iniciado após 1991, — “barrando a entrada (ou saída) de qualquer pessoa, trabalhador ou produto da Cisjordânia e da Faixa de Gaza em Israel pelo tempo que o governo israelense considerar necessário<sup>145</sup>”.

O fechamento separou os Territórios Ocupados em quatro áreas distintas e relativamente isoladas: o norte da Cisjordânia, o sul da Cisjordânia, Jerusalém Oriental e a Faixa de Gaza. Pelo menos 56 bloqueios militares foram estabelecidos ao longo da "Linha Verde" — 27 em Gaza e 29 na Cisjordânia. Além de serem isoladas umas das outras, todas as quatro regiões dos Territórios Ocupados também estão isoladas de Israel. Os residentes precisam de permissões especiais da administração civil israelense para se deslocar de uma área para outra. A segmentação geográfica dos territórios, juntamente com severas proibições de entrada em Israel, mostraram-se desastrosas para a economia palestina, com a força de trabalho sofrendo o maior dano<sup>146</sup>.

Com o aumento da tensão e da resistência às políticas de controle na região, além da crise, Israel e a Organização para a Libertação Palestina<sup>147</sup> negociaram e assinaram, entre 1993 e 1995, os Acordos de Oslo, que seguiam a lógica da “Terra por Paz”, ou seja, em troca do fim das hostilidades entre as partes, Israel devolveria gradualmente os territórios palestinos ocupados<sup>148</sup>. Foi também no Acordo de Oslo I, de 1993, que foi criada a Autoridade Palestina Provisória de

---

<sup>144</sup> A “linha verde” se refere as fronteiras de Israel com a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, após a Guerra dos Seis dias. O nome se dá pelo fato de que tais fronteiras, muitas vezes eram demarcadas pela cor verde nos mapas oficiais - o que indicava a natureza inconclusiva de tais fronteiras, já que o comum era se utilizar a cor preta ou roxa para fronteiras definidas. PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 165.

<sup>145</sup> “barring the entry (or exit) of any WBGS person, worker or products into Israel for as long as the Israeli government deems necessary.”. FARSACKH, Leila. **Palestinian Labour Migration to Israel: labour, land and occupation**. London: Routledge, 2005, p. 105.

<sup>146</sup> “The closure has separated the Occupied Territories into four distinct and relatively isolated areas: the north West Bank, the south West Bank, East Jerusalem and the Gaza Strip. At least 56 military roadblocks were established along the ‘Green Line’—27 in Gaza, and 29 in the West Bank. Besides being cut off from each other, all four regions of the Occupied Territories are cut off from Israel as well. Residents require special Israeli civil administration permits to leave one area for another. The geographic segmentation of the territories, coupled with severe prohibitions on entry into Israel, have proved ruinous for the Palestinian economy, with the labor force enduring the greatest damage.”. ROY, Sara. **Failing Peace: Gaza and the palestinian-israeli conflict**. London: Pluto Press, 2007, p. 312.

<sup>147</sup> A Organização para a Libertação Palestina surgiu em 1964, através de uma iniciativa da Liga dos Estados Árabes. O objetivo inicial da OLP era ser um mecanismo que daria voz política aos palestinos. Entretanto, ao final da década de 1960, após Yasser Arafat assumir a liderança, o caráter da OLP se voltou para a determinação de um projeto nacional palestino, atuando na reconstrução da identidade nacional palestina moderna e na busca do direito por autodeterminação. Durante muito tempo, a OLP atuou na clandestinidade e, apenas na década de 1990, no contexto dos Acordos de Oslo, foi reconhecida por Israel como representante oficial do povo palestino. Para saber mais sobre a OLP, v.: PARSONS, Nigel. The Palestine Liberation Organization. In: PETERS, Joel; NEWMAN, David (ed.). **The Routledge Handbook on the Israeli–Palestinian Conflict**. London/New York: Routledge, 2013. p. 209-221.

<sup>148</sup> A lógica de “Terra por Paz” desses acordos deixava claro que a prioridade inicial seria o fim das hostilidades e da resistência armada palestina para alcançar a paz de Israel para só depois, e sempre sob o signo de uma possibilidade cada vez mais remota, devolver as terras palestinas ocupadas. PACHECO, Arturo Benito Hartmann. A reformulação globalizada do espaço e da violência na Palestina: o mecanismo político global-local dos acordos de Oslo. 2020. 314 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

Autogoverno<sup>149</sup>, que auxiliaria no processo de transição gradual do controle dos territórios palestinos ocupados<sup>150</sup>.

Imediatamente após a entrada em vigor desta Declaração de Princípios e a retirada da Faixa de Gaza e da região de Jericó, com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, a autoridade será transferida aos palestinos nas seguintes áreas: educação e cultura, saúde, bem-estar social, impostos diretos e turismo. O lado palestino dará início à construção da força policial palestina, conforme acordado. Enquanto aguarda a posse do Conselho, as duas partes poderão negociar a transferência de poderes e responsabilidades adicionais, conforme acordado.<sup>151</sup>

Entretanto, é importante ressaltar que tal transição do poder teria vários limites, como prevê a própria Declaração de Princípios, que traça a exceção do poder da Autoridade Palestina nas áreas de “segurança externa, assentamentos, israelenses, relações exteriores e outros assuntos mutuamente acordados<sup>152</sup>”. Além disso, durante as negociações notava-se também a grande assimetria no poder de barganha entre os palestinos e israelenses, de forma que Israel, além de possuir o apoio dos Estados Unidos da América<sup>153</sup>, ocupava também uma posição muito favorável que o permitia ditar os termos da negociação<sup>154</sup>.

---

<sup>149</sup> Ou apenas “Autoridade Palestina”.

<sup>150</sup> ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Declaration of Principles on Interim Self-Government Arrangements** [Oslo I Accord]. Washington, D.C., 13 set. 1993. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-180015/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

<sup>151</sup> “Immediately after the entry into force of this Declaration of Principles and the withdrawal from the Gaza Strip and Jericho area, with the view to promoting economic development in the West Bank and Gaza Strip, authority will be transferred to the Palestinians in the following spheres: education and culture, health, social welfare, direct taxation and tourism. The Palestinian side will commence in building the Palestinian police force, as agreed upon. Pending the inauguration of the Council, the two parties may negotiate the transfer of additional powers and responsibilities, as agreed upon.”. ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Declaration of Principles on Interim Self-Government Arrangements** [Oslo I Accord]. Washington, D.C., 13 set. 1993. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-180015/>. Acesso em: 15 mar. 2025, Art. VI, 2.

<sup>152</sup> “external security, settlements, Israelis, foreign relations and other mutually agreed matters;”. ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Declaration of Principles on Interim Self-Government Arrangements** [Oslo I Accord]. Washington, D.C., 13 set. 1993. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-180015/>. Acesso em: 15 mar. 2025, Annex II, art. 3, b.

<sup>153</sup> O apoio dos Estados Unidos ao projeto colonial sionista, se motiva por interesses geopolíticos na região, sendo disfarçado pelo discurso de “levar democracia” a um mundo árabe hostil. Já no contexto do pós 11 de setembro, esse apoio foi justificado pelo discurso de que ambos os Estados enfrentavam a ameaça de grupos terroristas provenientes do “mundo árabe e muçumano”. Além disso, nesse período, Israel se tornou um fornecedor de tecnologias de segurança e vigilância para os Estados Unidos da América, transformando os territórios ocupados em uma espécie de testes de armamentos. Cf.: CHOMSKY, Noam. **The fateful triangle: the United States, Israel & the Palestinians**. Montreal: Black Rose Books, 1984, em especial, o capítulo 2; MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. O Lobby de Israel. **Novos Estudos**, [S.L.], p. 43-73, 23 mar. 2006.

<sup>154</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 134.

Outro ponto de destaque durante as negociações é que, ao reconhecer a existência do Estado de Israel, 80% dos territórios da Palestina histórica (pré 1948) que foram tomados por Israel não poderiam ser negociados, restringindo a negociação apenas para a Cisjordânia e a Faixa de Gaza<sup>155</sup>. Assim, alguns pontos foram alcançados na negociação, como por exemplo: (i) o compromisso de Israel em retirar sua presença militar da Faixa de Gaza e do centro-leste da Cisjordânia (Área de Jericó) — o que não significava a retirada dos assentamentos; (ii) a delimitação de medidas de segurança na fronteira entre Israel e Gaza, como a linha delimitadora (faixa de contenção) e o perímetro de segurança para prevenir a entrada ilegal de armas e pessoas em Israel; (iii) a divisão entre segurança interna e poder de polícia — de responsabilidade da Autoridade Palestina — e de segurança externa e contrainsurgência, de responsabilidade israelense, entre outros<sup>156</sup>.

Argumenta-se que o processo de paz, em vez de oferecer direitos aos palestinos, foi um instrumento para continuar e aumentar os mecanismos de controle israelenses sobre fatores chave da produção palestina, como trabalho, capital, terra e água. A própria criação da Autoridade Nacional Palestina (AP), entidade que seria responsável por representar politicamente os palestinos em geral, se mostrou um instrumento da ocupação, e não uma liderança a favor da libertação e da autodeterminação dos palestinos. Segundo interpretação de Gordon, a Autoridade Palestina é um agente terceirizado de Israel e cuja responsabilidade é administrar a população palestina nos seus assuntos civis, dessa forma eximindo Israel de suas responsabilidades enquanto poder ocupante<sup>157</sup>.

Do ponto de vista econômico, considerando o Protocolo de Paris sobre Relações Econômicas<sup>158</sup> (anexo IV do Acordo Gaza-Jericó<sup>159</sup>), o resultado foi uma grande vulnerabilidade para os palestinos, uma vez que as relações foram estabelecidas como se ambas as partes tivessem igualdade de poder — o que estava longe de ser verdade. Isso contribuiu para a perpetuação da desigualdade, uma vez que tais relações se basearam nas regulamentações comerciais israelenses,

---

<sup>155</sup> GELVIN, James L.. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, p. 283-284.

<sup>156</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais. San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 135-138.

<sup>157</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais. San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 139.

<sup>158</sup> ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Protocol on Economic Relations between Israel and the Palestine Liberation Organization** [Paris Protocol]. Paris, 29 abr. 1994. Disponível em: [https://unctad.org/system/files/information-document/ParisProtocol\\_en.pdf](https://unctad.org/system/files/information-document/ParisProtocol_en.pdf). Acesso em: 5 set. 2025.

<sup>159</sup> ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Agreement on the Gaza Strip and the Jericho Area** (Cairo Agreement). Cairo, 4 maio 1994. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185298/>. Acesso em: 5 set. 2025.

além de negar aos palestinos o direito a própria moeda, dando continuidade à dependência palestina de Israel <sup>160</sup>.

O protocolo prolongou tarifas israelenses, taxas de impostos, a imposição de restrições à exportação de certos produtos agrícolas e às quantidades a serem exportadas, e a imposição do sistema israelense de imposto sobre valor agregado (IVA), pois Israel alegou que queria impedir qualquer comércio ilegal realizado pelos palestinos.<sup>161</sup>

Dessa forma, somado à continuidade da política de fechamento, principalmente em Gaza, os Acordos de Oslo não resultam em uma paz de fato, muito menos para o processo de libertação palestina, mas sim para uma reorganização do poder colonial israelense, permitindo a continuidade da ocupação de uma forma mais "indireta"<sup>162</sup>. A criação da Autoridade Palestina como entidade autônoma, juntamente com a transferência da responsabilidade sobre a população para essa instituição, acabou por isentar Israel de suas obrigações enquanto potência ocupante, "tornando difícil responsabilizar Israel legal, política, econômica ou moralmente pelas violações e repressão nos Territórios Ocupados"<sup>163</sup>.

Esse cenário, somado ao não reconhecimento dos palestinos como uma entidade nacional<sup>164</sup> e as severas restrições impostas tanto à população quanto à Autoridade Palestina e ao desenvolvimento autônomo do povo palestino — configurando um processo de de-desenvolvimento<sup>165</sup> —, contribuiu para a perpetuação da dominação e do projeto neocolonial israelense. Assim, o período pós-Oslo, é marcado, para além da deterioração socioeconômica nos

---

<sup>160</sup> GORDON, Neve. **Israel's Occupation**. Berkley/Los Angeles: University Of California Press, 2008, p. 174.

<sup>161</sup> “*The protocol protracted Israeli tariffs, tax rates, the imposition of restrictions on the export of certain agricultural products and the quantities to be exported, and the imposition of the Israeli value-added tax (VAT) system as Israel alleged it wanted to stop any illegal trade performed by the Palestinians.*”. TANNIRA, Ahmed. **Foreign Aid to the Gaza Strip between Trusteeship and De-Development**. London: Anthem Press, 2021, p. 73

<sup>162</sup> GORDON, Neve. **Israel's Occupation**. Berkley/Los Angeles: University Of California Press, 2008, p. 174.

<sup>163</sup> “*made it difficult to hold Israel legally, politically, economically, or morally account able for the violations and repression in the OT*”. GORDON, Neve. **Israel's Occupation**. Berkley/Los Angeles: University Of California Press, 2008, p. 171.

<sup>164</sup> Essa resistência ao reconhecimento do direito de autodeterminação palestina pode ser compreendida como um processo de ‘rejeicionismo’ — termo, em geral, utilizado nos Estados Unidos para designar a recusa em reconhecer o direito de Israel existir como Estado e/ou o direito dos judeus à existência e à autodeterminação na Palestina. Chomsky, contudo, argumenta que essa definição é marcada por um viés racista, defendendo a ampliação do conceito para abarcar também aqueles que negam o direito de autodeterminação palestino, como ocorre no caso de Israel. Cf.: CHOMSKY, Noam. **The fateful triangle: the United States, Israel & the palestinians**. Montreal: Black Rose Books, 1984, em especial, o capítulo 3.

<sup>165</sup> O processo de de-desenvolvimento ocorre por meio da supressão e destruição de qualquer tentativa de desenvolvimento autônomo e sustentável que pudesse conduzir à independência palestina. Esse fenômeno é particularmente visível nos Territórios Palestinos Ocupados, especialmente na Faixa de Gaza, onde há um intenso processo de expropriação de terras, controle de recursos, restrições econômicas e sobre o trabalho, entre outros mecanismos de controle. Cf.: ROY, Sara. **Failing Peace: Gaza and the palestinian-israeli conflict**. London: Pluto Press, 2007.



Territórios Palestinos Ocupados, pela corrupção da Autoridade Palestina que falhou em cumprir seu papel, pelo grande avanço dos assentamentos<sup>166</sup> e pela expropriação de terras palestinas<sup>167</sup>.

### 3.3. A Segunda Intifada e os conflitos no período de 2000 a 2006

O contexto pós-Acordos de Oslo e o aumento no número de assentamentos levou à crescente radicalização da resistência palestina, culminando na eclosão da Segunda Intifada — marcando o fracasso desses acordos de paz. O estopim do conflito seu deu em setembro de 2000 pela visita de Ariel Sharon<sup>168</sup> — político israelense — e uma escolta militar fortemente armada ao Monte Templo, onde se localiza a Mesquita de Al-Aqsa, um local sagrado muçulmano, resultando em manifestações contra a ação interpretada como provocativa<sup>169</sup>. A Revolta começou de uma forma pacífica, através de manifestações que incluíram desobediência civil e alguns apedrejamentos, iniciando em Jerusalém e se estendendo para a Cisjordânia e para Jerusalém

---

<sup>166</sup> Nos acordos de Oslo II (1995), foi acordado entre as partes que nenhum dos lados deveria tomar qualquer postura que alterasse o status da Cisjordânia ou da Faixa de Gaza e que ambas as regiões teriam a sua integridade preservada, visando prevenir que Israel anexasse de maneira integral os Territórios Palestinos Ocupados durante as negociações e que a Autoridade Palestina declarasse soberania unilateral desses territórios nesse período. Entretanto, não houve nenhuma restrição à construção de novos assentamentos que, de acordo com a promessa de Israel aos Estados Unidos, só seriam feitos para acompanhar o “crescimento natural” da população local, permitindo, na prática, que a expansão dos assentamentos continuasse. HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 105.

<sup>167</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. *Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza*. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 144.

<sup>168</sup> A visita de Sharon ao Monte Templo foi o estopim para a eclosão do conflito, mas é importante ter em mente que o conflito se deu não apenas por esse fato isolado e sim por todo um contexto de frustrações, falhas de negociação e radicalização das partes. Para saber mais detalhes sobre tal contexto, v.: PRESSMAN, Jeremy. *The Second Intifada: background and causes of the israeli-palestinian conflict*. **Journal Of Conflict Studies**. New Brunswick, p. 114-141. 2003.

<sup>169</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. *Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza*. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 145.

Oriental<sup>170</sup>. A resposta israelense foi agressiva, através da utilização de balas de borracha e munição real, matando quatro manifestantes, resultando na militarização e escalada do conflito<sup>171</sup>.

O conflito foi muito mais violento que a Primeira Intifada, tendo ao seu final, mais de 4 mil mortos, sendo 75% palestinos – dentre eles, mais de 10% tinham menos de 18 anos<sup>172</sup> – e a demolição de mais de 5.000 casas palestinas<sup>173</sup>. Um dos marcos da Segunda Intifada foi a utilização de táticas terroristas, como as campanhas de atentados suicidas, por grupos como o Hamas<sup>174</sup>, Jihad Islâmica<sup>175</sup> e OLP, e pela repressão violenta de Israel, o que se agravou ainda mais com a Guerra ao Terror dos EUA e o estreitamento da relação EUA-Israel<sup>176</sup>, que permitia a este último a utilização deliberada de violência sem que se gerasse grandes mobilizações na comunidade internacional<sup>177</sup>. “A ideia dos israelenses era intensificar o nível de violência para

---

<sup>170</sup> Jerusalém é sagrada para o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, por concentrar locais de profundo valor religioso, o que a tornou também foco de disputas políticas e territoriais. Até a Primeira Guerra Mundial esteve sob domínio otomano, passando depois ao controle britânico no Mandato da Palestina, em meio a crescentes tensões entre o movimento sionista e a população árabe-palestina. É válido ressaltar que o presente trabalho não tem como objetivo se estender sobre a Questão de Jerusalém, uma vez que a mesma envolve outros pontos e atores internacionais em disputa. Para saber mais sobre o assunto, v.: BOVIS, H. Eugene. **The Jerusalem Question**, 1917-1968. California: Hoover Institution Studies, 1971; AKERMAN, Roberto. Jerusalém: religião e soberania, uma disputa histórica. 2005. 126 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Geografia Humana, Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

<sup>171</sup> GELVIN, James L.. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, p. 293.

<sup>172</sup> GELVIN, James L.. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, p. 293.

<sup>173</sup> ALJAZEERA. **Palestinian Intifada: How Israel orchestrated a bloody takeover: On the 20th anniversary of the second Intifada, Palestinians remember how Israel sought to entrench its occupation**. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/9/28/palestinian-intifada-20-years-later-israeli-occupation-continues>. Acesso em: 18 abr. 2025.

<sup>174</sup> O Hamas - *Harakat al-Muqawama al-Islamiyy* (Movimento de Resistência Islâmica) - surgiu no contexto da Primeira Intifada (1987) como uma entidade da Irmandade Muçumana Palestina para participar diretamente do levante, combinando o ativismo social da Irmandade com ativismo militar. A ideologia do movimento articula uma visão em que a Palestina é concebida como terra islâmica indivisível, cuja defesa legítima a resistência armada. Ademais, por seu forte engajamento social, suprimindo necessidades da população com caridade, educação, saúde, entre outros, permitiu a construção de uma base de apoio sólida à organização. Para saber mais sobre o Hamas, v.: ABU-AMR, Ziad. Hamas: a historical and political background. **Journal of Palestine Studies**. [S.L.], p. 5-19. 1993.

<sup>175</sup> A Jihad Islâmica Palestina surgiu no início da década de 1980 como uma dissidência da Irmandade Muçulmana, expressando a frustração de jovens militantes com a ausência de engajamento direto da Irmandade na luta armada contra Israel. Diferentemente do Hamas, que herdou da Irmandade a combinação entre ação social e política com resistência, a Jihad Islâmica concentrou-se quase exclusivamente na via militar, assumindo desde sua fundação que apenas a luta armada poderia libertar a Palestina. Para saber mais sobre o Hamas, v.: ABU-AMR, Ziad. Hamas: a historical and political background. **Journal of Palestine Studies**. [S.L.], p. 5-19. 1993.

<sup>176</sup> Foi durante a Guerra ao Terror que Israel se consolidou como parceiro estratégico dos EUA no Oriente Médio, além de suas contribuições na indústria de segurança que foram amplamente aproveitadas pelos Estados Unidos. Para mais informações, ver: KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, em especial o capítulo 21, intitulado “A perda de incentivo para a paz: Israel como advertência”.

<sup>177</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em:

conquistar uma decisiva vitória militar que destruísse de uma vez por todas a resistência palestina e trouxesse paz, tranquilidade e ‘segurança’ para os cidadãos israelenses<sup>178</sup>”.

A Guerra ao Terror de Bush possibilitou a Israel a apropriação do discurso de segurança e o uso da figura do “árabe terrorista”<sup>179</sup> para suas empreitadas expansionistas na Palestina, justificando suas ações e operações militares através de um discurso de combate a grupos terroristas<sup>180</sup>. Ademais, a consolidação israelense como exportador de tecnologias de guerra e segurança, principalmente para fornecê-las às empreitadas da Guerra ao Terror, além de impulsionar o desenvolvimento de tecnologias de espionagem, informação e destruição, contribuiu para que a paz alcançada nos Acordos de Oslo fosse abandonada e a violência pudesse continuar sendo empregada<sup>181</sup>. Visando cessar as hostilidades, o Quarteto — grupo formado pelos EUA, ONU, União Europeia e Rússia para mediar o processo de paz entre Israel e Palestina — propôs o *Road Map*, um novo plano de solução de dois Estados que abrangia uma série de questões, como refugiados e fronteiras, e forçou Israel a aceitá-lo<sup>182</sup>.

O Road Map foi o primeiro documento oficial a chamar o regime israelense nos territórios palestinos de “ocupação” e a ressaltar a necessidade do estabelecimento de um Estado palestino “viável”, independente e democrático. E também pela primeira vez incluía um comprometimento israelense para congelar a atividade de assentamento, incluindo a relativa ao crescimento natural dos colonos. [...] Sharon ainda chegou a outros

---

<https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 145; HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 117.

<sup>178</sup> HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 116-117.

<sup>179</sup> A construção do Oriente em contraposição ao Ocidente é uma prática discursiva que sustenta projetos de dominação política, colonial e operações militares violentas. Nesse discurso, o Ocidente é representado como racional, civilizado e moderno, enquanto o Oriente é construído como irracional, violento e atrasado — um “Outro” que supostamente necessita da intervenção ocidental. Após o 11 de setembro, essa representação se intensificou com a figura do “árabe terrorista”, reforçando estereótipos que alternam entre fornecedores de petróleo e ameaças terroristas. Essa estereotipação, amplamente disseminada, legitima hostilidade e incursões militares no Oriente Médio, evidenciando a íntima relação entre conhecimento, poder e política. Cf.: SAID, Edward W. **Covering Islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world**. New York: Vintage Books, 1997; SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2003; LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense**. São Paulo: BOITEMPO, 2010. ISBN 9788575591628, em especial, o capítulo 1.

<sup>180</sup> HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 117.

<sup>181</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 747.

<sup>182</sup> HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 117.

compromissos extraoficiais com o governo Bush: nenhum assentamento novo seria construído; a construção não seria permitida fora das 'linhas de construção existentes' nos assentamentos; nenhuma terra seria alocada ou expropriada para a construção de assentamento; e não seriam concedidos incentivos econômicos aos colonos<sup>183</sup>.

Apesar desses compromissos, Israel continuou expandindo os assentamentos existentes e construiu novos, além do incentivo à cidadãos para se mudarem para esses locais, utilizando-se de atalhos nos compromissos e evitando dar definições claras do que seriam as “linhas de construção existentes”<sup>184</sup>. Além disso, ainda durante a Segunda Intifada, após um atentado suicida em março de 2002, Israel empreende a Operação Escudo Defensivo, caracterizada por fortes ataques aos territórios palestinos sob a justificativa de eliminar a “infraestrutura terrorista”, sendo a maior incursão em territórios palestinos desde os Acordos de Oslo<sup>185</sup>. Durante essa operação “os israelenses travaram tiroteios com palestinos armados, explodiram casas, fizeram prisões em massa e mobilizaram helicópteros de combate, tanques e escavadeiras para reduzir quarteirões inteiros da cidade a escombros”<sup>186</sup>, incluindo amplos espaços civis.

Ademais, a construção do muro da Cisjordânia em 2002<sup>187</sup>, separou as regiões israelenses das regiões árabe-palestinas, anexando grandes parcelas de territórios palestinos a Israel, “[...] assim como 30% das fontes de água de algumas áreas”<sup>188</sup>, sob o argumento de segurança. Somado a isso, o fortalecimento das noções de defesa, segurança e policiamento promovidos pela Guerra

---

<sup>183</sup> HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 118.

<sup>184</sup> HUBERMAN, Bruno. *Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013*. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 119.

<sup>185</sup> GELVIN, James. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, p. 295.

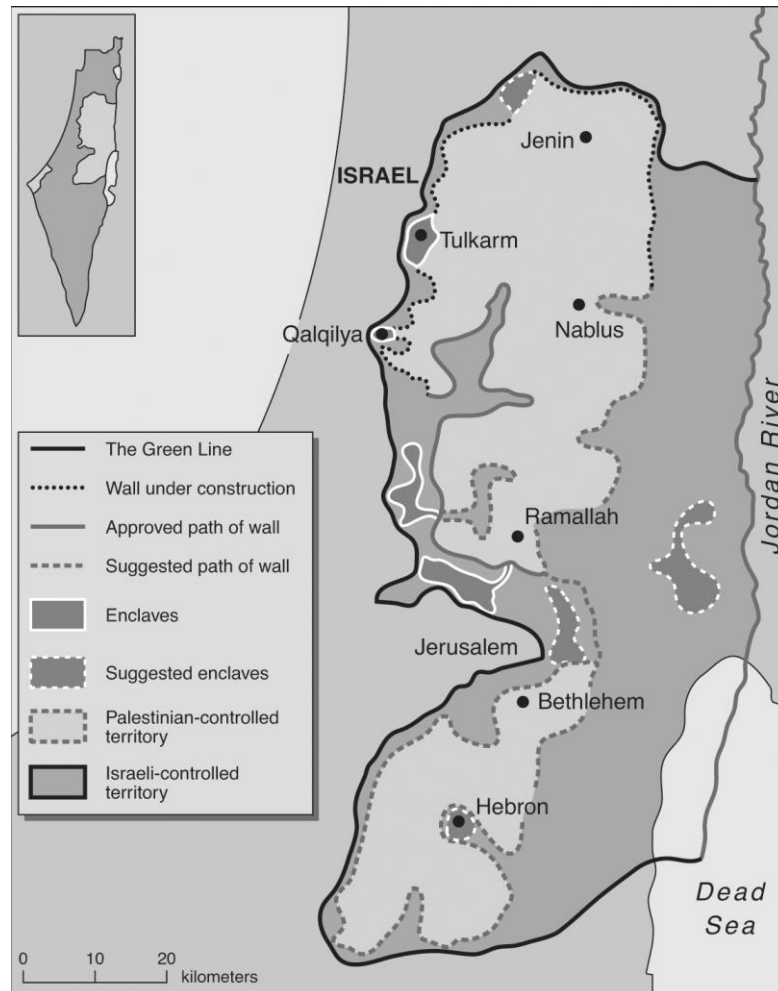
<sup>186</sup> “*Israelis waged gun battles with armed Palestinians, blew up houses, made mass arrests, and deployed helicopter gunships, tanks, and bulldozers to reduce whole city blocks to rubble*”. GELVIN, James. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, p. 295.

<sup>187</sup> A construção do muro da Cisjordânia foi aprovada por Ariel Sharon em 2002 sob a justificativa de segurança, permitindo que Israel anexasse mais territórios palestinos, para além daqueles que foram traçados nos mapas que definiam as Linhas de Armistício, em 1949. Para saber mais, v.: ANDRADE, Mariana Romling Rotheia. *As Políticas de Segregação e de Apartheid do Estado de Israel e seu Reflexo nas Manifestações Artísticas Presentes no Muro da Cisjordânia*. **Revista Perspectiva**: reflexões sobre a temática internacional, [S.L.], v. 14, n. 27, p. 116-146, mar. 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/117124>. Acesso em: 28 ago. 2025; GELVIN, James. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, em especial o capítulo 10.

<sup>188</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 753.

ao Terror, também permitiram Israel estabelecer as chamadas *buffer zones*, em que a população palestina deveria manter 150 metros de distância, já que era uma zona de fogo livre<sup>189</sup>.

Figura 5 - Construção do Muro da Cisjordânia<sup>190</sup>



Outra importante consequência da Segunda Intifada foi o início do plano de desengajamento israelense, marcado pela retirada dos assentamentos da Faixa de Gaza e de quatro assentamentos na Cisjordânia, na tentativa de extinguir qualquer responsabilidade de Israel com a

<sup>189</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 149.

<sup>190</sup> GELVIN, James. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, p. 297. Título no original: Path and planned path of separation barrier, 2005.

população desses espaços<sup>191</sup>. Todavia, mesmo com o desengajamento, o Coordenador de Atividades Governamentais nos Territórios (COGAT), autoridade vinculada ao Ministério de Defesa de Israel, criada para administrar os assuntos das regiões ocupadas, continuava atuando na região, como por exemplo, na coordenação de entrada e saída de pessoas e produtos, inclusive na fronteira de Gaza com Israel<sup>192</sup>.

Os altos custos para a manutenção dos assentamentos na região — que consumia significativamente o orçamento militar israelense —, as ações do Hamas, a pressão internacional para cessar as hostilidades da Segunda Intifada e as mudanças ideológicas na política em Israel — que visava garantir a expansão dos assentamentos na Cisjordânia — traçaram o cenário para o plano de desengajamento da Faixa de Gaza<sup>193</sup>.

Ao retirar os assentamentos de Gaza, o processo de colonização por povoamento israelense na Palestina avançou em outras áreas, haja vista a expansão dos assentamentos israelenses na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental. Nesse sentido, esses dois eventos, apesar de parecerem opostos, compõem dois espectros de um mesmo projeto de colonialismo por povoamento. Nesse sentido, é possível inferir que o objetivo final do Estado de Israel ao implementar a retirada não era uma sinalização para avançar nas negociações do processo de paz, já que não resultou, em momento algum, na autonomia palestina. Além disso, tendo sido uma ação unilateral, as demandas palestinas não foram objeto de consultas e não houve qualquer tipo de negociação com os palestinos<sup>194</sup>.

---

<sup>191</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 149.

<sup>192</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 112.

<sup>193</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 150.

<sup>194</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 155.

Em 2006, outro ponto importante marcaria o cenário da Faixa de Gaza: a vitória do Hamas sobre o Fatah<sup>195</sup> nas eleições parlamentares e a consolidação de seu poder<sup>196</sup>. Nesse mesmo ano, foi lançada por Israel a operação Chuvas de Verão, destruindo a única usina hidrelétrica da faixa de Gaza, além de três pontes na região central, ocasionando sérias consequências para o cotidiano da população<sup>197</sup>. Já no ano seguinte, Israel instaura o bloqueio terrestre, marítimo e aéreo da região, após considerar a Faixa de Gaza uma entidade hostil<sup>198</sup>, além de estabelecer ataques contínuos e sistemáticos à região, somado ao controle rígido de entrada e saída de pessoas e materiais, interrompendo o fornecimento de recursos essenciais — como água e energia —, fazendo com que “[...] os problemas imediatos de Gaza passem a ser de sobrevivência”<sup>199</sup>.

“A própria reconstrução de Gaza após essas operações é impossibilitada pelas políticas israelenses de mobilidade, que restringem a entrada de produtos como cimento, cabos de aço e outros produtos necessários para a construção civil”<sup>200</sup>. Essas políticas, além de perpetuarem a dependência da região dos produtos israelenses, impossibilitando o desenvolvimento sustentável da região, perpetuam o ciclo da economia do desastre, uma vez que se tem uma tentativa de forçar que a compra de produtos e serviços de reconstrução sejam adquiridas de Israel, já que o acesso desses itens por outros meios é negado à Gaza.

---

<sup>195</sup> O Fatah é um movimento de resistência palestina fundado na década de 1950 por Yasser Arafat e outros jovens palestinos em resposta à Nakba de 1948. Buscando combinar ação militar e mobilização política, o objetivo do Fatah era alcançar o fortalecimento da identidade palestina, consolidando-se como a principal força dentro da Organização para a Libertação Palestina (OLP). Diferentemente do Hamas, o Fatah tem uma orientação secular e nacionalista, focada na construção de instituições políticas e na negociação internacional. Cf.: JAMAL, Amal. **The Palestinian National Movement: politics of contention, 1967-2005**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2005; USHER, Graham. The Democratic Resistance: hamas, fatah, and the palestinian elections. **Journal Of Palestine Studies**. [S.L.], p. 20-36. 2006.

<sup>196</sup> USHER, Graham. The Democratic Resistance: hamas, fatah, and the palestinian elections. **Journal Of Palestine Studies**. [S.L.], p. 20-36. 2006.

<sup>197</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 156.

<sup>198</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 156.

<sup>199</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 157.

<sup>200</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 158.

### 3.4. Período de intensificação: as operações israelenses (2006-2023)

Após o Hamas assumir o poder político legítimo na Faixa de Gaza, no decorrer das décadas de 2000 e 2010, diversas operações foram realizadas por Israel contra o grupo de resistência palestina que, embora tenha se reconfigurado como partido político<sup>201</sup>, segue sendo tratado como organização terrorista por Israel. Em 27 dezembro de 2008, após ter expirado um acordo de cessar-fogo entre o Hamas e Israel, foi lançada a Operação Chumbo Fundido (*Operation Cast Lead*), um ataque militar surpresa à Faixa de Gaza que durou 22 dias, matando 1391 palestinos — dentre os quais, 759 não tinha nenhuma participação no conflito — e ferindo mais de 5300, além da destruição de hospitais, escolas, mesquitas, casas, entre outras construções civis<sup>202</sup>. A resposta palestina foi o lançamento de foguetes e morteiros à Israel, matando 3 civis e ferindo dezenas<sup>203</sup>. Após uma forte pressão internacional, em janeiro de 2009, Israel retirou suas forças de Gaza, declarando cessar-fogo, apesar de ainda negar o acesso a trabalhadores de direitos humanos e jornalistas à Faixa de Gaza<sup>204</sup>.

Com a escalada de incidentes na fronteira entre Gaza e Israel, em 14 de novembro de 2012, Israel lança a Operação Pilar de Defesa (*Operation Pillar of Defense*), matando, em seu primeiro

---

<sup>201</sup> No contexto pós Acordos de Oslo, ao decorrer da década de 1990, o Hamas passou a disputar espaços eleitorais, consolidando uma elite islamista que buscava legitimidade política interna, ao mesmo tempo que se mantinha crítica à OLP e ao Fatah. Todavia, vale ressaltar que a formulação do Hamas como partido político não eliminou sua identidade de movimento de resistência. "A elite islamista não faz parte da estrutura de poder oficial da ANP, mas estabeleceu estruturas de poder alternativas que desafiam a ANP em quase todas as questões. A importância desse desafio se tornou muito evidente durante a segunda intifada. O Hamas conseguiu trazer sua agenda política para a cena palestina e regional e bloquear a iniciação de negociações pacíficas sobre o plano do Mapa da Estrada apresentado pelo presidente dos EUA, George W. Bush, que não teria extraído concessões de Israel.", no original: "*The Islamist elite is not part of the official power structure of the PA, but it has established alternative power structures that challenge the PA on almost every issue. The importance of this challenge became very apparent during the second intifada. Hamas managed to bring its political agenda to the Palestinian and regional scene and to block the initiation of peaceful negotiations on the Road Map plan presented by U.S. president George W. Bush which would not have extracted concessions from Israel*". JAMAL, Amal. **The Palestinian National Movement: politics of contention, 1967-2005**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2005, p. 24.

<sup>202</sup> KURBAN, Thiago Müller. Organizações Internacionais de Direitos Humanos: a atuação da anistia internacional e da human rights watch na ofensiva israelense chumbo fundido. 2017. **Dissertação** (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, – PUC-RS, Porto Alegre, 2017.

<sup>203</sup> KURBAN, Thiago Müller. Organizações Internacionais de Direitos Humanos: a atuação da anistia internacional e da human rights watch na ofensiva israelense chumbo fundido. 2017. **Dissertação** (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, – PUC-RS, Porto Alegre, 2017.

<sup>204</sup> KURBAN, Thiago Müller. Organizações Internacionais de Direitos Humanos: a atuação da anistia internacional e da human rights watch na ofensiva israelense chumbo fundido. 2017. **Dissertação** (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, – PUC-RS, Porto Alegre, 2017.



ataque, Ahmad al Ja'bari, chefe do braço militar do Hamas em Gaza<sup>205</sup>. A operação foi finalizada no dia 21 de novembro de 2012, quando Israel e Hamas concordaram com um cessar fogo e seu resultado foi a morte de 167 palestinos — dentre os quais pelo menos 87 não tinham nenhum envolvimento direto nas hostilidades — e de 4 civis israelenses<sup>206</sup>.

Em junho de 2014, uma célula do Hamas sequestrou e matou três adolescentes na Cisjordânia e, aproveitando da “janela de oportunidade” — mesmo sabendo que a liderança do Hamas não tinha envolvimento direto com o ocorrido —, Israel lançou a Operação Guardião do Irmão (*Operation Brother's Keeper*), matando pelo menos cinco palestinos na Cisjordânia, além de várias prisões, com o objetivo de provocar uma resposta violenta do Hamas para justificar uma invasão terrestre<sup>207</sup>. “O Hamas inicialmente resistiu às provocações israelenses, embora outras facções de Gaza tenham disparado projéteis. Mas na retaliação que se seguiu, o Hamas entrou na disputa e a violência saiu do controle<sup>208</sup>”.

Um dos elementos que abriu caminho para o lançamento da invasão terrestre — Operação Margem Protetora (*Operation Protective Edge*) — foi a proposta de um acordo de cessar-fogo, articulado no contexto da Operação *Brother's Keeper*<sup>209</sup>. O acordo previa que o Hamas cessaria o disparo de projéteis contra Israel e, em contrapartida, Israel flexibilizaria o bloqueio imposto a Gaza quando a situação de segurança fosse considerada estável, entretanto, ao classificar o Hamas como organização terrorista, Israel reforçava a narrativa de que essa estabilidade só seria alcançada com a derrota total ou o desarmamento do grupo, o que levou o Hamas a rejeitar os termos do cessar-fogo<sup>210</sup>. Com essa rejeição, Israel encontrou a “justificativa” ideal para uma invasão terrestre, lançando a Operação Margem Protetora em 8 de julho de 2014.

---

<sup>205</sup> B'TSELEM – The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories. **Human Rights Violations During Operation Pillar of Defense, 14-21 November 2012**. Jerusalem: B'Tselem, 2013. ISBN 978-965-7613-03-0.

<sup>206</sup> B'TSELEM – The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories. **Human Rights Violations During Operation Pillar of Defense, 14-21 November 2012**. Jerusalem: B'Tselem, 2013. ISBN 978-965-7613-03-0.

<sup>207</sup> FINKELSTEIN, Norman G. **Gaza: an inquest into its martyrdom**. California: University Of California Press, 2018, p. 276-277.

<sup>208</sup> “*Hamas at first resisted the Israeli provocations, although other Gaza factions did fire projectiles. But in the ensuing tit-for-tat, Hamas entered the fray and the violence spun out of control*”. FINKELSTEIN, Norman G. **Gaza: an inquest into its martyrdom**. California: University Of California Press, 2018, p. 277.

<sup>209</sup> FINKELSTEIN, Norman G. **Gaza: an inquest into its martyrdom**. California: University Of California Press, 2018, p. 278.

<sup>210</sup> FINKELSTEIN, Norman G. **Gaza: an inquest into its martyrdom**. California: University Of California Press, 2018, p. 278.

A Operação contou com extensos ataques à Faixa de Gaza, de forma que, apenas nos primeiros dois dias, foram lançadas 400 toneladas de bombas sobre a região<sup>211</sup> e, ao longo das semanas seguintes, realizou cerca de 6000 ataques aéreos<sup>212</sup>. Os alvos foram majoritariamente sobre áreas civis, como hospitais, casas e escolas, o que resultou na destruição de infraestrutura básica, cortes de eletricidade e impacto direto sobre o funcionamento de serviços essenciais<sup>213</sup>. A operação durou 51 dias, sendo finalizada no dia 26 de agosto de 2014<sup>214</sup>, e seu resultado foi a morte de mais de 2551 palestinos — dentre eles, 1462 eram civis e 551 eram crianças —, além de mais de 11.000 feridos, além de resultar em uma crise de deslocamento na região, com quase 500.000 pessoas deslocadas internamente<sup>215</sup>.

Em 2021, tem-se uma nova escalada do conflito durante o Ramadã, no bairro de Sheikh Jarrah<sup>216</sup>, em Jerusalém Oriental, que abrigava famílias palestinas deslocadas pelos conflitos

---

<sup>211</sup> Tal bombardeio é comparável, em intensidade, ao bombardeio massivo e secreto do Camboja realizado pelos EUA entre os anos de 1969-1973, considerado por muitos como um dos maiores bombardeios da história. Cf.: CHOMSKY, Noam. **For Reasons of State**. New York: Pantheon Books, 1973.

<sup>212</sup> HASAN, Hanaa. **Relembrando a ofensiva israelense contra Gaza de 2014**. Monitor do Oriente, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20200708-relembrando-a-ofensiva-israelense-contr-gaza-de-2014-2/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

<sup>213</sup> HASAN, Hanaa. **Relembrando a ofensiva israelense contra Gaza de 2014**. Monitor do Oriente, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20200708-relembrando-a-ofensiva-israelense-contr-gaza-de-2014-2/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

<sup>214</sup> “Em 3 de agosto de 2014, a FDI retirou a maior parte de suas forças de infantaria dos territórios de Gaza, após completar a destruição de 32 túneis. Uma semana depois, uma trégua de três dias negociada pelo Egito entrou em vigor, o que levou a uma série de breves armistícios, antes de Israel e Hamas concordarem em encerrar as hostilidades, em 26 de agosto”. HASAN, Hanaa. **Relembrando a ofensiva israelense contra Gaza de 2014**. Monitor do Oriente, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20200708-relembrando-a-ofensiva-israelense-contr-gaza-de-2014-2/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

<sup>215</sup> UNRWA. **2014 Gaza Conflict**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.unrwa.org/2014-gaza-conflict>. Acesso em: 03 abr. 2025; UNITED NATIONS. Human Rights Council. **Report of the detailed findings of the independent commission of inquiry established pursuant to Human Rights Council resolution S-21/1**. [s.l.]: United Nations, 24 June 2015. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185919/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

<sup>216</sup> “O arquivo otomano afirma que 167 famílias viviam no bairro de Sheikh Jarrah em 1905. Esse número aumentou como resultado do rápido boom de construção durante o Mandato Britânico, que transformou a área de Sheikh Jarrah em um dos bairros mais abastados de Jerusalém até meados do século XX. Os moradores da área de Sheikh Jarrah lutaram contra a ganância das gangues sionistas em 1948, ano que marca a Nakba. Eles defenderam o bairro de forma firme com o auxílio do exército jordano e de combatentes voluntários, o que permitiu a sobrevivência da vizinhança até que ela caiu sob o controle da ocupação israelense em 1967. Além disso, o distrito de Sheikh Jarrah tornou-se refúgio para os refugiados palestinos que foram forçadamente expulsos de suas casas em 1948 e residência para seus descendentes.” No original: “*The Ottoman archive states that 167 families lived the Sheikh Jarrah neighbourhood in 1905. This number increased as a result of th British mandate's quick building boom which turned the Sheikh Jarrah area into one of the most affluent neighbourhood in Jerusalem by the middle of the twentieth century. The rsidents of Sheikh Jarrah area struggled against the Zionist gangs' avarice in 1948, the year that commemorates the Nakba. They defended the area steadfastly with the aid of the Jordanian army and the voluntary fighters which led to the survival of the neighbourhood till it fell prey to the control of the Israeli occupation in 1967. Additionally, Sheikh Jarrah district became the resort of the Palestinian refugees who were forcefully driven from their homes in 1948 and a residency for their offspring*”. KARAMAH, Samah. *Sheik Jarrah Issue in the Context of the Palestinian Resistance*

anteriores<sup>217</sup>. Em 1956, após a colaboração da Jordânia com a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA), foi implementado em Sheik Jarrah um projeto de habitação destinado a 28 famílias expulsas de suas casas durante a *Nakba*, com a previsão de que, após três anos, essas famílias se tornariam proprietárias oficiais das residências<sup>218</sup>. No entanto, essa oficialização da propriedade nunca ocorreu de forma que, após a ocupação israelense de Jerusalém Oriental em 1967, a situação foi se agravando, tendo em vista as contestações dos colonos israelenses da posse das terras<sup>219</sup>. Após uma decisão favorável aos sionistas, em 2008, que previa o despejo de 13 famílias palestinas, houve uma série de protestos que agravaram as tensões, fazendo com que a Suprema Corte israelense suspendesse os despejos em uma tentativa de diminuí-las<sup>220</sup>.

Com a chegada do Ramadã, Israel impôs restrições ao número de pessoas que seriam autorizadas a entrar na Cidade Velha de Jerusalém para celebrar o período sagrado, resultando em mais protestos<sup>221</sup>. Durante todo o período a violência e a tensão aumentavam gradualmente até atingirem um novo patamar em 10 de maio de 2021, data em que Israel comemora o chamado Dia de Jerusalém, que marca a “reunificação da cidade” após a ocupação de Jerusalém Oriental em 1967<sup>222</sup>. Nesse mesmo dia, a polícia israelense tentou impedir que mulçumanos realizassem suas orações na Mesquita de Al-Aqsa — o que resultou em confrontos em diversos pontos da cidade — e paralelamente, se preparava para realizar uma marcha pela Cidade Velha, carregando bandeiras e passando pelo portão de Damasco em direção ao complexo de Al-Aqsa, o que era considerada uma demonstração altamente provocativa que, mesmo assim, foi autorizada pelas

---

Against the Israeli Occupation: a game changer. *Journal Of Islamic Jerusalem Studies*. [S.L.], p. 213-238. dez. 2023.

<sup>217</sup> CBS NEWS. **Sheikh Jarrah**: Why Palestinians are facing possible eviction in east Jerusalem. 2021a. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/israel-palestinians-sheikh-jarrah-eviction-east-jerusalem-explained/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

<sup>218</sup> KARAMAH, Samah. Sheik Jarrah Issue in the Context of the Palestinian Resistance Against the Israeli Occupation: a game changer. *Journal Of Islamic Jerusalem Studies*. [S.L.], p. 213-238. dez. 2023, p. 216.

<sup>219</sup> KARAMAH, Samah. Sheik Jarrah Issue in the Context of the Palestinian Resistance Against the Israeli Occupation: a game changer. *Journal Of Islamic Jerusalem Studies*. [S.L.], p. 213-238. dez. 2023.

<sup>220</sup> CBS NEWS. **Sheikh Jarrah**: Why Palestinians are facing possible eviction in east Jerusalem. 2021a. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/israel-palestinians-sheikh-jarrah-eviction-east-jerusalem-explained/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

<sup>221</sup> CBS NEWS. **World Why is violence flaring up in Israel and Gaza?** 2021b. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/israel-palestinians-gaza-violence-flaring-2021/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

<sup>222</sup> LE GRICE, Kirsty. **The View from Sheikh Jarrah: Accounts from East Jerusalem and Palestine during 2021**. Vancouver Association for the Survivors of Torture, 2021. Disponível em: <https://www.vastbc.ca/articles/the-view-from-sheikh-jarrah>. Acesso em: 18 mar. 2025.

autoridades israelenses<sup>223</sup>. Ao final do dia, as sirenes em Jerusalém soaram para alertar que a cidade estava sob ataque<sup>224</sup> de foguetes lançados pelo Hamas a partir da Faixa de Gaza<sup>225</sup>. Em resposta, Israel iniciou a Operação Guardiã das Muralhas (*Guardian of the Walls*), que se estendeu por 11 dias<sup>226</sup>. A ofensiva resultou na morte de aproximadamente 260 palestinos em Gaza, dos quais 129 eram civis e 66 crianças, além de provocar ampla destruição de infraestrutura no enclave<sup>227</sup>.

Tais ações contribuíram para gerar ainda mais tensão entre israelenses e palestinos e foram repetidas nos anos seguintes. Em 5 de agosto de 2022, Israel lança contra a Faixa de Gaza a Operação Amanhecer (*Operation Broken Dawn*) sob a justificativa de se tratar de uma “operação preventiva”<sup>228</sup>. A operação teve duração de três dias e resultou na morte de 33 palestinos, sendo a maioria civis sem qualquer relação ou envolvimento direto com o conflito<sup>229</sup>. No ano seguinte, em maio de 2023, após a morte de Khader Adnan (importante líder da Jihad Islâmica Palestina) em uma prisão israelense, foram lançados 100 mísseis contra Israel pela Jihad Islâmica<sup>230</sup>. A resposta foi o lançamento da Operação Escudo e Flecha (*Operation Shield and Arrow*), matando pelo

---

<sup>223</sup> LE GRICE, Kirsty. **The View from Sheikh Jarrah: Accounts from East Jerusalem and Palestine during 2021**. Vancouver Association for the Survivors of Torture, 2021. Disponível em: <https://www.vastbc.ca/articles/the-view-from-sheikh-jarrah>. Acesso em: 18 mar. 2025.

<sup>224</sup> Nota-se como se tornou prática recorrente, nesse conflito, a utilização de feriados e datas sagradas por ambas as partes como marcos simbólicos e estratégicos para lançar grandes operações, mobilizar apoio ou intensificar confrontos. Para além dos exemplos citados acima, o ataque de 07 de outubro de 2023 também se deu em um feriado judaico, o feriado de Simchat Torá. Cf.: HUMAN RIGHTS WATCH. **“I Can’t Erase All the Blood from My Mind”: Palestinian Armed Groups’ October 7 Assault on Israel**. Jerusalem: Human Rights Watch, 17 July 2024. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2024/07/17/i-cant-erase-all-blood-my-mind/palestinian-armed-groups-october-7-assault-israel>. Acesso em: 10 mai. 2025.

<sup>225</sup> LE GRICE, Kirsty. **The View from Sheikh Jarrah: Accounts from East Jerusalem and Palestine during 2021**. Vancouver Association for the Survivors of Torture, 2021. Disponível em: <https://www.vastbc.ca/articles/the-view-from-sheikh-jarrah>. Acesso em: 18 mar. 2025.

<sup>226</sup> HUMAN RIGHTS WATCH. **Gaza: Israel’s May airstrikes on high-rises**. Human Rights Watch, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/08/23/gaza-israels-may-airstrikes-high-rises>. Acesso em: 18 mar. 2025.

<sup>227</sup> HUMAN RIGHTS WATCH. **Gaza: Israel’s May airstrikes on high-rises**. Human Rights Watch, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/08/23/gaza-israels-may-airstrikes-high-rises>. Acesso em: 18 mar. 2025.

<sup>228</sup> FERNÁNDEZ, Belén. **Israel: Normalising Terror, One Dawn at a Time**: how Israel escalates operations during political crises. Al Jazeera, 12 Aug. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2022/8/12/israel-normalising-terror-one-dawn-at-a-time>. Acesso em: 20 mar. 2025; ISRAEL POLICY FORUM. **Operation Breaking Dawn: overview**. 8 Aug. 2022. Disponível em: <https://israelpolicyforum.org/2022/08/08/operation-breaking-dawn-overview/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

<sup>229</sup> B’TSELEM. **Broken Dawn: testimonies about the attack on the Gaza Strip**, August 2022. 27 fev. 2023. Disponível em: [https://www.btselem.org/gaza/202302\\_broken\\_dawn\\_testimonies/](https://www.btselem.org/gaza/202302_broken_dawn_testimonies/). Acesso em: 20 mar. 2025.

<sup>230</sup> SVETLOVA, Ksenia. **In an endless series of Israeli operations, Operation Shield and Arrow in Gaza was yet another name on the list**. Atlantic Council, 2 jun. 2023. Disponível em: [link]. Acesso em: 20 mar. 2025.

menos 33 palestinos em 5 dias<sup>231</sup>. Todo esse contexto, contribuiu para o cenário de crescente hostilidade que culminaria na ofensiva lançada pelo Hamas em outubro de 2023.

### 3.5. A escalada de 07 de outubro de 2023 e as operações contra a Faixa de Gaza

No dia 07 de outubro de 2023, membros do braço armado do Hamas, juntamente com outros grupos armados palestinos realizaram um ataque surpresa<sup>232</sup> ao sul de Israel, lançando uma intensa ofensiva contra cidades, vilas e bases militares, com o disparo de pelo menos 2200 foguetes e uma incursão terrestre, utilizando explosivos, tratores e escavadeiras para romper a barreira que cerca a Faixa de Gaza<sup>233</sup>. Após desativar as redes de comunicação de vários postos militares, combatentes invadiram comunidades israelenses próximas à Faixa de Gaza sem serem detectados, matando 1218 pessoas<sup>234</sup> — dentre as quais pelo menos 882 eram civis<sup>235</sup> — e sequestrando mais de 252 pessoas que foram levadas como reféns para Gaza<sup>236</sup>.

Após o ataque, Israel declarou estado de guerra<sup>237</sup> e retaliou com uma incursão aérea que, apenas nos dois primeiros dias (7 e 8 de outubro), resultou na morte de pelo menos 370<sup>238</sup> palestinos além de 1600 feridos, iniciando assim, a Operação Espadas de Ferro (*Operation Iron Swords*)<sup>239</sup>. Paralelamente, foi imposto um cerco total à Faixa de Gaza, com a interrupção do

---

<sup>231</sup> UNITED NATIONS. **Report of the Special Committee to Investigate Israeli Practices Affecting the Human Rights of the Palestinian People and Other Arabs of the Occupied Territories**. A/78/553. 2023. Disponível em: <https://docs.un.org/en/A/78/553>. Acesso em: 21 mar. 2025.

<sup>232</sup> De acordo com o Hamas, o ataque foi uma resposta ao cerco da Faixa de Gaza, além dos abusos praticados por Israel contra os palestinos, como ataques violentos contra bairros e vilarejos, invasão da Mesquita de Al-Aqsa, aumento dos ataques de colonos sionistas contra os palestinos e crescimento no número de assentamentos ilegais. Cf.: AL JAZEERA. **Israel declares state of war, attacks on Gaza intensify**. Al Jazeera, 8 out. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/gallery/2023/10/8/intense-battles-as-israel-declares-state-of-war>. Acesso em: 10 mai. 2025; AL JAZEERA. **‘World is watching’: Fears grow of a massive Gaza invasion by Israel**. Al Jazeera, 7 Oct. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/10/7/world-is-watching-fears-grow-of-a-massive-gaza-invasion-by-israel>. Acesso em: 10 mai. 2025

<sup>233</sup> UNITED NATIONS. Human Rights Council. **Detailed findings on attacks carried out on and after 7 October 2023 in Israel**. Independent International Commission of Inquiry on the Occupied Palestinian Territory, including East Jerusalem, and Israel. A/HRC/56/CRP.3. Geneva: UN, 10 June 2024. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/4051246?v=pdf>. Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>234</sup> B'TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025.

<sup>235</sup> B'TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025.

<sup>236</sup> B'TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025.

<sup>237</sup> THE GUARDIAN NEWS. **'We are at war': Israel's Benjamin Netanyahu makes statement on Hamas attack**. YouTube, 7 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GAm2RAbAc-Y>. Acesso em: 7 mai. 2025.

<sup>238</sup> AL JAZEERA. **Israel declares state of war, attacks on Gaza intensify**. Al Jazeera, 8 out. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/gallery/2023/10/8/intense-battles-as-israel-declares-state-of-war>. Acesso em: 10 mai. 2025.

<sup>239</sup> AL JAZEERA. **Israel retaliation kills 230 Palestinians after Hamas operation**. Al Jazeera, 7 Oct. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/10/7/sirens-warn-of-rockets-launched-towards-israel-from-gaza-news-reports>. Acesso em: 10 mai. 2025.

fornecimento de água, energia<sup>240</sup>, alimentos e ajuda humanitária, mesmo diante dos alertas das agências da ONU sobre a escassez de suprimentos na região<sup>241</sup>. Além disso, a ofensiva israelense incluiu incursões terrestres — iniciadas no dia 13 de outubro de 2023<sup>242</sup>, quando foram emitidas as primeiras ordens de evacuação que instruíam que os civis se deslocassem para o sul de Gaza<sup>243</sup> — e o corte completo das comunicações<sup>244</sup>, agravando ainda mais a situação da população civil<sup>245</sup>. Tal interrupção, potencializa o número de vítimas, uma vez que impossibilita que as equipes de resgate recebam as instruções adequadas, além de privar a população de acessar informações confiáveis sobre serviços médicos e de emergência<sup>246</sup>. Por outro lado, dificulta também o contato com familiares e amigos e favorece a impunidade em casos de violações de direitos humanos<sup>247</sup>, já que inviabiliza a documentação e a difusão de evidências, ao mesmo tempo em que isola as equipes das agências humanitárias, restringindo sua capacidade de atuação<sup>248</sup>.

---

<sup>240</sup> O desligamento da conexão de Gaza à rede elétrica israelense resultou em um forte impacto para a sociedade de Gaza, uma vez que, antes mesmo da escalada do conflito, Israel impossibilitou que a região construísse o seu próprio sistema de geração de energia, condenando-os à dependência e compra de energia israelense. A única usina de energia presente na Faixa de Gaza — capaz de fornecer apenas uma pequena parcela do consumo total de energia da região —, foi forçada a suspender suas atividades no dia 11 de outubro de 2023. “A escassez de eletricidade trouxe consequências devastadoras e generalizadas, interrompendo gravemente quase todos os sistemas essenciais na Faixa, o sistema de saúde, abastecimento de água, produção e distribuição de alimentos, comunicações, serviços municipais e mais”. No original: “*The electricity shortage brought devastating and widespread consequences, severely disrupting nearly all essential systems in the Strip, the healthcare system, water supply, food production and distribution, communications, municipal services, and more*” B’TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025, p. 34.

<sup>241</sup> UNITED NATIONS. **Explainer: UN on the ground amid Israel-Palestine crisis**. UN News, 10 out. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2023/10/1142127>. Acesso em: 10 mai. 2025.

<sup>242</sup> BAR-TAL, Daniel. The told story of the Gaza war. **World Affairs**, v. 188, n. 2, p. 7-25, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1002/waf2.70005>.

<sup>243</sup> B’TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025, p. 45.

<sup>244</sup> Nota-se aqui a aplicação das táticas de *Shock and Awe*, realizadas no Iraque, aumentando a sensação de pavor, angústia e isolamento da sociedade civil. A discussão será retomada com mais detalhes nas seções posteriores.

<sup>245</sup> B’TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025.

<sup>246</sup> HUMAN RIGHTS WATCH. **Gaza: communications blackout imminent due to fuel shortage**. 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2023/11/15/gaza-communications-blackout-imminent-due-fuel-shortage>. Acesso em: 15 mai. 2025.

<sup>247</sup> “Desligamentos ou restrições intencionais e generalizados ao acesso à internet violam múltiplos direitos e podem ser fatais durante crises”, disse Deborah Brown, pesquisadora sênior de tecnologia da Human Rights Watch. “Apagões de comunicação prolongados e completos, como os ocorridos em Gaza, podem servir de cobertura para atrocidades e gerar impunidade, ao mesmo tempo em que minam ainda mais os esforços humanitários e colocam vidas em risco”, no original: “*Intentional, blanket shutdowns or restrictions on access to the internet violate multiple rights and can be deadly during crises,*” said Deborah Brown, senior technology researcher at Human Rights Watch. “*Prolonged and complete communications blackouts, like those experienced in Gaza, can provide cover for atrocities and breed impunity while further undermining humanitarian efforts and putting lives at risk.*” HUMAN RIGHTS WATCH. **Gaza: communications blackout imminent due to fuel shortage**. 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2023/11/15/gaza-communications-blackout-imminent-due-fuel-shortage>. Acesso em: 15 mai. 2025.

<sup>248</sup> HUMAN RIGHTS WATCH. **Gaza: communications blackout imminent due to fuel shortage**. 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2023/11/15/gaza-communications-blackout-imminent-due-fuel-shortage>. Acesso em: 15 mai. 2025.

Durante as operações israelenses na Faixa de Gaza, desde seu início em outubro de 2023, várias estruturas vêm sendo atacadas, como hospitais, centros de refugiados e corredores humanitários, aumentando exponencialmente o número de mortos, feridos e deslocados a cada dia que se passa. Já no início das operações, todos os hospitais ao norte da Faixa de Gaza foram bombardeados, sitiados ou evacuados à força, além do forte impacto ao funcionamento dos sistemas de saúde devido ao cerco e às faltas constantes de água, energia e combustível<sup>249</sup>. “Em 23 de maio [de 2025], mais de 90% dos 531 pontos de atendimento de saúde de Gaza estavam total ou parcialmente fora de serviço, com muitos dos últimos locais restantes localizados dentro de zonas de evacuação declaradas, inacessíveis tanto para civis quanto para médicos<sup>250</sup>.”

Com o aumento dos ataques e a crescente preocupação internacional<sup>251</sup> com os custos humanitários do conflito, foi negociado, em 24 novembro de 2023 com a mediação do Catar, uma trégua de quatro dias — que se estendeu por mais três dias — entre Israel e Hamas, permitindo a libertação e troca de reféns<sup>252</sup>, além da autorização para a entrada de ajuda humanitária em Gaza<sup>253</sup>. Nesse período, foram libertados 240 palestinos, 86 israelenses e 24 estrangeiros, entretanto,

---

<sup>249</sup> Só em outubro de 2023 (primeiro mês do conflito) 12 dos 35 hospitais de Gaza e 46 de 72 clínicas de saúde primária foram fechadas em Gaza devido aos ataques e a falta de suprimentos. Em dezembro do mesmo ano, apenas nove dos 36 hospitais da Faixa de Gaza estavam funcionando parcialmente. MANN, Itamar; ABURASS, Aseel; LEIBOWITZ, Tirza; SHALEV, Guy. **Destruction of Conditions of Life: a health analysis of the Gaza genocide**. Tel Aviv: Physicians for Human Rights Israel, 2025. Position Paper, p. 16-18.

<sup>250</sup> “*As of May 23, over 90% of Gaza's 531 health service points were either entirely or partially out of service, with many of the last remaining sites located inside declared evacuation zones, inaccessible to civilians and medics alike*” MANN, Itamar; ABURASS, Aseel; LEIBOWITZ, Tirza; SHALEV, Guy. **Destruction of Conditions of Life: a health analysis of the Gaza genocide**. Tel Aviv: Physicians for Human Rights Israel, 2025. Position Paper, p. 23.

<sup>251</sup> A preocupação da comunidade internacional com as baixas humanitárias e, de modo mais amplo, com a questão da população palestina, revela-se muitas vezes esvaziadas de significado real. Isso porque, mesmo entre aqueles países que expressam solidariedade à Questão Palestina e criticam as práticas neocoloniais israelenses, há uma recusa — na maioria dos casos — em estabelecer um corte de relações com Israel e, em última instância, em questionar a legitimidade da sua própria base estatal, construída e consolidada por meio de um projeto colonial. “A normalização do Estado de Israel esvazia posturas críticas à colonização israelense dos palestinos, reduzindo as declarações de solidariedade a um tipo de anticolonialismo de perfumaria, que foge da análise do poder material por trás de cada ação colonizadora e efetivamente bloqueia a discussão sobre métodos e ferramentas concretas de descolonização” HUBERMAN, Bruno; FERNANDES, Sabrina. Descolonizar futuros palestinos: o papel da comunidade internacional para a resolução justa da questão palestina/israel. **Revista Marx e O Marxismo**, [S.L.], v. 11, n. 21, p. 15-34, 10 jun. 2024. NIEP-Marx - Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo da UFF. <http://dx.doi.org/10.62782/2318-9657.2023.574>, p. 19.

<sup>252</sup> AL JAZEERA. **One year of Israel's war on Gaza: Key moments since October 7**. Al Jazeera, 7 Oct. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/10/7/one-year-of-israels-war-on-gaza-a-simple-guide>. Acesso em: 15 mai. 2025.

<sup>253</sup> AL JAZEERA. **One year of Israel's war on Gaza: Key moments since October 7**. Al Jazeera, 7 Oct. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/10/7/one-year-of-israels-war-on-gaza-a-simple-guide>. Acesso em: 15 mai. 2025.

mesmo durante a trégua, foi relatada a morte de dois palestinos, vítimas de tropas israelenses<sup>254</sup>. Já no dia 01 de dezembro, a trégua foi encerrada e Israel retomou os ataques aéreos à Faixa de Gaza, incluindo a partes anteriormente consideradas seguras, como zonas de refugiados<sup>255</sup>. Em 8 de dezembro de 2023, o Conselho de Segurança da ONU realizou uma reunião de emergência para discutir a situação em Gaza e propor um cessar-fogo humanitário imediato; embora a resolução tenha contado com o apoio de mais de 90 Estados-membros, ela foi vetada pelos Estados Unidos<sup>256</sup>, resultando na continuidade do conflito.

Até o final de 2023, o exército começou a estabelecer o Corredor Netzarim, uma zona de amortecimento que atravessa a Faixa de leste a oeste ao longo da borda sul da Cidade de Gaza, efetivamente separando o norte do sul. Ao longo do curso do ataque israelense, a zona de amortecimento se expandiu, alcançando até sete quilômetros de largura em seu pico. Esta área foi designada como uma zona de morte, significando que qualquer palestino encontrado nela seria abatido e morto. O objetivo dessa divisão era, entre outras coisas, controlar o movimento dos residentes para o sul de Gaza e evitar seu retorno ao norte<sup>257</sup>.

Os ataques indiscriminados de Israel à Faixa de Gaza se seguiram, de forma que, em 6 de maio de 2024, iniciou-se uma incursão terrestre sobre Rafah — que abrigava cerca de 1,4 milhão de palestinos, devido aos intensos ataques israelenses ao norte de Gaza e às instruções anteriores de deslocamento para o sul<sup>258</sup> —, além do fechamento da fronteira com o Egito, ponto de entrada de ajuda humanitária e de deslocamento de civis<sup>259</sup>. Mais uma vez, Israel atacava áreas para as quais havia orientado os civis evacuados a se dirigirem. Em novembro de 2024, momento em que

---

<sup>254</sup> UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS – OCCUPIED PALESTINIAN TERRITORY (OCHA oPt). **Hostilities in the Gaza Strip and Israel | Flash Update No. 55**. 30 Nov. 2023. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/hostilities-gaza-strip-and-israel-flash-update-55>. Acesso em: 16 mai. 2025.

<sup>255</sup> AL JAZEERA. **The Israel–Hamas truce has ended: what we know so far**. Al Jazeera, 1 Dec. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/12/1/the-israel-hamas-truce-has-ended-what-we-know-so-far>. Acesso em: 16 mai. 2025.

<sup>256</sup> UNITED NATIONS. **US vetoes resolution on Gaza which called for ‘immediate humanitarian ceasefire’**. 8 dez. 2023. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/us-vetoes-resolution-on-gaza-which-called-for-immediate-humanitarian-ceasefire-dec8-2023/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

<sup>257</sup> “By the end of 2023, the military began establishing the Netzarim Corridor, a buffer zone that cuts across the Strip from east to west along the southern edge of Gaza City, effectively severing the north from the south. Over the course of the Israeli assault, the buffer zone expanded, reaching up to seven kilometers in width at its peak. This area was designated a kill zone, meaning any Palestinian found in it would be shot and killed. The purpose of this division was, among other things, to control the movement of residents to southern Gaza and prevent their return northward”. B’TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025, p. 45.

<sup>258</sup> B’TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025.

<sup>259</sup> UNITED NATIONS. **Israel's Rafah invasion must stop now, say UN human rights experts**. 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/israels-rafah-invasion-must-stop-now-say-un-human-rights-experts/>. Acesso em: 20 mai. 2025.



já ultrapassavam mais de 43 mil mortes e mais de 101 mil feridos<sup>260</sup>, os Estados Unidos vetaram, mais uma vez, um projeto de cessar-fogo proposto no âmbito do Conselho de Segurança da ONU<sup>261</sup>. "O representante dos EUA, embaixador Robert Wood, disse em sua declaração que os EUA não poderiam apoiar um cessar-fogo incondicional a menos que estivesse vinculado à libertação dos reféns mantidos em Gaza pelo Hamas e outros militantes"<sup>262</sup>.

Em 15 de janeiro de 2025, foi aprovado um novo cessar-fogo para troca de reféns, entrega de ajuda humanitária, além da reabilitação de infraestruturas essenciais na Faixa de Gaza, visando, em última instância, alcançar um cessar-fogo permanente<sup>263</sup>. Os combates foram retomados<sup>264</sup> em 18 de março, sob a ameaça israelense de anexação de mais áreas às suas zonas de segurança de forma que, em agosto, houve a declaração de que Israel estaria se preparando para tomar o controle da Faixa de Gaza<sup>265</sup>. Os embates ainda persistem de forma que, até o dia 03 de setembro de 2025, foram estimadas 63746 mortes palestinas — dentre elas, 1843 crianças — e 161245 feridos<sup>266</sup>. Além disso, foi declarado, em agosto de 2025, pela Classificação Integrada de Segurança

---

<sup>260</sup> UNFPA. **UNFPA Palestine Situation Report #11 – November 2024**. 1 nov. 2024. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/unfpa-sitrep-01nov2024/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

<sup>261</sup> UN News. **United States vetoes Gaza ceasefire resolution at Security Council**. 20 nov. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2024/11/1157216>. Acesso em: 15 jun. 2025.

<sup>262</sup> *"The US representative Ambassador Robert Wood said in his statement that the US could not support an unconditional ceasefire unless it was tied to releasing the hostages being held in Gaza by Hamas and other militants."* UN News. **United States vetoes Gaza ceasefire resolution at Security Council**. 20 nov. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2024/11/1157216>. Acesso em: 15 jun. 2025.

<sup>263</sup> STATE OF QATAR; EGYPT; UNITED STATES OF AMERICA. **Qatar, Egypt, and the United States announce that the two parties to the conflict in Gaza have reached an agreement to exchange detainees and prisoners and return to sustainable calm**. Doha, Jan. 15, 2025. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/latest-articles/statements/qatar--egypt--and-the-united-states-announce-that-the-two-parties-to-the-conflict-in-gaza-have-reached-an-agreement-to-exchange-detainees-and-prisoners-and-return-to-sustainable-calm>. Acesso em: 8 set. 2025.

<sup>264</sup> Mais uma vez, mesmo com o estabelecimento de um cessar-fogo, as forças israelenses mataram pelo menos 100 palestinos na Faixa de Gaza durante esse período. UNITED NATIONS. Office of the High Commissioner for Human Rights (OHCHR). **Gaza: experts condemn Israeli decision to re-open "gates of hell" and unilaterally change conditions of truce deal**. Genebra, 6 mar. 2025. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2025/03/gaza-experts-condemn-israeli-decision-re-open-gates-hell-and-unilaterally>. Acesso em: 8 set. 2025.

<sup>265</sup> UNITED KINGDOM. Parliament. House of Commons Library. **Israel and the Occupied Palestinian Territories in 2025: UK and international response**. [Research Briefing], Londres, 29 ago. 2025. Disponível em: <https://commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cbp-10235/>. Acesso em: 8 set. 2025.

<sup>266</sup> UNITED NATIONS. **Reported impact snapshot | Gaza Strip (3 September 2025)**. Office for the Coordination of Humanitarian Affairs (OCHA oPt), 03 set. 2025. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/reported-impact-snapshot-gaza-strip-3-september-2025>. Acesso em: 8 set. 2025. É importante destacar que esses dados podem divergir significativamente da realidade, considerando o número de pessoas desaparecidas sob os escombros. Ademais, em razão do cerco e da impossibilidade de entrega de ajuda humanitária, somados aos constantes ataques a hospitais e à rede de saúde desde o início do conflito, os números efetivos permanecem incertos, uma vez que se baseiam apenas nos registros de pessoas que conseguiram solicitar atendimento em algum dos postos disponíveis.

Alimentar<sup>267</sup> (IPC), fome grau 5 em algumas regiões da Faixa de Gaza<sup>268</sup>, sendo esse, o nível mais severo considerado pela instituição<sup>269</sup>.

---

<sup>267</sup> *Integrated Food Security Phase Classification*.

<sup>268</sup> INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION – IPC. Famine Review Committee: Gaza Strip, August 2025. Roma: IPC Global Support Unit, 22 ago. 2025. Disponível em: <https://www.ipcinfo.org/ipcinfo-website/countries-in-focus-archive/issue-134/en/>. Acesso em: 08 set. 2025.

<sup>269</sup> A Classificação Integrada de Segurança Alimentar (IPC) é uma iniciativa global que analisa a segurança alimentar e nutricional para apoiar decisões estratégicas de governos e organizações internacionais. Baseada em uma parceria multisetorial, a IPC avalia a gravidade e a extensão da insegurança alimentar e da desnutrição, seguindo padrões reconhecidos internacionalmente. IPC – Integrated Food Security Phase Classification. **IPC Overview and Classification System**. 2025. Disponível em: <https://www.ipcinfo.org/ipcinfo-website/ipc-overview-and-classification-system/en/>. Acesso em: 08 set. 2025.

#### 4. VIOLÊNCIA LATENTE: O INÍCIO DO CHOQUE

Desde a formulação do movimento sionista em estabelecer uma pátria judaica no território Palestino, é possível notar, como as premissas e mecanismos desse movimento, contribuíram para a construção do cenário que, em momentos posteriores, possibilitaria a aplicação da Doutrina do Choque. A proposta da criação de um Estado sionista com maioria judaica em um território previamente ocupado demandava em sua essência a aplicação de estratégias e políticas neocoloniais de ocupação. Assim, para alcançar seus objetivos, foram estabelecidas práticas de ocupação no contexto da primeira *aliyah*, juntamente com estratégias de expropriação de terras da população nativa e políticas para a sua expulsão povos — que, ao final, se mostraram como políticas de limpeza étnica. Esse contexto resultou em um cenário propício não apenas à eclosão de um, mas vários conflitos que se prolongaram ao longo dos anos, culminando na escalada de outubro de 2023, cujas hostilidades ainda persistem.

Inicialmente, as políticas que possibilitariam à criação da nação judaica se dariam de maneira “discreta”, através do incentivo a árabes-palestinos para que vendessem suas terras e migrassem, por “vontade própria” para outros países árabes em busca de emprego e condições de vida melhores, uma vez que isso lhes seriam negados localmente<sup>270</sup>. É durante esse processo que se inicia a política sistemática de deslocamento e enfraquecimento social palestino que, posteriormente, se daria de forma mais intensa através do emprego do uso da força militar e de outras táticas de expansão colonial, como a sabotagem a toda e qualquer tentativa do estabelecimento de uma autodeterminação palestina.

Com o avanço do projeto neocolonial sionista sobre as terras palestinas, protegido e apoiado pelo Mandato Britânico<sup>271</sup>, as medidas de expulsão e ocupação se tornaram cada vez mais intensas, tendo em vista a legitimação do projeto pela potência europeia. O resultado foi um

---

<sup>270</sup> MASALHA, Nur. **Expulsão dos Palestinos**: O conceito de “transferência” no pensamento político sionista 1882-1936. São Paulo: Monitor do Oriente, 2021, *apud* SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em: 25 fev. 2025, p. 81–82.

<sup>271</sup> O Mandato Britânico sobre a Palestina estendeu-se até 1948, quando a questão passou à responsabilidade da ONU. Para saber mais, v.: PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, em especial o capítulo 3; ERAKAT, Noura. **Justice for some: law and the question of palestine**. California: Stanford University Press, 2019, em especial o capítulo 1; CLEMESHA, Arlene. Palestina, 1948-2008: 60 anos de desenraizamento e desapropriação. **Tiraz**, v. 5, p. 167-187, 2008.

aumento nos embates entre a resistência palestina e os colonos judeus — protegidos e apoiados pelas forças britânicas —, culminando em embates e repressões cada vez mais violentas, como demonstrado na Revolta Árabe de 1936<sup>272</sup>. Ponto de destaque é a discrepância de forças entre as partes, de forma que, antes mesmo da *Nakba*<sup>273</sup>, as repressões e medidas adotadas contra o povo palestino se baseavam na utilização de táticas de punição coletivas, artilharia pesada, assassinatos e punição em massa<sup>274</sup> — o que, infelizmente, se tornaria comum na vida do povo palestino.

A aprovação do plano de partilha da ONU e a tomada das terras palestinas, intensificou significativamente as tensões, além de legitimar a estratégia israelense de limpeza étnica, como previsto no Plano Dalet, cujo objetivo era “limpar o futuro Estado judeu do maior número possível de palestinos<sup>275</sup>”. O resultado desse plano, foi a destruição de cerca de 530 vilas palestinas, além de cerca de 15.000 mortos e 750.000 deslocados<sup>276</sup>, culminando na tripartição da Palestina e na subjugação e controle dos povos que originalmente viviam nessas regiões<sup>277</sup>. Outro resultado alcançado nesses embates era a anexação de mais territórios às fronteiras de Israel, de forma que, já em 1949, 78% dos territórios da Palestina histórica haviam sido ocupados por Israel<sup>278</sup>.

Nesse contexto, ainda antes de qualquer desenvolvimento em termos de Doutrina do Choque, e menos ainda da doutrina militar do *Shock and Awe*, é possível perceber como,

---

<sup>272</sup> KERKKANEN, Ari. A disputa entre duas respostas diferentes à Revolta Árabe de 1936. **Revista de Ciências Militares**, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 89-110, maio 2016. Disponível em: [https://www.ium.pt/files/publicacoes/RCM/7/RCM\\_Vol\\_IV\\_1\\_MAI\\_2016.pdf#page=89](https://www.ium.pt/files/publicacoes/RCM/7/RCM_Vol_IV_1_MAI_2016.pdf#page=89). Acesso em: 08 jan. 2025.

<sup>273</sup> Significa catástrofe e faz menção à proclamação de Israel como um Estado.

<sup>274</sup> GELVIN, James L. **The Israel - Palestine Conflict: a history**. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021, em especial o capítulo 5.

<sup>275</sup> “*cleanse the future Jewish state of as many Palestinians as possible*.” PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 129.

<sup>276</sup> AL JAZEERA. **Nakba Day**: What happened in Palestine in 1948?: This year marks 74 years of the Nakba, or the Palestinians’ experience of dispossession and loss of their homeland. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/5/15/nakba-mapping-palestinian-villages-destroyed-by-israel-in-1948>. Acesso em: 16 abr. 2025.

<sup>277</sup> HUBERMAN, Bruno. A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel. 2020. 368 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020; PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006; SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025.

<sup>278</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 94.

historicamente, a violência (militar, econômica e simbólica)<sup>279</sup> já vinha sendo utilizada pelo governo de Israel como forma de atordoamento de grandes contingentes populacionais, de modo a se atingir objetivos políticos desejados: maior território, com menor contingente árabe-palestino possível<sup>280</sup>. Aqueles que não haviam sido mortos nos massacres, deixaram o território devido à violência, evidenciando a forma que o medo, o choque e o pavor foram utilizados como mecanismos para se atingir o que era desejado. Isso se torna ainda mais claro na fala de Ben-Gurion — líder da Agência Judaica para a Palestina que exercia um papel de líder de governo antes da proclamação de Israel —, sobre o projeto de destruição de aldeias palestinas: “Uma pequena reação [à hostilidade árabe] não impressiona ninguém. Uma casa destruída — nada. Destrua um bairro e você começará a causar uma boa impressão!”<sup>281</sup>

Como se nota, a percepção do efeito do choque provocado por ataques massivos vinha ganhando espaço na percepção dos sionistas. Naomi Klein também nota como essa percepção progressivamente se firmou entre os doutores do choque, exemplificando com as diferenças fáticas entre o Golpe Militar no Brasil, de 1964, que foi implantado sem demonstrações públicas de violência, e o Golpe Militar na Indonésia, em 1965, onde estima-se o massacre de ao menos 1 milhão de pessoas apenas em sua implementação<sup>282</sup>. O golpe na Indonésia pôde implementar mudanças muito mais rápidas e radicais<sup>283</sup> do que os militares brasileiros fariam, demonstrando

---

<sup>279</sup> Durante o desenvolvimento do conflito, é possível perceber a presença dos três tipos de violência, nomeadas por Joaquim Salgado de violência branca, violência vermelha e violência da palavra. “A par da violência vermelha e da violência branca, esta caracterizada pela fome, ignorância etc, há um outro tipo pouco conhecido: a violência da palavra. Ela é a forma de impedir o pensar livre, sem o qual não há o agir livre. [...] Essa forma de violência que conduz o modo de pensar ou a consciência dos indivíduos tira o homem o exercício livre do pensar, pois que este é posto como fórmula acabada, com pretensão de validade inquestionável, por força da autoridade presumida do sistema.” SALGADO, Joaquim Carlos. Semiótica estrutural e transcendentalidade do discurso sobre a justiça. **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**, Belo Horizonte, v. 37, p. 79-101, 2000. Disponível em: <https://revista.direito.ufmg.br/index.php/revista/article/view/1142>. Acesso em: 01 set. 2025, p. 87.

<sup>280</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006, p. 129.

<sup>281</sup> “*A small reaction [to Arab hostility] does not impress anyone. A destroyed house – nothing. Destroy a neighborhood, and you begin to make an impression!*” PAPPÉ, Ilan. **The Ethnic Cleansing of Palestine**. Oxford: Oneworld Publications, 2011, p. 106.

<sup>282</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, em especial o capítulo 2.

<sup>283</sup> A máfia de Berkley, formada por economistas educados na Universidade de Berkley (Califórnia), desenvolveu e aplicou, junto com os militares golpistas, um plano econômico baseado na receita neoliberal dos Garotos de Chicago. A sutil diferença é que, ao contrário dos Garotos de Chicago, a Máfia de Berkley não era adepta ao radicalismo antiestatal. Os “resultados” alcançados foram, principalmente, a liberalização econômica da Indonésia e a venda do controle sobre os recursos naturais como mineração e petróleo. Cf.: KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 93-95.

que o “choque” de uma mudança de regime por si só não causava o caos ideal para a aplicação da Doutrina do Choque.

Todavia, o conflito israelo-palestino é anterior a tudo isso, e a consciência do choque, embora em formação, não estava ainda completa, além de que o conflito ainda passaria por momentos de desescalada e reescalada sucessivas, como demonstrado na seção anterior. Para os fins de nosso trabalho, cumpre, entretanto, retomar que a criação dos Territórios Palestinos Ocupados após a Guerra dos Seis Dias (1967) e a aplicação das políticas de controle sobre a população, somada às tentativas de pacificação da ocupação — em uma tentativa de normalizá-la<sup>284</sup> —, demonstram as primeiras formas, mesmo que embrionárias, da aplicação da Doutrina do Choque. Essa doutrina, por sua vez, tinha um caráter heterodoxo, já que seu objetivo, ao contrário da Doutrina do Choque clássica, não era alcançar a neoliberalização palestina e sim a ocupação de seus territórios. Além disso, como já demonstrado, tem-se a instrumentalização de táticas de terror e repressão — que se dão através de ataques, vigilância militar, toques de recolher etc. —, combinadas com medidas de sufocamento econômico — como o controle das vendas e mercadorias palestinas — para incentivar uma migração. Entretanto, a utilização de fato da Doutrina do Choque — através da aplicação rápida e intensa de medidas contra a população, como através dos próprios bombardeios e ataques diretos, visando o seu atordoamento e, em última instância, o atordoamento da comunidade internacional, se daria em um momento posterior, como será demonstrado.

A adoção dessas medidas, somadas à constante expansão dos assentamentos israelenses traçaram o cenário para a eclosão da Primeira Intifada (1987), momento de demonstração da resistência palestina, que visava tornar o projeto de ocupação custoso e inviável. Apesar da disparidade de forças, a resistência palestina surge como uma reação inevitável aos constantes avanços do governo sionista. Entretanto, há uma utilização dessa resistência para a construção de uma imagem de “inimigo público” — que posteriormente será fortalecida pela criação da imagem do “árabe terrorista” —, possibilitando a sua classificação, juntamente com todo o povo palestino,

---

<sup>284</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 125-126.

<sup>284</sup> HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 102.

como uma constante ameaça. Tal construção argumentativa garantiria e “justificaria” a possibilidade de repressão violenta do conflito por parte do governo israelense, que não se daria apenas em termos de força bruta, mas também através de danos econômicos, implementando o fechamento dos mercados para os trabalhadores palestinos, controle de mercadorias, sistema de licenças para a construção de qualquer tipo de infraestrutura, entre vários outros mecanismos de sufocamento econômico e de desenvolvimento. O fechamento de mercados na Primeira Intifada, por exemplo, foi possível devido à chegada de cerca de 1 milhão de imigrantes russos judeus a Israel na década de 1990, reduzindo a dependência israelense dos trabalhadores palestinos<sup>285</sup>, o que gerou um efeito semelhante àqueles causados pelas terapias de choque econômico aplicadas ao redor do mundo, condenando a população palestina a uma situação de vulnerabilidade, desemprego e fome<sup>286</sup>.

Com a adoção dessas novas medidas e a implementação de inúmeras outras de forma rápida e intensa, somado ao isolamento da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, Israel conseguiu gerar um desnorteamento não só na população local, como também na comunidade internacional. Isso é demonstrado, por exemplo, na própria negociação dos Acordos de Oslo, entre 1992 e 1993, quando se tem um esforço internacional em cessar o conflito e, conseqüentemente, as mortes, mas é possibilitado a Israel a continuação de seu controle sobre os territórios palestinos, legitimando o projeto colonial, de forma que outros aspectos da ocupação são tratados de forma superficial ou, muitas vezes, nem são tratados. Dessa forma, apesar de formalmente encerrar a Primeira Intifada, o sofrimento infligido ao povo palestino foi perpetuado, uma vez que, devido a urgência de cessar os embates e a violência direta, os demais mecanismos de controle foram “ofuscados”, demonstrando a efetividade da aplicação constante de várias medidas ao mesmo tempo para se alcançar um objetivo desejado.

Ademais, somado ao apoio dos EUA, os Acordos de Oslo foram negociados em termos favoráveis às intenções israelenses, servindo como mecanismo para legitimar a extensão do

---

<sup>285</sup> “Antes da chegada dos refugiados soviéticos, Israel não podia se apartar, por nenhum período de tempo, da população palestina de Gaza e Cisjordânia; sua economia era tão dependente do trabalho dos palestinos quanto a da Califórnia em relação aos mexicanos. Todos os dias, cerca de 150 mil palestinos deixavam suas casas em Gaza e na Cisjordânia para limpar as ruas e construir as estradas em Israel, ao mesmo tempo em que agricultores e comerciantes palestinos enchiam caminhões com produtos para vender em Israel e em outras partes dos territórios. Cada um dos lados dependia do outro, economicamente, e Israel tomou medidas agressivas para impedir que os territórios palestinos desenvolvessem relações comerciais autônomas com os países árabes.” KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 749.

<sup>286</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 748-749.

poderio colonial israelense aos Territórios Palestinos Ocupados de uma forma “discreta”, tendo em vista as falsas promessas de alcançar a autodeterminação palestina. Isso se deu devido a sua intrínseca lógica de “Terra por Paz” que seguia os critérios de segurança estabelecidos por Israel, além da criação de um representante vazio e limitado, a Autoridade Palestina, que se mostrou como instrumento de legitimação da ocupação colonial. Paralelamente, foram impostas sérias limitações ao desenvolvimento econômico, social e político da Palestina como uma entidade autônoma e autossustentável, tendo em vista o controle israelense sobre a moeda, exportação, importação, assuntos de segurança, recursos, entre vários outros. Dessa forma, o resultado dos Acordos foi a isenção de Israel, como potência ocupante, de suas responsabilidades com a população palestina, enquanto garantia aos colonos o controle da região, ao lado da consolidação da ocupação dos territórios que um dia pertenceram a Palestina histórica — já que os termos da negociação foram limitados apenas para os Territórios Palestinos Ocupados.

A estratégia de Oslo era levar adiante a ‘paz dos mercados’, baseada na ideia de que tudo acabaria indo para seu devido lugar: ao estabelecerem fronteiras abertas e aderirem à irrefreável globalização, israelenses e palestinos vivenciariam melhorias tão concretas em suas vidas cotidianas, que seria criado um novo contexto mais hospitaleiro para a ‘paz de bandeiras’ nas próximas negociações. Essa, pelo menos, era a promessa de Oslo<sup>287</sup>.

Nota-se assim, em todo esse contexto, como a aplicação de violência, terror e medidas de restrição e controle foram exploradas para que Israel pudesse, cada vez mais, expandir suas fronteiras para os territórios palestinos. Já nos Acordos de Oslo era possível identificar, mesmo que de forma sutil, o objetivo israelense para a anexação total da Palestina, uma vez que se recusava a reconhecê-la como um Estado ou sequer como uma região autônoma. Apesar da criação da Autoridade Palestina que, em teoria, serviria para uma transição até o alcance da autonomia palestina, já foi demonstrado que essa entidade serviu como instrumento da ocupação e como uma forma de isenção de responsabilização de Israel. Em certo aspecto, os sionistas estabeleceram estratégias de guerra e controle baseadas no terror e na violência para possibilitar sua expansão e alcançar o seu objetivo de consolidação de um espaço puramente judeu, seja através do extermínio ou da expulsão da população local. Através da construção da imagem de um inimigo na resistência palestina, somado à exploração do alinhamento da opinião pública internacional à Questão Judaica, tendo em vista os horrores do Holocausto, e a implementação das primeiras aplicações da Doutrina do Choque (em uma forma embrionária) contra a população palestina, Israel conseguiu

---

<sup>287</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 746.



consolidar e legitimizar internacionalmente não apenas o seu território colonial, mas medidas de sustentação para um projeto que previa a anexação da Palestina em sua totalidade. É nesse sentido que se desenvolve o contexto para a intensificação da aplicação — de fato — da Doutrina do Choque que, a partir da Segunda Intifada, se daria sem seu sentido da doutrina militar do *Shock and Awe* contra a comunidade palestina.

## 5. O USO DAS ESTRATÉGIAS MILITARES DE ISRAEL COMO EXEMPLO DE USO DA DOCTRINA DO CHOQUE

O contexto violento de repressão contra as revoltas da Segunda Intifada, somadas às operações realizadas durante o conflito e as tentativas de suprimir a resistência palestina, representam como a Doutrina do Choque, em um cenário militarizado, atua como instrumento para possibilitar o projeto sionista de limpeza étnica. A utilização de munições reais contra os manifestantes e o aumento da violência contra a população civil, demonstra a forma como Israel aplicou aspectos da doutrina militar do *Shock and Awe* para atingir seus objetivos políticos-militares de destruir toda a possibilidade de resistência palestina — que, nesse momento, havia se radicalizado<sup>288</sup> — se pautando no aporte da Guerra ao Terror de Bush para evitar constrangimentos internacionais. Esse aporte se dava principalmente com o fortalecimento da construção da imagem do “árabe terrorista” e do discurso de segurança promovido globalmente pelos Estados Unidos.

Tal cenário, aliado ao estreitamento das relações entre os Estados Unidos da América e Israel, bem como a consolidação israelense como parceiro estratégico no Oriente Médio e desenvolvedor e fornecedor de tecnologias de segurança e vigilância de ponta, viabilizou a aplicação de táticas de guerra contra a população civil, transformando o território em uma espécie de laboratório para testes de táticas de guerra informacional, guerra assimétrica<sup>289</sup>, e de novos armamentos<sup>290</sup>. Tal laboratório, somado ao desenvolvimento e exportação massivos de tecnologias bélicas, permitiu a inserção israelense na lógica da economia de desastre, tornando a guerra muito mais interessante que a própria paz, uma vez que os conflitos se tornam crescentemente lucrativos, além de permitir a demonstração prática de utilização de armamentos e outros petrechos de uso

---

<sup>288</sup> HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014, p. 116-117.

<sup>289</sup> MOTA, Rui Martins da; AZEVEDO, Carlos E. Franco. A guerra omnidimensional: novas concepções do pensamento estratégico militar. **Revista da Escola Superior de Guerra**, [s. l], v. 27, n. 55, p. 55-68, 2012. Disponível em: <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/225/200>. Acesso em: 05 set. 2025.

<sup>290</sup> Não só armamentos, mas também técnicas foram exportadas por Israel, como demonstrado pela “palestinização” do Iraque durante à invasão estadunidense, em que foram importadas à região, técnicas e estratégias que Israel aplicava na Palestina. Cf.: GRAHAM, S.; BAKER, A. Laboratories of pacification and permanent war: Israeli-US collaboration in the global making of policing. In: **The Global Making of Policing**: Routledge, 2016.

militar<sup>291</sup>, que seriam exportados ao Ocidente, gerando grandes riquezas a uma parcela da população israelense<sup>292</sup>.

A própria implementação dos Territórios Palestinos Ocupados serviu como um posterior laboratório de testes e de demonstração da eficácia das tecnologias e armamentos israelenses, como foi — e vem sendo — demonstrado pelo sitiamiento da Faixa de Gaza e sua constante destruição. Ao controlar todos os aspectos da vida de uma população e condená-la a uma prisão à céu aberto, Israel estabelece um laboratório similar ao de Ewen Cameron<sup>293</sup>, onde consegue realizar todos os testes que achar necessário através de suas operações militares. A construção do muro da Cisjordânia, por exemplo, deu a esse laboratório as suas próprias paredes, além de possibilitar o estabelecimento das zonas de amortecimento, isolando e condenando os palestinos a se tornarem reféns dos testes israelenses.

Mesmo com o processo de desengajamento na Faixa de Gaza, o controle israelense sobre a região se manteve, possibilitando a aplicação de choques contra a população. Nesse sentido, é importante entender como esses choques se diferem daqueles aplicados pela Escola de Chicago, uma vez que o objetivo central não se limita à aplicação de um plano de neoliberalização econômica, mas se estende a sucessivos impactos gerados através do controle de recursos e pessoas com objetivos de limpeza étnica e controle territorial. Nesse momento, apesar do objetivo central ser a expulsão e aniquilação dos palestinos para a consolidação do objetivo sionista de formar a grande Israel, os choques também serviam como forma de alimentar a economia de desastre, tanto através dos testes realizados, quanto através dos processos de reconstrução. Isso pois, após causar grandes destruições nos territórios palestinos, Israel forçava a sua reconstrução através de suas

---

<sup>291</sup> Um grande exemplo dessa demonstração prática das tecnologias israelenses, foi a tecnologia que permitiu a explosão controlada de pagers no Líbano. QIBLAWI, Tamara; MACKINTOSH, Eliza; CHANG, Wayne; CHEUNG, Eric; XIONG, Yong; FOX, Kara; MEZZOIFIORE, Gianluca; BARDI, Balint. **Israel escondeu explosivos dentro de baterias de pagers, dizem investigadores**. CNN Brasil, 27 set. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/israel-escondeu-explosivos-dentro-de-baterias-de-pagers-dizem-investigadores/>. Acesso em: 10 set. 2025.

<sup>292</sup>KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>293</sup> Ewen Cameron, em seus tratamentos de eletrochoques, buscava alcançar o estágio da tábula rasa, de novo recomeço, para que fosse possível ensinar aos pacientes novos moldes comportamentais. Esse é um dos motes centrais da doutrina e dos doutores do choque. KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

contratantes e insumos, uma vez que detém o controle da entrada de todo e qualquer material na Faixa de Gaza<sup>294</sup>.

Outro exemplo da aplicação da Doutrina de Choque pelas forças israelenses foi a destruição da única usina hidrelétrica da Faixa de Gaza, durante a operação Chuvas de Verão, resultando em falta de energia, e dependência dos habitantes de Gaza do fornecimento de energia e combustível por Israel para o funcionamento até mesmo de estruturas civis essenciais como hospitais, entre outros. Paralelamente, os constantes bloqueios terrestres, marítimos e navais, combinados com os ataques contínuos e com o controle de entrada e saída de produtos e pessoas, se traduz em um resultado similar ao observado no Iraque, um aumento significativo do sofrimento humano, resultando em uma sensação de desnorreamento da população que passa a se preocupar unicamente com a sua própria sobrevivência. Tal preocupação, por sua vez, resulta nos processos de migração forçada, em uma tentativa — muitas vezes falha — de se refugiar em um lugar seguro.<sup>295</sup>

Mais do que um projeto de neoliberalismo econômico, as terapias de choque aplicadas por Israel à população palestina se traduzem em instrumentos para possibilitar seu projeto de expansionismo territorial e limpeza étnica, além de inviabilizar toda e qualquer possibilidade de construção de uma independência palestina<sup>296</sup>, somado ao esforço de minar toda e qualquer forma de resistência. Assim, as terapias israelenses se dão através das políticas de controle, somadas ao

---

<sup>294</sup> Esse processo não se restringe apenas ao contexto pós Segunda Intifada, muito pelo contrário, se estendeu no tempo e perdura até os dias atuais. Apesar da imprevisibilidade futura, a reconstrução da Faixa de Gaza, considerando o seu nível de destruição atual, já é alvo de disputas, v.: SHAHINE, Yasmine. **Quais os planos do mundo árabe para a reconstrução da Faixa de Gaza?** BBC News Brasil, 23 fev. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cp8yn1lene2o>. Acesso em: 10 set. 2025.

<sup>295</sup> Mais uma vez, essa é uma tática que perdura através do tempo, estando fortemente presente no conflito atual. Cf.: COELHO, Rodrigo Durão (ed.). **Desespero em Gaza**: população tenta se proteger após ultimato de Israel; prazo já terminou. Brasil de Fato, 13 out. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/10/13/desespero-em-gaza-populacao-tenta-se-proteger-apos-ultimato-de-israel-prazo-ja-terminou/>. Acesso em: 10 set. 2025; CARAMURU, Bárbara. **Desespero e ruínas**: a dura realidade dos civis sob as bombas de Gaza. CartaCapital, 1 jan. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/artigo/desespero-e-ruinas-a-dura-realidade-dos-civis-sob-as-bombas-de-gaza/>. Acesso em: 10 set. 2025; AL-MUGHRABI, Nidal; ALKAS, Dawoud Abu. **Alegria torna-se desespero enquanto palestinos de Gaza lutam para se estabelecer no norte do enclave**. Terra, 29 jan. 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/alegria-torna-se-desespero-enquanto-palestinos-de-gaza-lutam-para-se-estabelecer-no-norte-do-enclave,7cad0001fe0b2e15016228298df9be3ctyoj55qp.html>. Acesso em: 10 set. 2025.

<sup>296</sup> Até mesmo se houvesse um reconhecimento formal da autonomia e independência palestina, isso não alteraria por si só, de forma alguma, a falta de soberania real e efetiva, dado a consolidação do controle e da dependência de Israel. Cf.: RICARTE, Joana. **Cruzada pela sobrevivência: a autoridade palestina e o reconhecimento do estado**. 2013. **Dissertação** (Mestrado em Relações Internacionais) - Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/ecbdec6e34ab6c184bb45ddfc177879b/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 30 ago. 2025.

controle de recursos essenciais, como água e energia, além da destruição massiva e ataques direcionados a construções ligadas à infraestrutura, como demonstrado pelas diversas operações realizadas na Faixa de Gaza nas décadas de 2000 e 2010. Na operação Chumbo Fundido, por exemplo, Israel iniciou os ataques após o cessar-fogo em junho de 2008 ter se expirado, em 19 de dezembro. Um dos objetivos da operação era justamente evitar o entendimento do Hamas com o Fatah — demonstrando assim, o esforço para desarticulação de toda e qualquer forma de estabilidade na região<sup>297</sup>.

Dessa forma, nota-se como a violência não se dá apenas através do uso de força militar ostensiva, mas também através da negação a direitos básicos de sobrevivência, isso para não mencionar a recusa sistemática ao exercício de outros Direitos Humanos, como o direito à cultura e à liberdade religiosa, como demonstram as ações realizadas no Ramadã, que impediam o acesso do povo palestino à Cidade Velha, onde se encontra a Mesquita de Al-Aqsa, sagrada para os muçulmanos. Além disso, a incitação de conflitos, como a marcha pela Cidade Velha para comemoração do Dia de Jerusalém após a recusa ao acesso à Mesquita de Al-Aqsa, demonstra como o conflito é vantajoso à Israel, devido a todos os motivos já delineados. Paralelamente, a recusa israelense em negociar cessar-fogo ou acordos de paz duradouros, reforçam tal argumento. Com as provocações, Israel estimula ataques responsivos da resistência, os quais são utilizados como justificativa para operações militares cada vez mais desproporcionais, como foi — e vem sendo — demonstrado no contexto do pós 07 de outubro de 2023.

O ataque do Hamas, juntamente com outros grupos armados palestinos, ao sul de Israel pode ser lido como o “evento” justificador<sup>298</sup> que resultou em uma desproporcional resposta israelense ofensiva, aparentemente dimensionada para amplificar o caos e o desespero (palavra que, aliás, se tornou o ponto central da cobertura midiática sobre o tema), principalmente na população civil, permitindo a continuidade da aplicação do projeto de limpeza étnica de forma muito mais intensa do que nos momentos anteriores. O estabelecimento do cerco à Faixa de Gaza e o corte do fornecimento de alimentos, água, energia, combustível e ajuda humanitária se traduziu

---

<sup>297</sup> KURBAN, Thiago Müller. Organizações Internacionais de Direitos Humanos: a atuação da anistia internacional e da human rights watch na ofensiva israelense chumbo fundido. 2017. **Dissertação** (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, – PUC-RS, Porto Alegre, 2017, p. 57.

<sup>298</sup> Assim como um “evento” desencadeia as estratégias militares das guerras híbridas, a aplicação da Doutrina do Choque também depende de um “evento” (real ou fictício, natural ou provocado) justificador para ser levada a cabo com alguma conivência internacional. Cf.: KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das revoluções coloridas ao golpe**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

em um dos choques mais fortes aplicados à população palestina até então. Foi — e está sendo — a aplicação clara das instruções do *Shock and Awe* do Iraque, direcionado a toda a população, ainda que com objetivos diversos de sua aplicação no contexto iraquiano.

Desde a escalada até os tempos atuais, é possível notar inúmeras semelhanças com a Doutrina do Choque aplicada ao Iraque, com a grande exceção de que, no caso israelense, o objetivo é a destruição ou remoção completa da população palestina, alcançando de uma vez por toda o objetivo último do projeto sionista. O televisionamento das operações — impulsionado pelas redes sociais —, a destruição massiva, a privação de sentidos — aplicada com os cortes de energia e de comunicação etc. — agem como catalisadores da sensação de pavor, uma vez que o isolamento de Gaza e o impedimento de ajuda humanitária condenam a população a contarem com a sua própria sorte em uma tentativa desesperada de sobrevivência.

Outro ponto de similaridade notável é a tentativa de apagamento da identidade da população originária, ao destruir suas vilas e expulsá-las de sua terra natal. Entretanto, é importante destacar uma diferença crucial: no Iraque, o processo de pilhagem se deu através de um desejo de alcançar uma “tábula rasa” para reescrever a cultura — e especialmente a economia — daquele país nos moldes neoliberais. Na Palestina, nesse momento, o processo de pilhagem se dá através da destruição e da aplicação de um projeto de limpeza étnica em que o objetivo central não é reescrever a cultura palestina, e sim apagá-la de forma a possibilitar a implementação de um Estado puramente judeu, sem os incômodos causados pela população originária e por sua resistência.

Nesse mesmo sentido, as recusas israelenses em negociar um cessar-fogo permanente, os ataques deliberados a áreas civis e centros de refugiados, inclusive atingindo forças humanitárias estrangeiras e a utilização da fome como método de guerra<sup>299</sup> — atualmente o IPC declarou fome grau 5 em algumas regiões da Faixa de Gaza —, demonstram o extremo da aplicação da Doutrina do Choque. O objetivo é alcançar um esvaziamento do espaço para possibilitar, de uma vez por todas, a construção de um Estado puramente judeu — é a aplicação da solução final de Israel. No início da escalada, tinha-se alertas israelenses para a evacuação de civis, orientando para onde deveriam fugir. Posteriormente, essas mesmas regiões as quais os civis se deslocaram eram fortemente atacadas, como demonstrado em Rafah. O fechamento da Faixa de Gaza, o estabelecimento de um cerco total e os ataques constantes a locais anteriormente declarados como seguros, impede os civis de evacuarem, condenando-os à aniquilação. A solução final já não é

---

<sup>299</sup> B’TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025, p. 32.

mais mera especulação argumentativa, uma vez que os planos de total anexação já foram confirmados por autoridades israelenses.

‘O objetivo da soberania é, de uma vez por todas, remover o Estado Palestino da agenda’, disse Smotrich. ‘E isso se faz aplicando a soberania a todo o território, exceto aos centros populacionais árabes. Não tenho interesse em deixá-los desfrutar do que o Estado de Israel tem a oferecer’<sup>300</sup>.

Os habitantes de Gaza não permanecerão lá. Eles irão para outros países. Combateremos os apoiadores do Hamas. Mas aqueles que quiserem viver uma vida normal terão que deixar Gaza por causa do ataque de 7 de outubro. [Daniella] Weiss disse ter uma lista de 1.000 famílias israelenses que já haviam se comprometido a viver em terras em Gaza após a expulsão dos moradores palestinos. “Meu plano é fazer de Gaza um paraíso, transformá-la em Cingapura”, disse ela<sup>301</sup>.

‘A sorte está lançada. Vamos conquistar totalmente a Faixa de Gaza – e derrotar o Hamas’, disse um alto funcionário, segundo jornalistas locais<sup>302</sup>.

Essa é a elevação máxima da concepção de “criação através da destruição” de forma que, para ser possível atingir seu objetivo, é preciso antes eliminar a população existente. Assim como a recomendação de Friedman era que suas terapias de choque econômico fossem aplicadas de maneira rápida e intensiva para atordoar a população, os ataques israelenses seguem a mesma lógica, entretanto, o atordoamento não parece ser direcionado apenas à população, mas também à comunidade internacional<sup>303</sup>. Nesse sentido, a estratégia de comunicação israelense, que ainda explora o discurso de combate ao terrorismo, seguida de ataques massivos ao território palestino e as falsas promessas de tentativas de acordos de paz, resultam em negociações supérfluas e fracas

---

<sup>300</sup> Discurso de Bezalel Smotrich, ministro das finanças israelenses. No original: “*The goal of sovereignty is to, once and for all, remove the Palestinian state from the agenda,*” said Smotrich. “*And this is done when applying sovereignty to all of the territory, other than Arab population centers. I have no interest in letting them enjoy what the state of Israel has to offer.*” ZHANG, Sharon. **Israel’s Smotrich vows to annex West Bank**: “maximum land, minimum population”. Truthout, 4 set. 2025. Disponível em: <https://truthout.org/articles/israels-smotrich-vows-to-annex-west-bank-maximum-land-minimum-population/>. Acesso em: 7 set. 2025.

<sup>301</sup> Discurso de Daniella Weiss, ativista apoiadora dos colonos judeus durante uma conferência intitulada Riviera em Gaza: da visão à realidade. No original: “*Gazans will not remain there. They will go to other countries. Supporters of Hamas we will fight. But those who want to live a normal life, they will have to leave Gaza because of the 7 October attack. Weiss said she had a list of 1,000 Israeli families who had already signed up to live on land in Gaza once Palestinian residents were pushed out. ‘My plan is to make [Gaza] paradise, to make it Singapore,’ she said.*” KNELL, Yolande. **Netanyahu to propose full reoccupation of Gaza, Israeli media report**. BBC, 5 ago. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cpqv2qjg5vvo>. Acesso em: 7 set. 2025.

<sup>302</sup> “*The die has been cast. We’re going for the full conquest of the Gaza Strip – and defeating Hamas,’ local journalists quote a senior official as saying.*” CHRISTOU, William; KIERSZENBAUM, Quique. **Far-right Israeli politicians and settlers discuss luxury ‘Gaza riviera’ plan**. The Guardian, 24 jul. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2025/jul/24/far-right-israeli-politicians-and-settlers-discuss-luxury-gaza-riviera-plan>. Acesso em: 7 set. 2025.

<sup>303</sup> Ponto curioso a ser mencionado é que, em 1975, a AGNU adotou a Resolução 3379 que determinava o sionismo como uma forma de racismo e discriminação racial. Entretanto, em 1991, tal Resolução foi revogada. Cf.: UNITED NATIONS. **General Assembly Resolution 3379 (1975)**: elimination of all forms of racial discrimination. New York, 10 nov. 1975. Disponível em: <https://ecf.org.il/issues/issue/1320>. Acesso em: 7 set. 2025.

esforços de apaziguamento que, na grande maioria das vezes, redundam em legitimação das conquistas territoriais israelenses durante os ataques. Ao esforço de paz, segue-se sempre seu descumprimento, imediato em certos sentidos — como demonstrado pelo assassinato de palestinos em vários momentos de cessar-fogo — e, após novos “eventos” legitimadores, são implementados novos ataques massivos e sangrentos para máxima comoção internacional, alimentando um processo cíclico.



## 6. CONCLUSÃO

Desde o início do conflito israelo-palestino, é possível notar como as condições em que este se desenvolveu, partindo do objetivo central da ideologia sionista, possibilitaram a consolidação de um projeto de limpeza étnica, expulsão da população nativa e anexação de territórios que posteriormente se aproveitaria do desenvolvimento de uma lógica da Doutrina do Choque. Tal projeto, encontrou amparo nas ideias ocidentais, contribuindo para o estabelecimento de um status de sub-humanidade aos árabes-palestinos nativos da região<sup>304</sup> e, conforme demonstrado, a sua aplicação inicial se deu de forma discreta, se iniciando com uma imigração massiva e, posteriormente, se somando a compra de terras palestinas e negação de trabalho a essas pessoas, incentivando-os a migrarem para países vizinhos. Essas medidas, foram o início da aplicação de um projeto de enfraquecimento social palestino que, posteriormente, culminaria na sua subjugação da sua própria existência aos caprichos sionistas.

Com a intensificação do expansionismo sionista e a formação de uma resistência árabe-palestina, tem-se a eclosão dos primeiros embates diretos que gradualmente escalaram ao nível de violência e repressão atual. O marco dessa forte repressão pode ser visto na Revolta Árabe, além do seu resultado da primeira proposta formal da partilha da Palestina, o *Royal Peel Commission*, que destinava 74% do território para a população árabe-palestina. Com a lógica rejeição do plano de partilha, os conflitos se reacenderam e, com a transferência da responsabilidade sobre a questão para a ONU, tem-se a proposta do segundo plano de partilha, que foi aprovado e destinou a maior parte do território da Palestina histórica à população judia, desconsiderando a maioria demográfica árabe-palestina. Essa violação da autodeterminação palestina contribuiu para que as hostilidades fossem intensificadas, já que ofereceu aporte institucional para a aplicação do processo de expulsão e limpeza étnica, como demonstrado pelo Plano Dalet.

As intensas operações em regiões palestinas, somadas ao aumento da violência e a instrumentalização de táticas de terror — motivados por um objetivo expansionista —, resultaram em grandes números de mortos e deslocados, que deixavam suas terras buscando lugares mais seguros. Ademais, a crescente escalada das hostilidades e a elevação do custo humano, levou a

---

<sup>304</sup> Historicamente, o mundo árabe foi construído como inimigo, em paralelo à reconstituição da cultura ocidental como uma herança “greco-romana-judaico-cristã”. Esse processo subverte a lógica histórica da própria cultura ocidental, marcada originalmente pela negação da herança judaica, que se aplica aos não convertidos ao cristianismo. Cf.: LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império**: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: BOITEMPO, 2010. ISBN 9788575591628, em especial o capítulo VI.

frágeis negociações de cessar-fogo na comunidade internacional, que quase sempre tendiam a estabilizar e legitimar as conquistas territoriais dos avanços sionistas, e às quais sempre se seguiam novos embates cada vez mais violentos. O cessar-fogo alcançado no conflito de 1948, imediatamente após a criação formal de Israel, por exemplo, teve uma duração de dois meses e serviu para o restabelecimento das tropas israelenses que importaram armamentos — o conflito em seguida foi interrompido novamente devido à preocupação israelense de que a comunidade internacional impusesse uma solução desfavorável<sup>305</sup>. O expansionismo da ocupação israelense, apoiado nos embates e na utilização dos mecanismos de violência, permitiram a anexação de uma parcela bem maior do que aquela prevista pelo plano de partilha da ONU o que, após a Guerra dos Seis Dias, resultou na criação dos Territórios Palestinos Ocupados. Nesse momento, tem-se as primeiras aplicações de uma Doutrina do Choque embrionária e de caráter heterodoxo, visando a legitimação da ocupação israelense.

O avanço dos assentamentos israelenses sobre os territórios palestinos e a tentativa de normalizar a ocupação contribuíram diretamente para a eclosão da Primeira Intifada. Como resposta à revolta popular, Israel adotou uma série de medidas punitivas, entre elas o fechamento dos mercados israelenses à força de trabalho palestina, o que provocou fortes impactos à economia palestina, especialmente na Faixa de Gaza, território geograficamente diminuto e altamente dependente de seus vizinhos. Essa estratégia apresenta fortes paralelos com as chamadas terapias de choque aplicadas em outros contextos: cortes abruptos de empregos, intensificação da precariedade e condenação da população à fome e à instabilidade. Contudo, no caso da Primeira Intifada, há uma diferença fundamental em relação aos choques econômicos analisados por Naomi Klein: o isolamento econômico imposto a Gaza<sup>306</sup> não visava apenas à implementação de um novo projeto econômico neoliberal, mas funcionava como instrumento de punição coletiva, deslocamento de populações, e dominação territorial.

Por outro lado, tais medidas resultaram no desnorteamento não só da população local, mas também da comunidade internacional, como demonstrado pelos Acordos de Oslo, que legitimaram a ocupação israelense dos territórios, além de isentar os colonos da responsabilidade com a

---

<sup>305</sup> PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine: one land, two peoples**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

<sup>306</sup> SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025, p. 127.

população palestina enquanto ocupantes, já que se tem a criação de uma entidade fraca e vazia — a Autoridade Palestina — para representar os palestinos em um processo com a falsa promessa de se alcançar a autodeterminação palestina, somado a um sufocamento de toda e qualquer possibilidade de um desenvolvimento autônomo dessa população. Ademais, a implementação dos acordos à lógica de paz de mercado, o grande fluxo de imigrantes russos-judeus para a região no desenrolar da década de 1990 e a expansão da economia de segurança — implementada pela Guerra ao Terror de Bush e a privatização do setor de segurança dos Estados Unidos —, são alguns dos fatores que contribuíram para o fracasso dos Acordos, resultando na Segunda Intifada<sup>307</sup>.

O contexto de consolidação israelense como referência no mercado de tecnologias de segurança, assim como a implementação de testes dessas tecnologias nos territórios palestinos, demonstra a forma como Israel se inseriu no complexo da economia de desastre, trazendo uma rentabilidade aos conflitos em que se envolve. Ao construir seu próprio laboratório de choques, com a implementação e consolidação do controle sobre os Territórios Palestinos Ocupados e a construção do Muro da Cisjordânia, Israel reforça sua posição nesse sistema econômico baseado na exploração de crises.. Apesar do presente trabalho não analisar os ganhos financeiros para Israel com sua empreitada militar, observa-se que esses ganhos existem, como demonstrado pela especialização israelense em tecnologias de guerra e a utilização dos ataques como demonstração da eficiência de tais tecnologias, além dos lucros resultantes dos processos de reconstrução de uma região que seus próprios ataques destruíram. Paralelamente, é possível notar com as informações aqui explicitadas, que a adoção da Doutrina do Choque nesse contexto, possibilitou a Israel significativos ganhos territoriais.

Outro ponto relevante a ser destacado é a forma que a construção do muro israelense permitiu a consolidação de uma espécie de Zona Verde — representada pelos territórios anexados por Israel —, tal qual aquela construída no Iraque, que se beneficiou de uma infraestrutura própria, moderna e segura, enquanto contribuía para aprofundar o controle sobre todos os aspectos da vida na Faixa de Gaza. Ao mesmo tempo em que buscava garantir segurança e isolar os assentamentos israelenses, além de anexar e separar territórios palestinos, o muro foi instrumental na consolidação de um cenário de estagnação e dependência da população palestina. Nesse contexto, assim como em Bagdá (Iraque), a função do muro ultrapassa a justificativa de proteção: ele se torna um

---

<sup>307</sup> KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 747.

mecanismo físico de segregação e contenção, assegurando aos doutores do choque sionistas, um ambiente protegido para planejar e executar seus sucessivos projetos de choque — que, na prática, se concretizam por meio de operações militares devastadoras contra a população palestina.

Como demonstrado anteriormente, apesar das semelhanças traçadas entre a incursão da Doutrina do Choque no Iraque e a aplicação israelense, este último parece funcionar sob lógicas próprias que, em alguns momentos, chegaram a inspirar táticas aplicadas no próprio Iraque — a “palestinização” iraquiana<sup>308</sup>. Isso se dá principalmente devido à própria essência do projeto neocolonial do sionismo israelense, visando à consolidação de um Estado puramente judeu, apropriando-se e elevando ao máximo os potenciais destrutivos para gerar terror, resultando em uma “limpeza territorial e étnica”, seja matando a população local, seja forçando seu deslocamento para outras regiões. Dessa forma, o território palestino, especialmente a Faixa de Gaza, foi transformado em um verdadeiro laboratório de choque, onde técnicas de repressão, destruição e controle são sistematicamente testadas e refinadas. A utilização recorrente de bloqueios, a destruição da infraestrutura essencial, os ataques às áreas civis e os cortes de recursos básicos, constituem a aplicação de choques sucessivos que, longe de se limitarem a respostas militares pontuais, compõem uma estrutura de dominação contínua e, ao final, uma doutrina de limpeza étnica. Com a recente reescalada do conflito, em 2023, a aplicação de choque se intensifica, revelando uma radicalização da Doutrina do Choque, elevando exponencialmente a destruição e o terror, especialmente contra sujeitos e estruturas civis, evidenciando a utilização desses instrumentos para esvaziar o território e inviabilizar qualquer reivindicação futura de soberania palestina.

Neste ponto, a instrumentalização da fome e da ajuda humanitária como instrumentos de guerra, somadas às massivas táticas de ataques à população civil através da justificativa de combate ao terrorismo, se mostram como a utilização máxima dessa Doutrina do Choque radicalizada, que possui uma lógica própria, cujo objetivo, como confirmado por autoridades israelenses, é alcançar a Solução Final: a limpeza total do território para a construção da “grande Israel”. Essa lógica própria, através de uma combinação de crimes de guerra e uma falsa predisposição a negociação de paz, servem para gerar uma confusão, tanto local, quanto internacional, possibilitando a aplicação e legitimação do projeto genocida. Nesse sentido, ao adotar medidas de punição coletiva,

---

<sup>308</sup> GRAHAM, S.; BAKER, A. Laboratories of pacification and permanent war: Israeli–US collaboration in the global making of policing. In: **The Global Making of Policing**: Routledge, 2016.

é possível observar a máxima do capitalismo de desastre, em que a destruição deixa de ser um efeito colateral e se torna parte essencial para alcançar um projeto político.

Por fim, mesmo já havendo declarações que confirmam o objetivo da limpeza étnica, Israel insiste em justificar seu genocídio como medidas necessárias para combater e eliminar o terrorismo palestino. A retórica do terror, em todo lugar, é marcada pela impossibilidade de distinção clara entre combatentes e civis, e é aproveitada aqui para o massacre indiscriminado de um contingente populacional significativo. Os ataques intensivos à Faixa de Gaza, assim como o estabelecimento do cerco, impedindo a entrada de itens essenciais e de ajuda humanitária, cria um cenário de emergência humanitária. Apesar disso, Israel se nega a negociar um cessar-fogo definitivo, limitando as negociações de paz para os termos de troca de reféns e ajuda humanitária, sem qualquer menção à devolução de territórios ocupados, consolidando mais uma vez, através do emprego máximo de terror e do desenvolvimento próprio de novas aplicações da Doutrina do Choque, a sua ocupação territorial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-AMR, Ziad. Hamas: a historical and political background. **Journal of Palestine Studies**. [S.L.], p. 5-19. 1993.

ADLER, Selig; CONNOLLY, Thomas E.. **From Ararat to Suburbia: the history of the jewish community of buffalo**. Philadelphia: The Jewish Publication Society Of America, 1960.

AKERMAN, Roberto. Jerusalém: religião e soberania, uma disputa histórica. 2005. 126 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Geografia Humana, Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

AL JAZEERA. **Gaza under attack: a chronology of disproportionate attacks on Gaza**. A chronology of disproportionate attacks on Gaza. [s.d]. Disponível em: <https://interactive.aljazeera.com/aje/Gazaunderattack/index.html#gaza2012>. Acesso em: 17 mar. 2025.

AL JAZEERA. **Hundreds hurt as Palestinians protest evictions in Jerusalem**: Tens of thousands of Palestinian worshippers earlier packed the mosque on the final Friday of Ramadan and many stayed to protest. 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/5/7/al-aqsa-worshippers-protest-palestinian-evictions-in-jerusalem>. Acesso em: 21 mar. 2025.

AL JAZEERA. **Israel declares state of war, attacks on Gaza intensify**. Al Jazeera, 8 out. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/gallery/2023/10/8/intense-battles-as-israel-declares-state-of-war>. Acesso em: 10 mai. 2025.

AL JAZEERA. **Israel retaliation kills 230 Palestinians after Hamas operation**. Al Jazeera, 7 Oct. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/10/7/sirens-warn-of-rockets-launched-towards-israel-from-gaza-news-reports>. Acesso em: 10 mai. 2025.

AL JAZEERA. **Israel's war on Gaza has killed 50,000 Palestinians since October 2023**: number of people killed tops 50,000 as Israel intensifies attacks on blockaded Gaza, causing further suffering to palestinians. 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2025/3/23/israeli-offensive-in-gaza-has-killed-50000-palestinians-since-october-2023>. Acesso em: 13 abr. 2025.

AL JAZEERA. **Nakba Day**: What happened in Palestine in 1948?: This year marks 74 years of the Nakba, or the Palestinians' experience of dispossession and loss of their homeland. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/5/15/nakba-mapping-palestinian-villages-destroyed-by-israel-in-1948>. Acesso em: 16 abr. 2025.

AL JAZEERA. **One year of Israel's war on Gaza: Key moments since October 7**. Al Jazeera, 7 Oct. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/10/7/one-year-of-israels-war-on-gaza-a-simple-guide>. Acesso em: 15 mai. 2025.

AL JAZEERA. **Palestinian Intifada**: How Israel orchestrated a bloody takeover: On the 20th anniversary of the second Intifada, Palestinians remember how Israel sought to entrench its occupation. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/9/28/palestinian-intifada-20-years-later-israeli-occupation-continues>. Acesso em: 18 abr. 2025.

AL JAZEERA. **The Israel–Hamas truce has ended**: what we know so far. Al Jazeera, 1 Dec. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/12/1/the-israel-hamas-truce-has-ended-what-we-know-so-far>. Acesso em: 16 mai. 2025.

AL JAZEERA. **What’s behind the Ramadan raids at Jerusalem’s Al-Aqsa Mosque?**: israeli forces regularly storm al-aqsa mosque as palestinian worshippers visit the site during ramadan. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/4/5/al-aqsa-mosque-compound-and-recurrent-ramadan-tensions>. Acesso em: 18 mar. 2025.

AL JAZEERA. **‘World is watching’: Fears grow of a massive Gaza invasion by Israel**. Al Jazeera, 7 Oct. 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/10/7/world-is-watching-fears-grow-of-a-massive-gaza-invasion-by-israel>. Acesso em: 10 mai. 2025

AL-MUGHRABI, Nidal; ALKAS, Dawoud Abu. **Alegria torna-se desespero enquanto palestinos de Gaza lutam para se estabelecer no norte do enclave**. Terra, 29 jan. 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/alegria-torna-se-desespero-enquanto-palestinos-de-gaza-lutam-para-se-estabelecer-no-norte-do-enclave,7cad0001fe0b2e15016228298df9be3ctyoj55qp.html>. Acesso em: 10 set. 2025.

ANDRADE, Mariana Romling Rotheia. As Políticas de Segregação e de Apartheid do Estado de Israel e seu Reflexo nas Manifestações Artísticas Presentes no Muro da Cisjordânia. **Revista Perspectiva**: reflexões sobre a temática internacional, [S.L.], v. 14, n. 27, p. 116-146, mar. 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/117124>. Acesso em: 28 ago. 2025

ARENDT, Hannah. *The Jewish Writings*. 1. ed. New York: Schocken Books, 2007.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **As relações perigosas**: Brasil-Estados Unidos: de Collor de Melo a Lula 1990-2004. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Fórmula para o caos**: a derrubada de Salvador Allende (1970–1973). 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Civilização Brasileira, 2023.

BAR-TAL, Daniel. The told story of the Gaza war. **World Affairs**, v. 188, n. 2, p. 7-25, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1002/waf2.70005>.

BOVIS, H. Eugene. **The Jerusalem Question**, 1917-1968. California: Hoover Institution Studies, 1971.

B’TSELEM. **Broken Dawn**: testimonies about the attack on the Gaza Strip, August 2022. 27 fev. 2023. Disponível em: [https://www.btselem.org/gaza/202302\\_broken\\_dawn\\_testimonies/](https://www.btselem.org/gaza/202302_broken_dawn_testimonies/). Acesso em: 20 mar. 2025.

B’TSELEM. **Our genocide**. [s.l.]: [s.n.], jul. 2025.

B’TSELEM. The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories. **Human Rights Violations During Operation Pillar of Defense, 14-21 November 2012**. Jerusalem: B’Tselem, 2013. ISBN 978-965-7613-03-0.

CARAMURU, Bárbara. **Desespero e ruínas**: a dura realidade dos civis sob as bombas de Gaza. CartaCapital, 1 jan. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/artigo/desespero-e-ruinas-a-dura-realidade-dos-civis-sob-as-bombas-de-gaza/>. Acesso em: 10 set. 2025.

CBS NEWS. Sheikh Jarrah: **Why Palestinians are facing possible eviction in east Jerusalem**. 2021. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/israel-palestinians-sheikh-jarrah-eviction-east-jerusalem-explained/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

CBS NEWS. **World Why is violence flaring up in Israel and Gaza?** 2021. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/israel-palestinians-gaza-violence-flaring-2021/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

CHEREM, Youssef Alvarenga. Os assentamentos israelenses nos territórios ocupados: raízes históricas e sua influência no processo de paz. **Fronteira**: revista de iniciação científica em Relações Internacionais, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-127, maio 2002. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/fronteira/article/view/5027>. Acesso em: 02 set. 2025.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. Tradução de Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Xamã, 1996.

CHOMSKY, Noam. **A mídia**: propaganda política e manipulação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

CHOMSKY, Noam. **For Reasons of State**. New York: Pantheon Books, 1973.

CHOMSKY, Noam. **The fateful triangle**: the United States, Israel & the palestinians. Montreal: Black Rose Books, 1984.

CHRISTOU, William; KIERSZENBAUM, Quique. **Far-right Israeli politicians and settlers discuss luxury ‘Gaza riviera’ plan**. The Guardian, 24 jul. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2025/jul/24/far-right-israeli-politicians-and-settlers-discuss-luxury-gaza-riviera-plan>. Acesso em: 7 set. 2025.

CLEMESHA, Arlene. Palestina, 1948-2008: 60 anos de desenraizamento e desapropriação. **Tiraz**, v. 5, p. 167-187, 2008.

CNN BRASIL. **Como começou o conflito entre Israel e palestinos**: conflito remonta desde de antes da fundação do estado de Israel em 1948; entenda a história completa. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/como-comecou-o-conflito-entre-israel-e-palestinos/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

COELHO, Rodrigo Durão (ed.). **Desespero em Gaza**: população tenta se proteger após ultimato de Israel; prazo já terminou. Brasil de Fato, 13 out. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/10/13/desespero-em-gaza-populacao-tenta-se-protger-apos-ultimato-de-israel-prazo-ja-terminou/>. Acesso em: 10 set. 2025.

CONSERVA, Sarah Gabrielle Lopes. Sem terra e sem água: assentamentos israelenses e o controle sobre a água como ameaças à existência do povo palestino. 2023. 87 f. **TCC (Graduação)** - Curso de Relações Internacionais, Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João



Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27188>. Acesso em: 02 set. 2025.

DANA, Tariq. Dominate and Pacify: contextualizing the political economy of the occupied palestinian territories since 1967. In: TARTIR, Alaa; DANA, Tariq; SEIDEL, Timothy (ed.). **Political Economy of Palestine**: critical, interdisciplinary, and decolonial perspectives. Cham: Palgrave Macmillan Cham, 2021. Cap. 2. p. 25-47.

DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant G. **The Internationalization of Palace Wars**: Lawyers, Economists, and the Contest to Transform Latin American States. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

EISENHOWER, Dwight D. **Farewell Address to the Nation**. Washington, D.C., 17 jan. 1961. Disponível em: <https://www.archives.gov/milestone-documents/president-dwight-d-eisenhowers-farewell-address>. Acesso em: 15 jul. 2025.

ERAKAT, Noura. **Justice for some**: law and the question of palestine. California: Stanford University Press, 2019.

FARSAKH, Leila. **Palestinian Labour Migration to Israel**: labour, land and occupation. London: Routledge, 2005.

FERNÁNDEZ, Belén. **Israel: Normalising Terror, One Dawn at a Time**: how Israel escalates operations during political crises. Al Jazeera, 12 Aug. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2022/8/12/israel-normalising-terror-one-dawn-at-a-time>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FINKELSTEIN, Norman G. **Gaza**: an inquest into its martyrdom. California: University Of California Press, 2018

FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and Freedom**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

GELVIN, James L.. **The Israel - Palestine Conflict**: a history. 4. ed. Los Angeles: Cambridge University Press, 2021.

GONÇALVES, Telmo. Os temas da guerra: estudo exploratório sobre o enquadramento temático da guerra do iraque na televisão. **Comunicação Pública**, [S.L.], n. 11, p. 9-26, 30 jun. 2005. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/cp.9792>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/9792#ftn1>. Acesso em: 01 ago. 2025.

GORDON, Neve. **Israel's Occupation**. Berkley/Los Angeles: University Of California Press, 2008.

GRAHAM, S.; BAKER, A. Laboratories of pacification and permanent war: Israeli–US collaboration in the global making of policing. In: **The Global Making of Policing**: Routledge, 2016.

HARVEY, David. **A Brief History of Neoliberalism**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HASAN, Hanaa. **Relembrando a ofensiva israelense contra Gaza de 2014**. Monitor do Oriente, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://www.monitordo Oriente.com/20200708-relembrando-a-ofensiva-israelense-contragaza-de-2014-2/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

HENRIQUES, Hugo Rezende; CARVALHO, João Pedro Braga de. Hegel e o destino do Estado de Direito: um combate à desertificação neoliberal. In: ANDRADE, Durval Ângelo; MAYOS SOLSONA, Gonçal; HORTA, José Luiz Borges; MIRANDA, Rodrigo Marzano Antunes. [Orgs.]. **Sociedade do Controle?** Macrofilosofia do Poder no Neoliberalismo. 1ed. Belo Horizonte: Fórum, 2022

HERZL, Theodor. **A Jewish State**: an attempt at a modern solution of the jewish question. 3. ed. New York: New York Federation Of American Zionists, 1917.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914–1991). Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: <https://joaofabiobertonha.com/wp-content/uploads/2018/07/eraextremos.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2025.

HORTA, José Luiz Borges. **História do Estado de Direito**. São Paulo: Alameda, 2010.

HUBERMAN, Bruno. A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel. 2020. 368 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

HUBERMAN, Bruno; FERNANDES, Sabrina. Descolonizar futuros palestinos: o papel da comunidade internacional para a resolução justa da questão palestina/israel. **Revista Marx e O Marxismo**, [S.L.], v. 11, n. 21, p. 15-34, 10 jun. 2024. NIEP-Marx - Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo da UFF. <http://dx.doi.org/10.62782/2318-9657.2023.574>.

HUBERMAN, Bruno. Judaização da Palestina Ocupada: Colonização, Desapropriação e Deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013. 2014. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2014.

HUMAN RIGHTS WATCH. **“I Can’t Erase All the Blood from My Mind”: Palestinian Armed Groups’ October 7 Assault on Israel**. Jerusalem: Human Rights Watch, 17 July 2024. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2024/07/17/i-cant-erase-all-blood-my-mind/palestinian-armed-groups-october-7-assault-israel>. Acesso em: 10 mai. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Gaza: communications blackout imminent due to fuel shortage**. 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2023/11/15/gaza-communications-blackout-imminent-due-fuel-shortage>. Acesso em: 15 mai. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Gaza: Israel’s May airstrikes on high-rises**. Human Rights Watch, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2021/08/23/gaza-israels-may-airstrikes-high-rises>. Acesso em: 18 mar. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Israel e Palestina**. In: Human Rights Watch. World Report 2024. Nova Iorque: Human Rights Watch, 12 jan. 2024. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2024/country-chapters/israel-and-palestine> Acesso em: 18 mar. 2025.

INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION – IPC. **Famine Review Committee: Gaza Strip, August 2025**. Roma: IPC Global Support Unit, 22 ago. 2025. Disponível em: <https://www.ipcinfo.org/ipcinfo-website/countries-in-focus-archive/issue-134/en/>. Acesso em: 08 set. 2025.

IPC – Integrated Food Security Phase Classification. **IPC Overview and Classification System. 2025**. Disponível em: <https://www.ipcinfo.org/ipcinfo-website/ipc-overview-and-classification-system/en/>. Acesso em: 08 set. 2025.

ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Agreement on the Gaza Strip and the Jericho Area** (Cairo Agreement). Cairo, 4 maio 1994. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185298/>. Acesso em: 5 set. 2025.

ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Declaration of Principles on Interim Self-Government Arrangements** [Oslo I Accord]. Washington, D.C., 13 set. 1993. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-180015/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Israeli–Palestinian Interim Agreement on the West Bank and the Gaza Strip** [Interim Agreement – Oslo II]. Washington, D.C., 28 set. 1995. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185434/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

ISRAEL; ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA. **Protocol on Economic Relations between Israel and the Palestine Liberation Organization** [Paris Protocol]. Paris, 29 abr. 1994. Disponível em: [https://unctad.org/system/files/information-document/ParisProtocol\\_en.pdf](https://unctad.org/system/files/information-document/ParisProtocol_en.pdf). Acesso em: 5 set. 2025.

ISRAEL POLICY FORUM. **Operation Breaking Dawn: overview**. 8 Aug. 2022. Disponível em: <https://israelpolicyforum.org/2022/08/08/operation-breaking-dawn-overview/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

JAMAL, Amal. **The Palestinian National Movement: politics of contention, 1967-2005**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2005.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. **First Intifada**. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/first-intifada>. Acesso em: 4 set. 2025.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. **Map of the Peel Partition Plan**. s.d. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/map-of-the-peel-partition-plan>. Acesso em: 2 set. 2025.

KARAMAH, Samah. Sheik Jarrah Issue in the Context of the Palestinian Resistance Against the Israeli Occupation: a game changer. **Journal Of Islamic Jerusalem Studies**. [S.L.], p. 213-238. dez. 2023.

KENIG, Ofer; RAHAT, Gideon. The personalization of the Likud in the era of Netanyahu. **Social Science Quarterly**, [S.L.], v. 105, n. 3, p. 444-460, 11 dez. 2023.

KERKKANEN, Ari. A disputa entre duas respostas diferentes à Revolta Árabe de 1936. **Revista de Ciências Militares**, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 89-110, maio 2016. Disponível em: [https://www.ium.pt/files/publicacoes/RCM/7/RCM\\_Vol\\_IV\\_1\\_MAI\\_2016.pdf#page=89](https://www.ium.pt/files/publicacoes/RCM/7/RCM_Vol_IV_1_MAI_2016.pdf#page=89). Acesso em: 08 jan. 2025.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KNELL, Yolande. **Netanyahu to propose full reoccupation of Gaza, Israeli media report**. BBC, 5 ago. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cpqv2qjg5vvo>. Acesso em: 7 set. 2025.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas ao golpe. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KURBAN, Thiago Müller. Organizações Internacionais de Direitos Humanos: a atuação da anistia internacional e da human rights watch na ofensiva israelense chumbo fundido. 2017. **Dissertação** (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, – PUC-RS, Porto Alegre, 2017.

LAQUEUR, Walter. **A History of Zionism**: from the french revolution to the establishment of the state of israel. New York: M Jf Books, 1996.

LE GRICE, Kirsty. **The View from Sheikh Jarrah: Accounts from East Jerusalem and Palestine during 2021**. Vancouver Association for the Survivors of Torture, 2021. Disponível em: <https://www.vastbc.ca/articles/the-view-from-sheikh-jarrah>. Acesso em: 18 mar. 2025.

LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império**: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: BOITEMPO, 2010. ISBN 9788575591628.

LOUIS, Wm. Roger; SHLAIM, Avi. **The 1967 Arab-Israeli War**: origins and consequences. New York: Cambridge University Press, 2012.

MANN, Itamar; ABURASS, Aseel; LEIBOWITZ, Tirza; SHALEV, Guy. **Destruction of Conditions of Life**: a health analysis of the Gaza genocide. Tel Aviv: Physicians for Human Rights Israel, 2025. Position Paper, p. 16-18.

MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. O Lobby de Israel. **Novos Estudos**, [S.L.], p. 43-73, 23 mar. 2006.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: FIORI, José Luís (Org.). **O poder americano**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 225-252. Disponível em: [https://www.ie.ufrj.br/images/IE/EVENTO%20IE/2024/GRUPO%20ECONOMIA%20POLITICA/\(2004\)%20MEDEIROS,%20Carlos\\_O%20Desenvolvimento%20Tecnol%C3%B3gico%20Americano%20no%20P%C3%B3s-Guerra%20como%20um%20Empreendimento%20Militar.pdf](https://www.ie.ufrj.br/images/IE/EVENTO%20IE/2024/GRUPO%20ECONOMIA%20POLITICA/(2004)%20MEDEIROS,%20Carlos_O%20Desenvolvimento%20Tecnol%C3%B3gico%20Americano%20no%20P%C3%B3s-Guerra%20como%20um%20Empreendimento%20Militar.pdf). Acesso em: 15 jul. 2025.

MIDDLE EAST WATCH. **The Israeli Army and the Intifada**: policies that contribute to the killings. Nova York: Human Rights Watch, 1990. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/1990/08/01/israeli-army-and-intifada/policies-contribute-killings-middle-east-watch-report>. Acesso em: 4 set. 2025.

MOTA, Rui Martins da; AZEVEDO, Carlos E. Franco. A guerra omnidimensional: novas concepções do pensamento estratégico militar. **Revista da Escola Superior de Guerra**, [s. l], v. 27, n. 55, p. 55-68, 2012. Disponível em: <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/225/200>. Acesso em: 05 set. 2025.

NASSER, Reginaldo Mattar; PAOLIELLO, Tomaz Oliveira. Uma nova forma de se fazer a Guerra? Atuação das Empresas Militares de Segurança Privada contra o terrorismo no Iraque. **Revista de Sociologia e Política**, [S.L.], v. 23, n. 53, p. 27-46, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1678-987315235303>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/d8VDvkrSr3PvzPd8pkjkskw/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

OLIVEIRA NETO, Júdice Gonçalves de. A empresa militar privada Blackwater perante o Direito Internacional Humanitário na Guerra do Iraque: análise do caso da Praça Nisour. **Revista do Ministério Público Militar**, [S.l.], v. 51, n. 45, p. 207-254, 22 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14203775>. Disponível em: <https://revista.mpm.mp.br/rmpm/article/view/413>. Acesso em: 31 jul. 2025.

PACHECO, Arturo Benito Hartmann. A reformulação globalizada do espaço e da violência na Palestina: o mecanismo político global-local dos acordos de Oslo. 2020. 314 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

PALESTINE ROYAL COMMISSION. **Report of the Palestine Royal Commission**. London: His Majesty's Stationery Office, 1937. Disponível em: [https://ecf.org.il/media\\_items/290](https://ecf.org.il/media_items/290). Acesso em: 2 set. 2025.

PAPPÉ, Ilan. **A History of Modern Palestine**: one land, two peoples. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

PAPPÉ, Ilan. **The Ethnic Cleansing of Palestine**. Oxford: Oneworld Publications, 2011.

PARSONS, Nigel. The Palestine Liberation Organization. In: PETERS, Joel; NEWMAN, David (ed.). **The Routledge Handbook on the Israeli-Palestinian Conflict**. London/New York: Routledge, 2013. p. 209-221.

PEW RESEARCH CENTER. **A Look Back at How Fear and False Beliefs Bolstered U.S. Public Support for War in Iraq**. 2023. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2023/03/14/a-look-back-at-how-fear-and-false-beliefs-bolstered-u-s-public-support-for-war-in-iraq/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PINA, Sara. Da realidade à ficção: a cobertura noticiosa da guerra no Iraque. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2005.

PRESSMAN, Jeremy. The Second Intifada: background and causes of the israeli-palestinian conflict. **Journal Of Conflict Studies**. New Brunswick, p. 114-141. 2003.

QIBLAWI, Tamara; MACKINTOSH, Eliza; CHANG, Wayne; CHEUNG, Eric; XIONG, Yong; FOX, Kara; MEZZOIFIORE, Gianluca; BARDI, Balint. **Israel escondeu explosivos dentro de baterias de pagers, dizem investigadores**. CNN Brasil, 27 set. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/israel-escondeu-explosivos-dentro-de-baterias-de-pagers-dizem-investigadores/>. Acesso em: 10 set. 2025.

RICARTE, Joana. Cruzada pela sobrevivência: a autoridade palestina e o reconhecimento do estado. 2013. **Dissertação** (Mestrado em Relações Internacionais) - Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/ecbdec6e34ab6c184bb45ddfc177879b/1?cbl=2026366&dis=s=y&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ROY, Sara. **Failing Peace**: Gaza and the palestinian-israeli conflict. London: Pluto Press, 2007.

SAID, Edward W. **A Questão da Palestina**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SAID, Edward W. **Covering Islam**: how the media and the experts determine how we see the rest of the world. New York: Vintage Books, 1997.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2003.

SALGADO, Joaquim Carlos. Semiótica estrutural e transcendentalidade do discurso sobre a justiça. **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**, Belo Horizonte, v. 37, p. 79-101, 2000. Disponível em: <https://revista.direito.ufmg.br/index.php/revista/article/view/1142>. Acesso em: 01 set. 2025.

SANTOS, Isabela Agostinelli dos. Morte e vida palestina: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. 2023. **Tese** (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/03b13ada-4b6a-4a12-bf3e-0bce7f1c9d35>. Acesso em 25 de fev. 2025.

SCAHILL, Jeremy. **Blackwater**: The Rise of the World's Most Powerful Mercenary Army. New York: Nation Books, 2007.

SCHMITT, Carl. **The Theory of the Partisan**: A Commentary/Remark on the Concept of the Political. Tradução de A. C. Goodson. East Lansing: Michigan State University Press, 2004.

SCHREIBER, Mordecai (ed.). **The Shengold Jewish Encyclopedia**. 50th Anniversary Edition. New York: Schreiber Publishing, 2007.

SHAHINE, Yasmine. **Quais os planos do mundo árabe para a reconstrução da Faixa de Gaza?** BBC News Brasil, 23 fev. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cp8yn1lene2o>. Acesso em: 10 set. 2025.

SHIHADI, M. **Settler Colonialism and Conflict: The Israeli State and its Palestinian Subjects.** *Settler Colonial Studies*, v. 2, n. 1, p. 108–123, jan. 2012.

SHLAIM, Avi. **The iron wall: israeli and the arabi world.** New York: W.W. Norton & Company, 2014.

STATE OF QATAR; EGYPT; UNITED STATES OF AMERICA. **Qatar, Egypt, and the United States announce that the two parties to the conflict in Gaza have reached an agreement to exchange detainees and prisoners and return to sustainable calm.** Doha, Jan. 15, 2025. Disponível em: <https://mofa.gov.qa/en/latest-articles/statements/qatar--egypt--and-the-united-states-announce-that-the-two-parties-to-the-conflict-in-gaza-have-reached-an-agreement-to-exchange-detainees-and-prisoners-and-return-to-sustainable-calm>. Acesso em: 8 set. 2025.

SVETLOVA, Ksenia. **In an endless series of Israeli operations, Operation Shield and Arrow in Gaza was yet another name on the list.** Atlantic Council, 2 jun. 2023. Disponível em: [link]. Acesso em: 20 mar. 2025.

TANNIRA, Ahmed. **Foreign Aid to the Gaza Strip between Trusteeship and De-Development.** London: Anthem Press, 2021

THE GUARDIAN NEWS. **'We are at war': Israel's Benjamin Netanyahu makes statement on Hamas attack.** YouTube, 7 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GAm2RAbAc-Y>. Acesso em: 7 mai. 2025.

ULLMAN, Harlan K.; WADE, James P. **Shock and Awe: achieving rapid dominance.** Washington, D.C.: National Defense University, 1996.

UNFPA. **UNFPA Palestine Situation Report #11 – November 2024.** 1 nov. 2024. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/unfpa-sitrep-01nov2024/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

UNITED KINGDOM. Parliament. **House of Commons Library. Israel and the Occupied Palestinian Territories in 2025: UK and international response.** [Research Briefing], Londres, 29 ago. 2025. Disponível em: <https://commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cbp-10235/>. Acesso em: 8 set. 2025.

UNITED NATIONS. **Explainer: UN on the ground amid Israel-Palestine crisis.** UN News, 10 out. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2023/10/1142127>. Acesso em: 10 mai. 2025.

UNITED NATIONS. **General Assembly Resolution 3379 (1975):** elimination of all forms of racial discrimination. New York, 10 nov. 1975. Disponível em: <https://ecf.org.il/issues/issue/1320>. Acesso em: 7 set. 2025.

UNITED NATIONS. General Assembly. **Resolution 181 (II). Future Government of Palestine.** 29 Nov. 1947. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185393/>. Acesso: 26 de jul. de 2025.

UNITED NATIONS. Human Rights Council. **Report of the detailed findings of the independent commission of inquiry established pursuant to Human Rights Council resolution S-21/1.** [s.l.]: United Nations, 24 June 2015. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185919/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

UNITED NATIONS. **Israel's Rafah invasion must stop now, say UN human rights experts.** 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/israels-rafah-invasion-must-stop-now-say-un-human-rights-experts/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS – OCCUPIED PALESTINIAN TERRITORY (OCHA oPt). **Hostilities in the Gaza Strip and Israel | Flash Update No. 55.** 30 Nov. 2023. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/hostilities-gaza-strip-and-israel-flash-update-55>. Acesso em: 16 mai. 2025.

UNITED NATIONS. Office of the High Commissioner for Human Rights (OHCHR). **Gaza: experts condemn Israeli decision to re-open “gates of hell” and unilaterally change conditions of truce deal.** Genebra, 6 mar. 2025. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2025/03/gaza-experts-condemn-israeli-decision-re-open-gates-hell-and-unilaterally>. Acesso em: 8 set. 2025.

UNITED NATIONS. **Palestine – Plan of Partition with Economic Union under A/RES/181 (Annex A to resolution 181 (II) of the General Assembly, dated 29 November 1947).** 1947. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-204145/>. Acesso em: 2 set. 2025.

UNITED NATIONS. **Reported impact snapshot | Gaza Strip (3 September 2025).** Office for the Coordination of Humanitarian Affairs (OCHA oPt), 03 set. 2025. Disponível em: <https://www.ochaopt.org/content/reported-impact-snapshot-gaza-strip-3-september-2025>. Acesso em: 8 set. 2025.

UNITED NATIONS. **Report of the Special Committee to Investigate Israeli Practices Affecting the Human Rights of the Palestinian People and Other Arabs of the Occupied Territories.** A/78/553. 2023. Disponível em: <https://docs.un.org/en/A/78/553>. Acesso em: 21 mar. 2025.

UNITED NATIONS. **US vetoes resolution on Gaza which called for ‘immediate humanitarian ceasefire’.** 8 dez. 2023. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/us-vetoes-resolution-on-gaza-which-called-for-immediate-humanitarian-ceasefire-dec8-2023/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

UN News. **United States vetoes Gaza ceasefire resolution at Security Council.** 20 nov. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2024/11/1157216>. Acesso em: 15 jun. 2025.

UNRWA. **2014 Gaza Conflict.** [s.d.]. Disponível em: <https://www.unrwa.org/2014-gaza-conflict>. Acesso em: 03 abr. 2025.



USHER, Graham. The Democratic Resistance: hamas, fatah, and the palestinian elections. **Journal Of Palestine Studies**. [S.L.], p. 20-36. 2006.

VIANA, Ana Luiza d'Ávila; SILVA, Hudson Pacifico da. **Meritocracia neoliberal e capitalismo financeiro**: implicações para a proteção social e a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 2107–2117, jul. 2018. DOI: 10.1590/1413-81232018237.07582018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n7/2107-2118/pt/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

VINE, D. **Base Nation**: How US Military Bases Abroad Harm America and the World. Metropolitan Books, 2015.

ZHANG, Sharon. **Israel's Smotrich vows to annex West Bank**: “maximum land, minimum population”. Truthout, 4 set. 2025. Disponível em: <https://truthout.org/articles/israels-smotrich-vows-to-annex-west-bank-maximum-land-minimum-population/>. Acesso em: 7 set. 2025.